



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUC  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO  
PROFISSIONAL DOCENTE

MILENA GOMES DOS SANTOS

**VIVÊNCIA E ATIVIDADE DOCENTE: ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO SOBRE O  
ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DA COVID-19 NA ESCOLA**

MOSSORÓ/RN

2023

**MILENA GOMES DOS SANTOS**

**VIVÊNCIA E ATIVIDADE DOCENTE: ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO SOBRE O  
ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DA COVID-19 NA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como exigência final para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.

MOSSORÓ/RN

2023

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S237v Santos, Milena Gomes dos  
VIVÊNCIA E ATIVIDADE DOCENTE: ESTUDO  
SÓCIO-HISTÓRICO SOBRE O ENFRENTAMENTO À  
PANDEMIA DA COVID-19 NA ESCOLA. / Milena Gomes  
dos Santos. - Mossoró-RN, 2023.  
101º.

Orientador(a): Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-  
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte.

1. Programa de Pós-Graduação em Educação. I.  
Soares, Júlio Ribeiro. II. Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte. III. Título.

MILENA GOMES DOS SANTOS

**VIVÊNCIA E ATIVIDADE DOCENTE: ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO SOBRE O  
ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DA COVID-19 NA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como exigência final para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares  
(POSEDUC/UERN)

---

Prof. Dra. Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro  
(POSEDUC/UERN)

---

Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares  
(IFRN)

---

Prof. Dr. Douglas Araújo  
(UFRN)

---

Prof. Dr. Bernardino Galdino de Sena Neto  
(UESB)

MOSSORÓ-RN  
2023

## RESUMO

O estudo objetiva compreender as significações constituídas nas vivências escolares de professores dos anos iniciais no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Para isso, buscamos apoio na Psicologia Sócio-histórica, cujas categorias vivência, atividade e significações, definidas como construções intelectivas, possibilitaram compreender o movimento da realidade do trabalho docente na pandemia em uma escola pública da cidade de Natal-RN. Metodologicamente, a pesquisa seguiu algumas etapas como: inicialmente, foi realizado um levantamento de estudos sobre a temática, tendo como referência a produção do estado da arte. Na sequência, realizamos reunião na escola para apresentar a proposta do projeto de pesquisa. Com o aceite da nossa investigação pela equipe de professores e gestores, buscamos conhecer algumas características relativas a estrutura e ao funcionamento da instituição. A escola conta com cinco turmas que contemplam a matrícula de aproximadamente 125 alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. No total, a escola dispõe de um quadro de 9 docentes efetivos, dos quais foram selecionados 3 para a pesquisa, segundo o critério de que só poderiam participar aqueles professores que tanto atuaram de forma remota no período da pandemia, quanto continuam desenvolvendo seu trabalho na mesma escola após o retorno para as aulas presenciais. No processo de produção de dados, utilizamos a entrevista recorrente, por esta permitir o retorno aos sujeitos participantes da pesquisa. De posse do material coletado, realizamos as transcrições das entrevistas e seguimos com a estruturação do procedimento de análise, cujo processo (leitura flutuante, levantamento de pré-indicadores e sistematização de indicadores) resultou em três núcleos de significações, a saber: 1) as condições de trabalho dos professores na pandemia e os recursos pedagógicos disponíveis; 2) as situações enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho no formato remoto; e 3) as metodologias de ensino utilizadas pelos professores no formato remoto e suas implicações para o processo de aprendizagem. A partir da análise dos referidos núcleos, nos aproximamos o máximo possível do objetivo pretendido na pesquisa.

**Palavras-chave:** Atividade Docente; Pandemia; Psicologia sócio-histórica; Vivências; Significações.

## ABSTRACT

This study aims to understand the meanings constituted in the school experiences of primary school teachers in coping with the Covid-19 pandemic. To this end, we sought support from socio-historical psychology, whose categories of experience, activity and meanings, defined as intellectual constructions, made it possible to understand the movement of the reality of teaching work during the pandemic in a public school in the city of Natal-RN. Methodologically, the research followed a number of stages: initially, a survey of studies on the subject was carried out, taking as a reference the production of the state of the art. We then held a meeting at the school to present the research project proposal. Once the team of teachers and managers had accepted our research, we tried to find out about some of the characteristics of the structure and functioning of the institution. The school has five classes enrolling approximately 125 students in the early years of elementary school. In total, the school has a staff of 9 permanent teachers, 3 of whom were selected for the research, according to the criterion that only those teachers who worked remotely during the pandemic and who continue to work in the same school after returning to face-to-face classes could participate. In the process of producing data, we used the recurring interview, as this allowed us to return to the subjects taking part in the research. Once we had the material collected, we transcribed the interviews and went on to structure the analysis procedure, the process of which (floating reading, gathering pre-indicators and systematizing indicators) resulted in three nuclei of meaning, namely: 1) the working conditions of teachers in the pandemic and the teaching resources available; 2) the situations faced by teachers in carrying out their work in the remote format; and 3) the teaching methodologies used by teachers in the remote format and their implications for the learning process. Based on the analysis of these nuclei, we have come as close as possible to the research objective.

Keywords: Teaching activity; Pandemic; Social-historical psychology; Experiences; Meanings.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1– Procedimento Metodológico .....                    | 38 |
| Figura 2 - IDEB da escola entre os anos de 2005 e 2021 ..... | 41 |

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

BDTD - BANCO DE DISSERTAÇÕES E TESES

CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

IES - INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

IDEB - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

POSEDUC - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

UERN - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Levantamento inicial com descritor .....                 | 15 |
| Quadro 2 – Refinamento por Título dos Artigos.....                  | 16 |
| Quadro 3 – Refinamento por objetivos.....                           | 17 |
| Quadro 4 –Trabalhos selecionados e seus objetivos .....             | 17 |
| Quadro 5 – A Suspensão das aulas.....                               | 18 |
| Quadro 6 – O ensino remoto .....                                    | 20 |
| Quadro 7 – Pré-indicadores (Entrevista com Flor, 2022).....         | 46 |
| Quadro 8 – Pré-indicadores (Entrevista com Sempre Viva, 2022) ..... | 47 |
| Quadro 9– Pré-indicadores (Entrevista com Cacto, 2022).....         | 48 |
| Quadro 10– Aglutinação dos Pré-Indicadores.....                     | 49 |
| Quadro 11– Constituição dos Núcleos de Significação.....            | 54 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 APRESENTANDO O DESCONHECIDO E A SUA RELEVÂNCIA</b> .....  | 10 |
| 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....   | 12 |
| 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA .....  | 13 |
| 1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....  | 14 |
| <b>2 ESTADO DO CONHECIMENTO: AS FACES DO TRABALHO DOCENTE NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DE COVID-19</b> .....                                      | 15 |
| <b>3 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CATEGORIAS ATIVIDADE, VIVÊNCIAS E SIGNIFICAÇÃO</b> .....                                 | 26 |
| 3.1 A CATEGORIA: ATIVIDADE .....   | 27 |
| 3.2 A CATEGORIA: VIVÊNCIA .....  | 29 |
| 3.3 A CATEGORIA: SIGNIFICAÇÃO .....  | 31 |
| <b>4 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....   | 34 |
| 4.1 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS .....   | 35 |
| 4.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS .....  | 37 |
| <b>5 SUJEITOS E CAMPO DE PESQUISA</b> .....  | 40 |
| 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....  | 40 |
| 5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA .....  | 42 |
| 5.3 A DOCENTE FLOR.....  | 43 |
| 5.4 A DOCENTE CACTO .....  | 43 |
| 5.5 A DOCENTE SEMPRE VIVA .....  | 44 |
| <b>6 AS SIGNIFICAÇÕES DA VIVÊNCIA E DA ATIVIDADE DOCENTE NA PANDEMIA DA COVID-19</b> .....   | 45 |
| 6.1 DA CONSTITUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES .....   | 53 |
| <b>7 ANÁLISE DOS DADOS, INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b> .....   | 55 |
| 7.1 NÚCLEO: AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES NA PANDEMIA E OS RECURSOS PEDAGÓGICOS DISPONÍVEIS .....                                     | 55 |
| 7.2 NÚCLEO: AS SITUAÇÕES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES NO DESENVOLVIMENTO DE SEU TRABALHO NO FORMATO REMOTO .....                                | 61 |
| 7.3 NÚCLEO: AS METODOLOGIAS DE ENSINO DESENVOLVIDAS PELOS PROFESSORES NO FORMATO REMOTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ..... | 69 |

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> ..... | 76 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....            | 78 |
| <b>APENDICE -B</b> .....            | 85 |
| <b>APENDICE – C</b> .....           | 90 |
| <b>APENDICE – D</b> .....           | 95 |
| <b>APENDICE – E</b> .....           | 97 |
| <b>APENDICE – F</b> .....           | 98 |

## **1 APRESENTANDO O DESCONHECIDO E A SUA RELEVÂNCIA**

Inquietações e curiosidades são aspectos que despertam a busca da compreensão sobre diversos problemas que podem nos colocar diante de algo ainda não conhecido. Em meio as incertezas que nos deparamos no ano de 2020, o COVID-19 foi uma delas. Com a pandemia, a sociedade sofreu vários impactos, principalmente com o “fechamento das portas” de vários serviços, inclusive os das escolas, as quais tiveram os seus fazeres comprometidos com a paralização de suas atividades presenciais. O fechamento foi realizado como uma das medidas para o enfrentamento do coronavírus, respaldado pela Lei de nº 13.979 de 06 de fevereiro de 2020, onde se encontra, em seu artigo 2º, a previsão legal do distanciamento das pessoas através do isolamento social e da quarentena, trazendo a definição de ambos os casos.

Esse item, intitulado como “apresentando o desconhecido”, se dá pela necessidade de entender como esse momento se revelou para a sociedade. Um vírus que impactou a vida em todo o mundo, mexendo na rotina de todos foi algo que ninguém conhecia, não se sabia nem como o enfrentar. O sentimento despertado era o medo que, em meio das incertezas vividas com a pandemia e muitas vidas interrompidas, a esperança de sobreviver alavancava formas diversas de enfrentá-la. Assim, a presente pesquisa parte de um estudo sobre a vivência escolar na pandemia, dentro de uma perspectiva da psicologia sócio-histórica. Para isso, destacaremos as contribuições de Aguiar e Ozella (2013), Bock, Gonçalves e Furtado (2017); Soares (2006; 2011), entre outros autores que contribuirão com os seus olhares, apresentando posicionamentos de grande relevância para determinados aspectos da pesquisa.

Fazendo uma pequena retrospectiva, por ser filha de professora do Estado – hoje já aposentada -, vivenciamos juntas grandes afetos positivos e negativos na Educação, como por exemplo querer dar uma aula com determinados recursos, mas não se ter tantos a disposição. Apesar desse cenário, nem por isso desistimos de realizar uma atividade docente de qualidade. Assim a partir do momento que iniciei o curso de Pedagogia, em 2006, passei a refletir mais ainda sobre o papel do professor na educação brasileira.

Além de compartilhar conhecimento, o profissional da educação possui a capacidade de mostrar aos seus alunos os talentos e os potenciais deles. O universo da sala de aula nos fez repensar o real sentido da palavra diversidade, compreendendo que o desenvolvimento humano é constante, mas o ritmo é pessoal, necessitando buscar caminhos para que este percurso se cumpra de forma saudável e edificante. Neste sentido, procurar estratégias para

compartilhar o conhecimento da melhor forma possível para os alunos passou a fazer parte da nossa missão enquanto educador.

Os desafios que nos fizeram refletir sobre a garantia dos direitos a aprendizagem do aluno foram sempre recorrentes. A forma como se dá o processo de aquisição de conhecimentos está muito ligado ao que lhe é ensinado, mas sabemos que os procedimentos de acesso a eles também podem interferir e falhar. É importante considerar como o educando se sente afetado, principalmente, na escola pública, e com o distanciamento social devido a pandemia abalou este processo, fazendo com que as estratégias de ensino fossem repensadas e reelaboradas.

Na maioria das vezes, a instituição de ensino é o único lugar em que as crianças se deparam com saberes que podem fazer diferença positiva em suas vidas no que diz respeito a formação social e educacional. Para Freire (2001), cada ser humano é um sujeito de sua própria história, e a necessidade de se relacionar com o outro é a maior prova de que somos seres incompletos que precisamos sempre de algo a mais: da interação, das trocas, de adquirir conhecimentos. Esses conhecimentos, por sua vez, recebem o nome de aprendizado, e a escola é um dos espaços apropriados para adquiri-lo.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades [...] possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (Freire, 2001, p. 16).

As pessoas são sujeitos e não objetos no processo da aprendizagem, daí a necessidade de compreender o desenvolvimento do trabalho docente durante o enfrentamento da pandemia. Ainda, tendo em vista que o conhecimento é produto das relações das pessoas com o mundo e com o outro, investigar como se deu essa vivência pedagógica que ocorreu para além nos muros da escola regular é altamente necessário.

É importante ressaltar que para além das nossas próprias vivências com o ensino remoto durante o distanciamento social, na esfera da rede municipal e estadual na capital do Estado do Rio Grande do Norte, houve muitos desafios para que as aulas ocorressem. Tendo como proposta didática a responsabilidade de lecionar conteúdos curriculares da Base Nacional e de projetos específicos desenvolvidos pelas próprias instituições de ensino, questões complexas foram enfrentadas tanto pelas escolas, como pelas famílias dos alunos, para que eles tivessem acesso as orientações das atividades propostas durante a pandemia.

A concepção de aprender através da construção do conhecimento parte do pressuposto de que a escola deve tornar acessíveis aos seus alunos, aspectos que são fundamentais para

seu desenvolvimento não só no âmbito cognitivo, mas também incluindo as capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social e relação com o meio em que vive. Conhecer o trabalho docente desenvolvido no período da pandemia é o que queremos para refletir sobre suas vivências e significações constituídas nesse contexto atravessadas por emoções. Assim, consideramos este contexto a partir de uma perspectiva da psicologia sócio-histórica e de uma educação como um campo de conhecimento e de atuação.

Independentemente de qualquer circunstância, o homem precisa se sentir desafiado para conceber novos conhecimentos. De acordo com Freire (1998), a cada desafio, novas situações vão surgindo e outras respostas aparecendo. Estas respostas e suas consequências representam a experiência adquirida e constituem novos saberes que ficam registrados na memória, contribuindo para o aprendizado e formação humana. Diante disto, nos sentimos encorajados a pesquisar sobre o trabalho docente dentro desse contexto pandêmico, para que tenhamos o direito de compreender, conhecer e registrar o mundo de forma aprofundada, clara e concreta. Isto se faz necessário, principalmente, quando se considera que este mundo, muitas vezes, não possui igualdade de condições.

Fazer parte da dinâmica que permeia a construção de saberes e perceber as barreiras enfrentadas nas escolas em um momento tão desafiador e cheio de incertezas que impactou a nossa prática docente, e a mudança de olhar foi inevitável para dar continuidade a um trabalho pedagógico realizado pelo profissional docente. Nesse sentido, o presente estudo tem uma grande importância em diversas esferas da sociedade, principalmente ao trazer significativas contribuições no campo acadêmico, educacional e social.

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Em tempos de crise, inúmeros questionamentos e reflexões são feitos, como: Será que vamos sobreviver? Iremos contar história ou fazer história? Que lições ficarão? Eles passam a ser pautados no cotidiano de muitos cidadãos, principalmente, quando envolve a vida no seu sentido mais amplo. Diversas são as dificuldades a serem enfrentadas, a exemplo de ter sua liberdade de ir e vir limitada e restrita, mas, no caso da COVID, um vírus invisível com consequências impactantes no modo de viver dos cidadãos de todo o mundo, até acessórios fundamentais para preservar a vida (EPIs) foram necessários. Dessa forma, a pandemia de COVID-19 que se enfrenta no Brasil desde o ano de 2020, vem despertando várias inquietações em diversas áreas de conhecimentos, como na da atividade educativa, especificamente ao trabalho docente.

Como medida frente aos impactos da pandemia, as escolas, em conformidade com a Lei 13.979/2020, foram uma das primeiras instituições a serem fechadas no nosso país. Há de se pontuar que a própria Constituição Federal de 1988 garante a educação como um direito fundamental e, apesar da paralização das aulas presenciais, observou-se que algumas escolas não ficaram omissas as suas responsabilidades. Estas instituições continuaram desempenhando o seu papel, dialogando e informando as famílias sobre a atual conjuntura, além de desenvolver aulas remotas através de algumas plataformas e aplicativos de mensagens instantâneas, chamadas de voz e vídeo.

É importante mencionar as Diretrizes do Conselho Nacional de Educação que, por meio da Resolução CNE/CP Nº 2 de 10 de dezembro de 2020, orientam para implementação da Lei 14.040 de 18 de agosto de 2020, estabelecendo normas educacionais excepcionais a serem adotadas, trazendo na Seção I os dias letivos e a carga horária que foram dispensadas em caráter excepcional.

Muitos professores desenvolveram e ainda vem desenvolvendo aulas remotas, pois tal prática educativa continua sendo executada mesmo com o retorno de algumas escolas ao modo de aula presencial. Dessa forma, a proposta desse trabalho parte da seguinte indagação: como professores dos anos iniciais do ensino fundamental vivenciaram, em plena atividade docente, o enfrentamento à pandemia de Covid-19?

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo principal desta pesquisa foi **compreender as significações constituídas nas vivências escolares de professores dos anos iniciais do ensino fundamental durante o enfrentamento da pandemia em uma escola pública de Natal/RN**. Com base nas possíveis variáveis do trabalho docente e do seu desenvolvimento profissional, a pesquisa teve como foco principal os professores que desenvolveram atividades no período de distanciamento social e que, posteriormente, retornaram a um novo período presencial, conforme os decretos estabelecidos pelo Estado.

Com base no objetivo geral, os objetivos específicos foram:

- Conhecer as condições de trabalho dos professores na pandemia, considerando os recursos pedagógicos disponíveis, as orientações e formações realizadas por eles na tentativa de dar continuidade ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem;
- Identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos professores no formato remoto e suas implicações para o processo de aprendizagem dos alunos;

- Mapear e compreender quais foram as situações enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho durante a necessidade de trabalho no formato remoto.

### 1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Abordou-se em cada seção desta dissertação um objetivo do estudo aqui proposto. Temos um total de cinco seções, nas quais possibilitam o alcance de nosso objetivo geral. O texto está estruturado, inicialmente, com a introdução, intitulada “Apresentando o desconhecido e a sua relevância”. Nela é apresentada uma caracterização geral motivadora do estudo, formulação do problema, os objetivos, a relevância da pesquisa e apontamentos de alguns autores.

Na primeira seção trazemos o estado do conhecimento sobre a educação em tempos de pandemia, apresentando estudos que revelam como se deu, inicialmente, as atividades desenvolvidas pelos professores. Na segunda seção, “Considerações sobre as categorias da atividade docente, vivências e significação à luz da psicologia sócio-histórica”, apresentamos as categorias que possibilitarão conhecer as condições de trabalho dos professores durante o período pandêmico. Nela temos um olhar numa perspectiva da psicologia sócio-histórica onde, para Bock (2017), as capacidades humanas surgem depois de várias transformações qualitativas.

Na terceira seção trazemos a metodologia da pesquisa, destacando o percurso para obtenção de dados, dos procedimentos de coletas e de análise. Na quarta seção, apresentamos os sujeitos e o campo da pesquisa, apontando já algumas questões relacionada ao cenário e os sujeitos pesquisados. Na quinta seção, “As significações da vivência e da atividade docente na pandemia da covid-19”, identificou-se as vivências do trabalho desenvolvido pelos professores, destacando e mapeando a dimensão das situações (dos sentidos), enfrentadas pelas professoras no desenvolvimento de seu trabalho através do levantamento dos pré-indicadores, indicadores e da constituição dos núcleos de significações.

Partimos do olhar de Soares (2011) sobre a atividade docente, na qual as realidades não se devem e nem se pode ser ignorada. Assim, na sexta seção, apresentamos a análise dos dados, as interpretações das informações e os núcleos de significação. Por fim, nas nossas considerações finais, revelamos os sentidos, significados e ressignificados do trabalho docente no período pandêmico analisado.

## **2 ESTADO DO CONHECIMENTO: AS FACES DO TRABALHO DOCENTE NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DE COVID-19**

Com o objetivo de fazer um levantamento do que vem sendo discutido sobre o trabalho docente no contexto de enfrentamento a Covid-19, considerando a suspensão das aulas presenciais e a implementação do ensino remoto no período mais crítico da pandemia, apresentamos o estado da arte sobre o assunto. Utilizamos o descritor **Educação e Covid-19**, considerando o período 2020 e 2021. No momento em que realizamos o levantamento, ainda não havia, ou talvez houvesse apenas um número muito reduzido, de teses e dissertações concluídas sobre os impactos da pandemia de covid-19 na educação. Assim sendo, optamos por inventariar na base de dados da Scielo apenas os artigos que tinham sido publicados sobre o assunto.

A temática ainda carece de estudos voltados ao campo da educação básica, incluindo as significações constituídas pelo professor em meio a realidade da pandemia e suas implicações na educação. Assim sendo, esse espaço tem como finalidade principal apresentar os resultados e as discussões até então realizadas e publicadas acerca da suspensão das aulas, do distanciamento social e do ensino remoto no período de 2020 e 2021.

No levantamento de publicações de artigos nos anos de 2020 e 2021, na base da Scielo, definimos como ferramenta de busca o descritor **Educação e Covid-19** e o idioma português, como pode ser verificado no quadro 1:

Quadro 1 – Levantamento inicial com descritor

|                                       |            |
|---------------------------------------|------------|
| <b>Descritor: Educação e COVID-19</b> |            |
| <b>Relato de caso: 42</b>             |            |
| <b>Artigos: 217</b>                   |            |
| <b>Total</b>                          | <b>259</b> |

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base na Scielo (2022).

Conforme podemos constatar no levantamento realizado na base Scielo, encontramos, de início, 259 trabalhos publicados, sendo 217 artigos e 42 relatos de caso. Assim, fizemos

uma triagem em conformidade as pesquisas que abordassem o trabalho docente na educação básica durante período de enfrentamento do Covid-19.

Após esse levantamento inicial e a fim de refinar os resultados, elencamos cinco palavras em que, pelo menos uma delas, deveriam estar presente nos títulos dos artigos: Covid-19 ou pandemia; educação; professor ou docente; ensino remoto; e trabalho. Ainda, também se utilizou o critério de que o estudo deveria estar voltado para educação básica. Assim, 42 relatos de casos foram descartados de nosso estado da arte, considerando que nenhum deles atenderam pelo menos um dos critérios estabelecidos. A maioria destes artigos estavam voltados para a área de saúde, principalmente a estudos de mentoria nos cursos de medicina. Ao buscar nos 217 artigos restantes, utilizamos os mesmos critérios dos relatos de casos, temos o seguinte quadro de refinagem por título:

Quadro 2 – Refinamento por Título dos Artigos

| <b>ANO DA PUBLICAÇÃO</b> | <b>QUANTIDADE</b> |
|--------------------------|-------------------|
| 2020                     | 05                |
| 2021                     | 26                |
| <b>TOTAL</b>             | <b>31</b>         |

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base na Scielo (2022).

Assim, dos 31 trabalhos que atenderam aos critérios estabelecidos no refinamento por títulos, considerou-se os objetivos dos trabalhos e os periódicos com alto impacto no campo de educação, avaliados com conceitos mais altos. Com esses critérios de inclusão e exclusão por objetivos, ficamos com o seguinte quadro:

Quadro 3 – Refinamento por objetivos

| PERÍODICOS                        | ANO DE 2020 | ANO DE 2021 | TOTAL     |
|-----------------------------------|-------------|-------------|-----------|
| <b>Educação &amp; Realidade</b>   | -           | 01          | 01        |
| <b>Educação &amp; Sociedade</b>   | 01          | -           | 01        |
| <b>Trabalho, Educação e Saúde</b> | -           | 01          | 01        |
| Total                             |             |             | <b>03</b> |

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base na Scielo (2022).

Na base da Scielo, utilizando ainda os descritores **educação e covid-19** e os critérios de refinamento mencionados, verificamos esses 3 artigos que estão relacionados ao que no momento nos propomos a pesquisar, sendo os seguintes estudos:

Quadro 4 – Trabalhos selecionados e seus objetivos

| TÍTULOS   | OBJETIVOS  |
|---|--|
| Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia.  | O objetivo foi analisar os pensamentos, sentimentos, desafios e perspectivas dos docentes nesse período de calamidade.   |
| (Re)organizar o trabalho pedagógico em tempos de covid-19: no limiar do (im)possível                | Analisa a experiência de uma escola pública do estado do Paraná, Brasil, no início do enfrentamento dos desafios impostos pela pandemia da Covid-19.   |
| Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19 | Em pesquisa de coorte em duas fases, o sofrimento psicológico de professores e professoras da Educação Básica foram analisados em função da quantidade de trabalho remoto, do gênero, da quantidade de trabalho doméstico e da experiência prévia. |

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base na Scielo (2022).

A pesquisa partiu de um levantamento dos artigos e buscou apreender os estudos que proporcionassem conhecer as condições de trabalho dos professores, identificar os impactos sofridos nos trabalhos por eles desenvolvidos e as dificuldades enfrentadas pelos docentes no desenvolvimento de suas atividades. Dessa forma, partimos de uma abordagem qualitativa que, consoante Marconi e Lakatos (2017), são dados analisados em seu conteúdo psicossocial. Assim, seguimos com a perspectiva da realização de análise temática, utilizamos a aplicação

em três etapas de análise, sendo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados mediante categorização conforme o que Gomes (2007) delimita de o tipo de análise de conteúdo temática.

O estudo foi organizado em duas temáticas, sendo elas: **suspensão das aulas presenciais** e **ensino remoto**. A partir da nossa primeira temática, a suspensão das aulas presenciais, observou-se o desencadear de estratégias para a continuidade das atividades escolares no Brasil. Um olhar de investigadora permitiu averiguar a seguinte situação:

Quadro 5 – A Suspensão das aulas

| <b>ESTUDOS</b>                    | <b>SUSPENSÃO DAS AULAS PRESENCIAS</b>   |
|-----------------------------------|---|
| Almeida, Dalben (2020)            | - Impossibilidade das atividades presenciais, implementação do ensino remoto se mostra complexa e desafiadora;<br>-Afastamento físico com manutenção de contato social. |
| Troitinho <i>et al.</i> (2021)    | - Como estratégia para conter o Covid-19 sendo uma medida sanitária o distanciamento social, sendo as aulas presenciais suspensas.                                      |
| Cipriani, Moreira e Carius (2021) | - À adoção da quarentena como medida para conter o contágio do vírus, tiveram as aulas presenciais suspensas.   |

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base na Scielo (2022).

Ao delinear o quadro acima, podemos constatar que o distanciamento social ocasionou o fechamento das escolas por todo o país, sendo uma medida de proteção para que o vírus não se propagasse com tanta intensidade. Tais estudos já sinalizam a necessidade de desenvolvimento de algumas atividades para dar continuidade a um trabalho pedagógico. Um ponto a destacar é a nova realidade a ser enfrentada, conforme é enfatizado no estudo a seguir.

Como estratégia de conter a propagação da Covid-19, o Ministério da Saúde instituiu medidas sanitárias e o distanciamento social como maneira preventiva e de contenção da doença, o que causou mudanças de hábitos sociais da população brasileira. Escolas e universidades tiveram suas aulas presenciais suspensas. Frente a essa nova realidade, e a necessidade de garantir a continuidade do ano letivo, o Ministério da Educação, considerando o artigo 32 da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional nº 9394/96, instituiu portarias indicando a continuidade das aulas através de atividades remotas emergenciais (Troitinho *et al.*, 2021, p. 3).

De acordo com o pensamento citado. podemos dizer que o distanciamento foi necessário, mas o trabalho educativo realizado pelas escolas, mesmo com as suspensões das aulas presenciais, não poderia ser paralisados. Assim, mudanças de hábitos foram vivenciadas

e se formando para tentar dar conta da nova realidade. Há de se afirmar, também, que essas medidas afetaram a vida da população e modificaram a vida de vários indivíduos, dentre eles a dos professores, alunos e familiares. Dentro desse contexto, destaca-se as diversas responsabilidades do docente, como criar um novo espaço para aprendizagem e utilizar ferramentas tecnológicas em seu trabalho de forma estratégica para possibilitar um ensino dinâmico e flexível.

É bem verdade, como destacado no quadro, que o afastamento físico ocorreu e se fez necessário, mas, por outro lado, a manutenção do contato social permaneceu através dos ambientes virtuais, sendo de alguma forma estabelecido o diálogo. Com a suspensão das aulas presenciais, podemos apontar duas possíveis preocupações para a retomada das atividades escolares: meros cumprimentos das normativas existentes para preenchimento unicamente da velha e conhecida, burocracia; e, a segunda, é a que queremos “apostar”, sendo o compromisso de educar a todos independente da classe social, pensando na formação intelectual dessas crianças e adolescentes.

Apesar do momento pandêmico pedir cautela, houve questionamentos sobre o trabalho dos professores, pois estes estavam, supostamente, em casa, sem fazer nada enquanto continuavam a receber do governo os seus salários. Isso nos lembra Morin (2000), ao tratar que a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana, o que nos leva a pensar que, durante a pandemia, esse ensino, nessa perspectiva, não foi efetivado. Isto, então, causou os pensamentos relacionados ao não desenvolvimento de trabalho pelos docentes.

É necessário destacar os alunos e os impactos também por eles sofridos, pois, as questões relacionadas a inserção da aula remota vão além das dificuldades de acesso. A forma como o ensino remoto emergencial foi “organizado” fez com que, por exemplo, o professor tenha voltado para si as atenções das crianças, dos adolescentes e seus familiares por tempo considerável de seus dias. Assim, também vamos considerar o que os estudos têm a revelar sobre o ensino remoto:

## Quadro 6 – O ensino remoto

| <b>ESTUDOS</b>                   | <b>ENSINO REMOTO</b>   |
|----------------------------------|--|
| Almeida, Dalben (2020)           | - Recursos digitais e do ensino remoto associados a um ensino de menor qualidade que o presencial;                       |
| Troitinho <i>et al</i> (2021)    | - O ensino remoto emergência tem revelado fragilidades do ponto de vista pedagógico;                                     |
| Cipriani, Moreira, Carius (2021) | - Falta de equipamentos, ambiente adequado para as aulas, instabilidade das conexões e dificuldades de acesso ao remoto. |

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base na Scielo (2022).

É importante ressaltar que os três estudos não tratam conceitualmente sobre o que seria ensino remoto, Almeida e Dalben (2020) se referem apenas sobre disponibilização de aulas a serem assistidas e atividades a serem desenvolvidas pelos estudantes. Já Troitinho *et al.* (2021) apresentam uma diferenciação, também trabalhada por Arruda (2020), que distingue a educação remota da educação a distância pelo uso atrelado a circunstâncias específicas e emergenciais. Cipriani, Moreira e Carius (2021) não tratam de conceitos e nem de distinções do ensino remoto.

Diante dessa categorização sobre o ensino remoto, destacamos as considerações dos estudos que apontam os impactos desse ensino e a fragilidade pedagógica advinda da carência de formação adequada dos docentes para o ensino virtual. Eles demonstram a exigência de mais tempo para a preparação das aulas, correções dos trabalhos e, ainda, para o atendimento individual por meio eletrônico.

A despeito de ser a única opção plausível, dadas as incertezas sobre a duração das medidas de isolamento, a implementação do ensino remoto se mostra via de mão dupla: por um lado, permite que o afastamento seja físico, mas não completo, com manutenção de contato social em meio virtual; por outro, traz, de maneira subjacente, o aumento das desigualdades educacionais já demasiadamente expressivas no sistema educacional brasileiro. Diante desse dilema, em contraponto a nada fazer, coube aos profissionais buscar formas de se reinventar para manter seu exercício docente (Almeida e Dalben, 2020, p. 3).

Os autores evidenciam as incertezas vivenciadas e revelam que, apesar do distanciamento físico, ainda há oportunidade de socialização através dos recursos tecnológicos. Aqui aproveitamos para destacar os smartphones, com seus aplicativos de redes sociais que possibilitam uma interação social online. Por outro lado, o estudo aponta uma

preocupação com as desigualdades educacionais ao considerar que as escolas privadas iniciaram tal ensino anteriormente. Os autores acrescentam, ainda, o acesso limitado aos recursos, o que pode contribuir para a efetivação de processo de exclusão dos alunos. Vale ressaltar a diversidade de estratégias utilizadas, o estudo demonstra:

O ensino remoto proposto constitui-se basicamente pela disponibilização de aulas a ser assistidas e atividades a ser desenvolvidas pelos estudantes. As aulas são transmitidas pela televisão aberta e reproduzidas pela plataforma YouTube, e as atividades, disponibilizadas na plataforma Google Classroom e em meio impresso para aqueles sem acesso aos mecanismos digitais. As atividades virtuais são elaboradas, disponibilizadas, acompanhadas e controladas pela própria SEED e os professores têm como única opção manter, alterar ou complementar essas atividades. Convênios firmados possibilitaram que professores e alunos pudessem acessar a Internet sem custos financeiros pessoais (Almeida e Dalben, 2020, p. 5).

Alguns estados viabilizaram o acesso ao ensino de diversas formas, mas essa não foi a realidade da maioria deles. O Estado do Rio Grande do Norte, inclusive, não promoveu nenhuma ajuda de custo e nem realizou convênios para proporcionar o acesso a internet para os professores e, muito menos, para os alunos.

A garantia das condições de acesso a todos os estudantes foge às possibilidades reais da escola. Muitas famílias não conseguem garantir a infraestrutura necessária para possibilitar a suas crianças e seus adolescentes o acompanhamento das atividades escolares, além de casos ainda mais severos, em que as condições objetivas de subsistência também estão comprometidas (Almeida e Dalben, 2020, p. 7)

Tais condições passam pelo aspecto econômico, pois a estrutura que esse tipo de ensino exige tende a demandar um alto investimento financeiro por parte das escolas. Um ponto a destacar é que a maioria das crianças atendidas pela rede pública de ensino são advindas de classes sociais desfavorecidas, sendo filhos de trabalhadores que, muitas vezes, não possuem escolaridade suficiente para ensinar/acompanhar suas crianças com as tarefas encaminhadas no momento das aulas.

Em tempos de isolamento social, para além da própria adoção dos recursos digitais, acompanhar o enfrentamento da pandemia em uma escola tem permitido ver que a (re)organização escolar necessária e exigida à instituição esbarra, para além das questões estruturais e pedagógicas, em uma avalanche de medos. Esses, múltiplos e intensos, são de natureza diversa e muito desafiadores: medo de não responder a contento às exigências tecnológicas; medo das desigualdades sociais; medo da doença; medo da morte. (Almeida e Dalben, 2020, p. 15)

Diante do exposto, com COVID-19 ainda pouco conhecido, inúmeros cientistas investiram seu tempo na busca de enfrentar essa doença avassaladora, porém, enquanto isso,

muitas pessoas adoeceram, ficando em estado grave ou não resistindo ao vírus. Sendo assim, nesse cenário de incertezas, o sentimento presente na vida da população era o medo, seja de contrair a doença e vir a óbito, seja de se manter diante dessa realidade em que as atividades de diversas áreas foram atingidas. É importante destacar que, além disso tudo, ainda passamos pela morosidade na aquisição das vacinas, fato deplorável para o momento de aflição que os cidadãos brasileiros estavam passando na esperança de uma proteção mais eficaz.

Muitos profissionais tiveram que se adaptar a uma nova realidade enquanto passavam por frustrações em não atender as suas diversas necessidades pessoais, profissionais, sociais e econômicas. Esta situação não foi diferente para os professores, como podemos constatar nos estudos mencionados nesta pesquisa.

Percebeu-se que os docentes, apesar das dificuldades, estavam se adaptando à situação do distanciamento social. O estudo revelou novas aprendizagens com a suspensão das aulas presenciais e com a adoção de diferentes meios e recursos de trabalho para as aulas on-line. Nessa direção, as distintas ferramentas e metodologias emergiram como desafios e descobertas. A necessidade de se reinventar, de ressignificar práticas e o incentivo à criatividade foram reforçados no cotidiano educacional, em tempos de pandemia (Cipriani, Moreira e Carius, 2021, p. 9).

É bom frisar que muitos utilizam as expressões “reinventar” e “ressignificar” como sinônimos, no entanto, chamamos a atenção que, ao reavaliarmos e incluirmos novos pontos de vista naquilo que já possuía significado, aí se trata de ressignificação; mas, quando criamos algo a partir de uma coisa já existente e a transformamos, isso é reinvenção. Para ficar mais claro apresentamos o entendimento de John (2015), expondo que o que está em jogo na ressignificação é o trabalho com algo que já se encontrava antes no campo do sentido. Para ele, a raiz do termo “ressignificar” remete a dar outro sentido, uma nova significação.

Percebemos que diante de inúmeros desafios e de novas descobertas **reinventar e ressignificar** foram ações presentes nessa nova realidade. Sobre isso, foram muitas as dificuldades na implementação e execução do trabalho docente frente ao ensino remoto, ultrapassando a questão das ferramentas, exigindo do professor outras habilidades que estes não possuíam naquele momento.

Dificuldades para mobilizar, alcançar a atenção e a motivação na coordenação da participação de todos os alunos nas aulas on-line apareceram, recorrentemente, na análise dos resultados. Em seguida, também surgiram depoimentos que mostram a falta de compreensão e reconhecimento dos professores por parte das famílias, bem como o despreparo das mesmas no suporte aos alunos. Pondera-se, ainda, que a restrição do contato visual, do feedback dos alunos para os professores e dos

professores para os alunos foram relatados como adversidades no contexto da sala de aula virtual (Cipriani, Moreira e Carius, 2021, p. 11).

Essa forma de organização do ensino não presencial oportunizou a invenção de práticas significativas. A interação dos alunos no contexto do movimento de aprender está fortemente associado ao de ensinar, os quais são deliberados por fatores do processo de adaptação do ensino e da comunicação, sendo altamente relevantes a didática. Todas as situações da vida de uma pessoa implicam na comunicação que se opera, produzindo sentidos. Mas, tendo a situação já mencionada, a baixa escolaridade dos responsáveis pelas crianças, que agora precisavam estarem mais atentos as atividades para acompanhar seus filhos, deixou a questão mais complexa.

Aprender a lidar, a se adaptar à dinâmica das aulas on-line foi reiterado pelos participantes como uma situação desafiante, assim como a escassez de tempo para treinamentos, formações e orientações na preparação dos materiais e/ou aulas remotas. Em especial, a falta de equipamentos, de um ambiente adequado para as aulas, a produção de vídeos e a exposição da imagem pessoal emergiram como apontamentos relacionados como difíceis pelos docentes, o que parece ter corroborado a insegurança relatada por alguns participantes. A instabilidade das conexões e a consequente dificuldade de acesso remoto foram também mencionados (Cipriani, Moreira e Carius, 2021, p. 12).

Nessa perspectiva, os estudos vêm revelando que durante o período em questão os professores tiveram dificuldades desenvolver esta comunicação didática com seus alunos, gerando impactos negativos no ensino e a aprendizagem dos discentes. Ausência de um ambiente favorável, com uma estrutura de boa qualidade e de ferramentas para todos justificam a dificuldade de diálogo, interação e a participação ativa que favorecem o processo de ensino e aprendizagem.

Ao pararmos para pensar sobre esse cenário, nos questionamos acerca da realidade de crianças que não possuíam um apoio significativo de seus familiares no auxílio de suas tarefas durante alguma falha da comunicação pedagógica entre professor e aluno.

Os resultados da presente pesquisa apontaram que, enquanto as instituições da rede privada de ensino estavam, de alguma forma, oferecendo a educação remotamente, as escolas da rede pública ainda não haviam iniciado essa ação, o que acentua o cenário das desigualdades educacionais na cidade. Receios em relação à maneira como será desenvolvido o processo educacional nas escolas públicas foram configurados como problemática pelos professores participantes (Cipriani, Moreira e Carius, 2021, p. 21).

Como podemos perceber, a escola é um espaço privilegiado de possibilidade de inclusão social e de desenvolvimento de competências para o exercício da cidadania. Por outro lado, o domínio da tecnologia e seu acesso ao ensino remoto para os alunos da rede

privada ocorreu de uma forma ágil, demonstrando uma ação educativa de natureza política, considerando o acesso desigual da sociedade a esses recursos tecnológicos. Dito isso, o Estado deveria possibilitar ações mais efetivas para educar, a fim de garantir os resultados desejados.

Apesar dos esforços dos governos, das escolas, dos professores e professoras, dos alunos e das famílias para manter a escola em funcionamento, bem como o ensino e a aprendizagem, estudantes relatam falta de acesso a computadores, de internet de boa qualidade, de espaço adequado para estudar em casa e até de acúmulo de atividades (Troitinho *et al.*, 2021, p. 4).

É importante dizer que tais esforços não foram suficientes para garantir o acesso e a qualidade da educação. O planejamento e a organização das aulas exigiram bastante do professor, que precisou ir além de organizar conteúdos a serem trabalhados. Ao considerar que muitos dos alunos não possuíam smartphones, tablets ou computadores, a preocupação dos professores se estendeu para o acesso e as orientações as atividades.

A organização do ensino remoto precisa ser acompanhada de estratégias não somente de treinamento, mas também de uma reconfiguração do trabalho para diminuir os efeitos da telepresença, da competição com o trabalho doméstico e da desidentificação do corpo docente com sua própria atividade. (Troitinho *et al.*, 2021, p. 17)

A qualidade do ensino remoto está relacionada ao conjunto de fatores até então destacadas e os critérios utilizados para medir esta qualidade consistem, muitas vezes, em julgar as escolas. Porém, a qualidade do ensino não se limita aos seus aspectos formais, pois, a educação, como qualquer outra atividade humana, acontece num determinado contexto histórico, com suas determinações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Um fato a destacar é a responsabilidade educacional no campo familiar. A família teve um papel fundamental durante as aulas não presenciais, pois, o espaço residencial ganhou um ambiente escolar a se fazer presente no cotidiano dos lares. É impossível não falar da importância da parceria escola e família, já que quanto maior ela for, maior é a tendência de resultados positivos e significativos na aprendizagem. Conforme Parolin (2007), qualidade do relacionamento da família e da escola é determinante para o andamento do processo de aprender e de ensinar do estudante. Não basta conseguir que a criança “passe de ano”, é preciso fazê-la interagir com o mundo para que esta possa alcançar seus objetivos de vida.

Outro ponto que não poderíamos deixar de abordar é a desidentificação do corpo docente, isto é, as alterações da identidade sofridas a respeito do trabalho do professor. Como as pesquisas demonstraram, as muitas tarefas que estes profissionais teriam de realizar durante

seu dia, somando-se com outras atividades de cunho doméstico e pessoal, atingiram suas vidas de forma a gerarem crises e afetarem sua saúde mental. Assim, observamos que, quanto ao trabalho docente, existe a necessidade de adaptações realizadas por este profissional na tentativa de atender aos seus alunos apesar das limitações encontradas. Contudo, apesar dos esforços, diversas demandas e novos problemas surgiram e, os muitos desafios que os docentes e alunos vivenciaram durante as aulas não presenciais, influenciaram nisso.

Os três estudos abordados ao longo desta seção foram dialogados com algumas reflexões, pensamentos e conceitos de autores que tratam sobre temas em questão. Contudo, estas discussões ainda precisam ser amadurecidas através de uma leitura crítica e reflexiva no que diz respeito a educação em tempos do Covid-19. Assim, acreditamos nos vários desdobramentos do ensino remoto realizado durante a suspensão das aulas presenciais e suas consequências. Abre-se um leque de possibilidades de pesquisas e reflexões.

### **3 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CATEGORIAS ATIVIDADE, VIVÊNCIAS E SIGNIFICAÇÃO**

Na seção presente foi realizada uma discussão acerca das categorias da atividade, vivências e significações da psicologia sócio-histórica com a finalidade de fundamentar o estudo sobre como o trabalho docente, durante o enfrentamento da pandemia, foi desenvolvido. As categorias que embasam a nossa pesquisa são constructos teóricos da psicologia sócio-histórica e, assim, fundamentam a compreensão do fenômeno, isto é, o trabalho docente na pandemia. De acordo com Aguiar (2017, p. 117), “as categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever, explicar o fenômeno estudado em sua totalidade”.

A Psicologia Sócio-Histórico fundamenta nossa pesquisa “[...] porque já não poderemos mais pensar a realidade social, econômica e cultural como algo exterior ao Homem, estranho ao mundo psicológico, que aparece como algo que o impede, o anula ou o desvirtua” (Bock, 2017, p.34). O posicionamento da psicologia sócio-histórico permite compreender as significações constituídas nas vivências escolares, bem como no contexto desta pesquisa, a qual foca nas vivências dos professores dos anos iniciais que desenvolveram atividades docentes durante o enfrentamento da pandemia. Assim, sabendo que as atividades escolares foram impactadas e o desenvolvimento do trabalho docente nesse contexto sócio-histórico prosseguiu de forma remota, compreender estas transformações em sua totalidade é importante.

Considerando a sua amplitude e diversidade, a Psicologia Sócio-histórico nos permite produzir conhecimentos e reflexões. Contudo, para entendê-la enquanto arcabouço teórico de análise da pesquisa aqui realizada, é necessário destacar algumas categorias da psicologia sócio-histórica: atividade, vivências e significação. Tais categorias se articulam uma com as outras, como também com a historicidade e mediação que, no decorrer da discussão, serão apresentadas para fundamentar o estudo das significações constituídas nas vivências escolares do grupo de professores pesquisados.

### 3.1 A CATEGORIA: ATIVIDADE

Nesse estudo utilizamos a categoria “atividade” para fundamentar o nosso olhar sobre a realidade do trabalho docente no enfrentamento da pandemia. Nesta perspectiva, discutimos a atividade de uma forma mais específica, que é nos remetendo ao trabalho.

Essencialmente, os animais conseguem realizar diversas atividades, mas apenas aquelas voltadas a sua sobrevivência e continuidade da espécie. Por isso, tem sido chamada de atividade vital o olhar, cheirar, morder, se alimentar, escutar e buscar contato físico. No caso do humano, a atividade vital difere da dos animais e busca satisfazer não apenas necessidades biológicas, mas também sociais, como a necessidade de aprender a ler e escrever. Há uma consciência do que está sendo desenvolvido e, por possuir objetivos de forma intencional, existe um trabalho, a intenção, por exemplo a de ensinar a alguém a ler e escrever.

Diferindo da atividade vital animal que é determinada exclusivamente pelas leis biológicas, a atividade vital humana é uma “atividade orientada a um fim”, o qual é sempre determinado pelo contexto. Portanto, é uma atividade dirigida por um fim que obedece não mais a leis biológicas, mas a leis histórico-sociais (Oliveira, 2014, p. 8).

Isto posto, a categoria atividade é um processo que vai além da realização de algo e refere-se, até mesmo, a não realização – se for ela consciente. Retomando o exemplo sobre ensinar a ler e a escrever, o fato de escolher ensinar, utilizando algumas estratégias, é uma atividade. Mas, caso um docente opte por não realizar uma determinada estratégia, ainda assim realizará uma atividade.

É pelo trabalho que o homem pode transformar o meio em que vive, atividade que o diferencia dos animais. Na escola, o trabalho desenvolvido pelos professores também possibilita transformação da realidade, mas não diretamente do meio. É uma transformação que constitui diretamente a estrutura psíquica do indivíduo. O trabalho educativo é uma atividade organizada de modo que o aluno possa se desenvolver, não de forma mecânica, mas transformadora em seu contexto social.

Oliveira (2014), ao tratar sobre a categoria atividade, afirma que para viver em sociedade não bastam as bases biológicas, é necessário apropriar-se do patrimônio cultural criado historicamente pelas gerações. A autora explica que o ser humano, durante a sua vida, precisa ir aprendendo e se apropriando da cultura para ir se constituindo como sujeito no mundo. Podemos dar o exemplo das refeições que o homem realiza, há uma maneira de se comportar, de manusear talheres e de se sentar para alimentar-se.

Entendemos que no exemplo citado existe uma base biológica presente, a natureza da necessidade em se alimentar, mas há também outras necessidades criadas pelo ser humano e que se referem a apropriação dos valores e costumes fundamentais para viver de modo harmonioso em uma sociedade plural e democrática. Esses valores e costumes são culturais, sociais e históricos, transformando-se ao longo dos tempos. Ao pensar sobre a aprendizagem da leitura e escrita percebemos o conjunto de atividades que as cercam. Para adquirir a habilidade da leitura e escrita, a criança precisa ser orientada e estimulada a aprender e desenvolver outras habilidades, como sua postura ao sentar-se, sua atenção, sua escuta etc.

Iremos tratar a categoria atividade na especificidade que se remete ao trabalho. Segundo Araújo (2015), a categoria trabalho é fundamental para compreender o desenvolvimento humano e a educação como mediadora desse processo, no qual o trabalho docente constitui a sua totalidade. Dessa maneira, é importante destacar que o trabalho educativo é constituído e atravessado por intencionalidade: o docente, através de seu trabalho, possibilita os discentes a desenvolverem processos de apropriação, internalização e produção de conhecimento. Assim, o trabalho é uma atividade consciente e orientada por objetivos, se configurando como atividade humana e necessitando de meios para realizá-la.

Ela não é uma atividade qualquer, mas uma atividade de trabalho, isto é, uma atividade (humana) que sintetiza sonhos, objetivos, ideologias, estratégias de ação e sobretudo, uma dimensão histórico-subjetivo do sujeito. Trata-se, portanto, de uma atividade orientada inicialmente por uma finalidade que tem, desde o início do processo, no pensamento do sujeito, um resultado ideal; mas, dadas as condições objetivas e subjetivas que constituem a história do sujeito na relação com essa atividade, o seu produto é determinado pela realidade (Soares, 2011, p.16).

É a partir do olhar de uma atividade de trabalho humana, como bem destacou Soares (2011), que pensamos a atividade docente de forma ampla, indo além do ensino e aprendizagem, abordando também possibilidades de transformações na realidade escolar.

Tendo esse olhar e um contexto de uma pandemia, que afetou diretamente a atividade do trabalho docente, observou-se um pensar de estratégias. Os instrumentos de trabalho, antes uma lousa e pincel, foram substituídos por ferramentas como smartphones e plataformas digitais. Os instrumentos ou ferramentas foram ressignificados, tendo agora outros sentidos.

Os smartphones foram ressignificados no contexto da pandemia, pois, antes de ser uma ferramenta de trabalho, ele tinha relação apenas com o fato de ser um instrumento de comunicação de uso pessoal do professor. Assim sendo, era apenas um meio de comunicação que servia para entrar em contato com outras pessoas, fazer ligações, conversar por

aplicativos, usar redes sociais. Porém, com a pandemia, ele acabou se tornando indispensável para o exercício da docência, transformando-se em um instrumento e ferramenta de trabalho.

Termos utilizados como trabalho produtivo e não produtivo, trabalho material e não-material, vem sendo discutido por Araújo (2015). Para o autor, o trabalho material é caracterizado pela produção humana de bens que tenham valor de uso, com características materiais, concretas e corporeidade; enquanto o trabalho não-material refere-se aos valores, ideias, conhecimentos, dentre outros aspectos diz respeito ao produto desse trabalho. Entretanto, apesar das diferenças, nenhum trabalho pode ser realizado fora da materialidade, pois ele é o resultado da atividade humana, sendo ela de natureza material ou não-material.

Consoante a natureza do trabalho docente, Araújo (2015) o classifica como um tipo de trabalho produtivo e não-material. O autor não nega sua materialidade, pois, para o exercício docente, é preciso que existam condições objetivas com base na concretude. Contudo, se sabe que os resultados do trabalho docente vão além do âmbito material empírico. Portanto, é compreendendo este trabalho enquanto um todo que os resultados desta pesquisa serão analisados.

## 2.2 A CATEGORIA: VIVÊNCIA

Há momentos na vida que passamos por circunstâncias que se diferenciam das passadas por outras pessoas e, conseqüentemente, os impactos/resultados tendem a serem sentidos e enfrentados de formas distintas. Podemos dizer que isso é possível pelo fato de cada pessoa se relacionar com os acontecimentos de maneiras diferentes, experimentando situações idênticas, porém, de formas únicas. Entretanto, ao lembrar que o indivíduo se constitui na sociedade, sendo mediado por relações sociais, ele responde tanto as suas próprias experiências, como as suas experiências coletivas, as quais são também distintas em relação a cada grupo social que a forma.

A categoria “vivência” abre espaço para compreender o indivíduo a partir de uma perspectiva sócio-histórica, enxergando o homem no seu processo de constituição social e histórica na relação com o meio. Isso posto, ao falarmos da categoria vivência, estamos nos referindo a uma unidade dialética na qual sujeito e meio, sentido e significado, afeto e cognição, conteúdo (o quê vivencia) e forma (como vivencia) se constituem mutuamente.

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e

todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (Vigotski, 2010, p.686).

Essa categoria não se trata de saber sobre a vida do indivíduo de forma superficial, ou seja, na aparência, mas de compreender que o sujeito, no desenvolvimento de seu caráter, é mediado por circunstâncias que foram vivenciadas e internalizadas em um determinado momento pessoal e social. Assim, as condições desses momentos, foram se constituindo nas relações sociais e culturais de desenvolvimento do sujeito. Na tradução para o português brasileiro, vivência é o termo mais aproximado da palavra russa *pereživánie*.

Todas as particularidades da personalidade e do meio são sintetizadas na vivência. Assim sendo, faz-se importante frisar que a contradição meio e personalidade não é dicotômica, mas uma unidade dialética. A compreensão, a tomada de consciência e a apreensão das experiências são elementos fundamentais para se entender a vivência. Ao articular dialeticamente consciência e experiência, a vivência se constitui como uma categoria fundamental à compreensão da subjetividade como processo histórico. Segundo Vigotski (2010, p. 683), “quando discutimos as crianças [...] os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência”.

Isso posto, a vivência é uma categoria que ajuda a explicar a forma como uma situação foi vivenciada. Tomemos como exemplo os docentes no contexto pandêmico: imaginemos que os docentes de uma mesma escola passaram pela experiência da pandemia e podem ter desenvolvido suas atividades com os mesmos recursos, porém cada um foi afetado de forma distinta. Por isso, a pandemia não foi um evento igual para todas as pessoas e é, nesse momento, que iremos saber quais foram as suas vivências, pois, apesar de social, o indivíduo é também singular e tem suas próprias peculiaridades.

Assim, também a vivência nos ajuda a destacar quais são essas particularidades que desempenharam papel para determinar a atitude frente a da situação. Imaginem que eu, pela minha constituição, sou dotado de certas peculiaridades – é claro que eu vou vivenciar essa situação de uma maneira. Já se sou dotado de outras peculiaridades – claro que vou vivenciá-la de outra maneira (Vigotski, 2010, p. 687).

Marques e Carvalho (2018) afirmam, com apoio em Vigotski, que a categoria vivência está ligada a situação social de desenvolvimento do indivíduo, englobando a tomada de

consciência e a relação afetiva com o meio, bem como da pessoa consigo. Dessa forma, não se trata de um fenômeno natural, mas histórico e social, por se remeter à existência real dos indivíduos. Tais considerações são fundamentais porque, conforme as autoras, a vivência na teoria de Vigotski constitui-se como uma lei geral do desenvolvimento.

Então, tendo isto em vista, é a partir dessa perspectiva de desenvolvimento humano, focada na existência real das pessoas, que direcionaremos nossas reflexões sobre a vivência. Conforme salienta Marques e Carvalho (2018, p. 771): “a vivência é processo que permite compreender como cada pessoa se relaciona com o mundo e como esse mundo é subjetivado, porque a vivência envolve a produção de afetos e sentidos.”

### 3.3 A CATEGORIA: SIGNIFICAÇÃO

A singularidade de cada pessoa é constituída na sua vivência no mundo, afetando e, ao mesmo tempo, sendo afetada de formas diversas. Não há, portanto, no mundo humano, outra possibilidade de desenvolvimento das funções psicológicas superiores que não seja pela mediação da cultura, da história e dos afetos que nas relações sociais.

A forma de como os afetos são produzidos, sejam eles positivos ou negativos, é o que configura a constituição de novos sentidos e significados no transcorrer da vida. Nesta pesquisa, a análise da vivência escolar, apreendida a partir da fala das professoras, é um procedimento fundamental para o processo de compreensão de significações constituídas por docentes do ensino fundamental sobre a pandemia de covid-19.

Utilizamos a categoria “significação” com base em Aguiar, Aranha e Soares (2021, p. 3), cujo termo visa “expressar a articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias”. A articulação entre sentidos e significados se faz presente na palavra, mas não se reduz ao campo linguístico, uma vez que sendo ela mediada também pelo psiquismo, a palavra carrega mais significados do que aparenta. No estudo dessa questão, recorreremos a contribuição teórica e metodológica da Psicologia Sócio-histórica.

D acordo com Vigotski (2001), podemos constatar que o significado da palavra é um fenômeno do discurso (fala) e do intelecto (pensamento), sem esquecer que todo pensamento é sempre emocionado. Trazendo ainda o ponto de vista da velha psicologia, Vigotski (2001) lembra que a relação entre a palavra e o significado era entendido como uma simples ligação associativa, isto é, o significado goza de estabilidade. Contudo, para a perspectiva dialética e

histórica de sua psicologia, o significado, fenômeno que constitui a transição do pensamento a palavra e vice-versa, não deixa de se desenvolver e sofrer modificações.

O pensamento passa, portanto, por muitas transformações para ser expresso em palavras, de modo a concluir-se que a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e o sentido. Dessa forma, podemos afirmar que a compreensão da relação pensamento/ linguagem passa pela necessária compreensão das categorias significado e sentido. Assim, destacamos a necessidade da discussão das categorias significado e sentido (Aguiar e Ozella, 2013, p. 304).

Como citado, para ser expresso em palavras, o pensamento passa por transformações que são mediadas por significados e sentidos. O processo contrário é também aplicado, pois são os sentidos e significados que configuram a transformação da palavra em pensamento, que também lhe dão materialidade intelectual.

Para avançar no estudo da categoria significações, consideramos pertinente explicar o que estamos chamando de sentidos e significados. Começando pela categoria significado, recorremos a Vigotski (2001, p. 465), para quem “o significado é apenas uma das zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata”. Em outras palavras, é o significado que permite a comunicação social entre os homens, justamente, por ser ele produzido pelo pensamento materializado e compartilhado na sociedade.

O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (Vigotski, 2001, p. 398).

Cabe ressaltar que os significados são produções históricas e sociais que permitem a comunicação, isto é, a socialização de experiências historicamente produzidas pela humanidade.

Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo (Aguiar e Ozella, 2013, p. 304).

No que se refere ao sentido, ele é mais amplo que o significado, pois não se submete a uma lógica racional externa. Assim sendo, é uma produção mais da ordem da subjetividade e se refere predominantemente a uma lógica interna, sem que isso configure uma dicotomia

com a objetividade do mundo externo. Os sentidos são mediados pelas histórias pessoais e sociais, sendo os aspectos afetivos um de seus principais componentes. Assim, não se pode marginalizar o papel dos afetos afetivos na formação do psiquismo humano e, portanto, na constituição dos sentidos.

Especificamente sobre o sentido, convém registrar que, além das propriedades cognitivas, também devem ser considerados os aspectos afetivos que o constituem como uma zona do psiquismo humano. É importante considerar, ainda, que o sentido se constitui não apenas na forma de eventos que podem ser observados e relatados, pois os afetos, inclusive aqueles que não podem ser expressos em palavras, gestos ou atos, mas que jamais deixam de ser “sentidos” na forma de sentimentos e emoções, também os constituem (Soares, Araújo, Pinto, 2020, p. 75).

A construção do sentido pelo indivíduo vai sendo determinada de acordo com a situação social que está sendo por ele vivenciada, pela forma como, em sua história de vida, se apropria do mundo e, com seus pendores e necessidades, converte o mundo vivido em fenômeno psicológico.

Os sentidos são, assim, para cada indivíduo humano, não apenas produtos, mas elementos que compõem processos de significação, que vão se constituindo a partir da apropriação de significados reais que os afetam, que os mobilizam, definindo de sua singularidade (Soares, Barbosa, Alfredo, 2016, p. 119).

Apesar de serem distintos, o sentido e o significado não podem ser compreendidos de forma separada, uma vez que um constitui dialeticamente o outro. Um existe apenas pela mediação do outro. O sentido de uma palavra, como enfatizado por Vigotski (2008, p.181) “é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual”. Os sentidos não se confundem com os significados, mas a existência de um não deixa de estar dialeticamente relacionada a existência do outro.

Nos nossos estudos sobre as significações constituídas nas vivências escolares por professores dos anos iniciais no enfrentamento da pandemia de COVID-19, o significado é considerado um ponto de partida, uma generalização. O significado é, portanto, muito importante, mas não o suficiente para responder aos nossos questionamentos. Por isso, urge a necessidade de avançar em direção ao estudo dos sentidos, como configuração subjetiva forjada na história social e individual. Assim, essas categorias são importantes para a nossa pesquisa ao considerar que o sentido e significado são constituídos pelo sujeito em seu processo histórico de existência.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Por coerência ao problema proposto na presente pesquisa, temos de explicitar o referencial teórico do trabalho e a metodologia a qual devemos seguir. Em outras palavras, o marco teórico e as nossas escolhas metodológicas estão considerando a temática de investigação (significações constituídas por professores no enfrentamento à pandemia de covid-19) e o campo de pesquisa (uma escola pública de ensino fundamental) no qual iremos adentrar no intuito de responder a nossa questão de pesquisa: Como professores dos anos iniciais do ensino fundamental vivenciaram, em plena atividade docente, o enfrentamento à pandemia de Covid-19?

Entretanto, isso não significa a negação do diálogo entre os possíveis diferentes caminhos que se entrecruzam na pesquisa. O estudo encontra apoio na Psicologia Sócio-histórica, nas categorias de atividade, vivência e significações, as quais julgamos serem chaves para a compreensão das significações constituídas nas vivências escolares dos docentes durante o período pesquisado.

Como já afirmado, a base teórica dessa pesquisa é a psicologia sócio-histórica e, como tal, é ela que permite compreender as questões do processo histórico e dialético que constituem o ser humano, superando as concepções naturalizantes e dicotômicas sobre a realidade. Assim sendo, a historicidade ocupa um lugar central na explicação dos fenômenos humanos, uma vez que nada do que seja humano se constitui naturalmente. Elas vão sendo construídos historicamente, através de produções dos indivíduos ao longo do tempo e, por isso, suas leis ou princípios de desenvolvimento não são naturais, mas construídas socialmente, considerando a existência da cultura em que o ser humano vive e se apropria de forma ativa.

Com apoio na psicologia sócio-histórica, o percurso desta investigação parte do pressuposto teórico-metodológico de que a realidade não é estática, mas mediada por diversos fatos históricos e de contradições que a mobilizam. Tem-se a clareza, portanto, de que a realidade não é constituída de dados que podem ser simplesmente coletados, pois eles nunca estão prontos. Por isso, em vez de coletados, os dados são produzidos, pela mediação de perguntas, questionamentos, debates, diálogos e diversos outros procedimentos que permitem aos sujeitos se encontrarem e refletirem sobre a realidade, isto é, o fenômeno em estudo (Soares, Araújo e Pinto, 2020, p.78).

A pesquisa em educação tem como foco a realidade humana em movimento, isto é, em processo de formação e transformação. Por isso, considerando os princípios apontados por Vigotski (1991), a análise de um fenômeno psicológico deve sempre se pautar na análise do processo, ou seja, de como o fenômeno se constitui. A análise do processo é, portanto, um princípio fundamental da pesquisa na perspectiva sócio-histórica. Outro princípio é a análise das relações causais do fenômeno, considerando que as relações são dinâmicas e os fenômenos devem ser explicados e, não, descritos. O terceiro princípio se refere à relação entre análise e síntese na constituição do fenômeno, compreendendo, assim, que as funções psicológicas estão sempre em movimento, em processo de constituição e transformação. Por isso, faz-se sempre necessário conhecer o fenômeno desde a sua origem.

Em resumo, então, o objetivo e os fatores essenciais da análise psicológica são os seguintes: (1) uma análise do processo em oposição a uma análise do objeto; (2) uma análise que revela as relações dinâmicas ou causais, reais, em oposição à enumeração das características externas de um processo, isto é, uma análise explicativa e não descritiva; e (3) uma análise do desenvolvimento que reconstrói todos os pontos e faz retornar à origem o desenvolvimento de uma determinada estrutura (Vigotski, 1991, p.46).

É importante destacar que a aparência do fenômeno pode e deve ser aqui descrita, mas não nos limitaremos apenas a isto. Faz-se necessário conhecer a origem do fenômeno, a sua essência, identificar e analisar as vivências dos professores no trabalho desenvolvido durante a pandemia de covid-19.

A pesquisa [...], não se encerra com os dados empíricos obtidos, pois estes, ainda presos a aparência, não revelam as multideterminações da realidade. Para superar o fosso entre o empírico e o concreto, entre a prática e a teoria, faz-se necessário, mais uma vez, um esforço do pesquisador. Esforço este que, mediado pela teoria, se constitui como procedimento de análise e interpretação (Soares, 2011, p.110).

Não se encerrando a pesquisa apenas com os dados obtidos, abaixo vamos detalhar os instrumentos e procedimentos utilizados para buscar superar esse fosso entre a prática e teoria, considerando que a teoria é uma construção para tentar entender um determinado fenômeno.

#### 4.1 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS

O delineamento prático da presente pesquisa tem seu foco nos objetivos (geral e específicos) que orientam e delimitam esta investigação. Isso posto, os dados produzidos

nessa investigação devem ser coesos aos objetivos elencados, sobretudo os específicos, por se configurarem como desdobramentos do geral.

No que cabe aos objetivos específicos, convém ressaltar que o primeiro deles objetiva conhecer as condições de trabalho dos professores na pandemia, considerando os recursos pedagógicos disponíveis e as orientações e formações realizadas; o segundo consiste em identificar as metodologias de ensino pelos professores no formato remoto e as implicações delas para o processo de aprendizagem; e o terceiro, seria mapear as dificuldades enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho no formato remoto.

Para respondê-los, necessário obter dados que sejam estritamente relacionados aos sentidos e significados presentes além do campo linguístico das professoras entrevistadas, ou seja, às significações constituídas pelas professoras (participantes da pesquisa) sobre o enfrentamento à pandemia da covid-19 no trabalho docente. No processo de produção de dados, realizamos entrevistas recorrentes e leituras de documentos da escola (o PPP -Projeto Político Pedagógico e o regimento escolar). A leitura dos documentos (ou análise documental) foi um instrumento necessário para acessar informações específicas, como a caracterização da escola, sua história e o projeto desenvolvido pela instituição de ensino. As informações neles contidas deram importante apoio a apreensão do fenômeno em estudo.

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (Cellard, 2008, p. 295.)

A fim de compreender os objetivos, estratégias e metas da escola frente ao desenvolvimento profissional docente, como documento de pesquisa foi utilizado o Projeto Político Pedagógico e o regimento escolar como fontes de informações. Eles têm a finalidade de identificar os pressupostos epistemológicos/ideológicos que norteiam a atividade docente.

A entrevista recorrente foi outro instrumento de apreensão de dados utilizado na pesquisa. Conforme Leite e Colombo (2006), a entrevista recorrente é um procedimento interativo entre o pesquisador e o sujeito que se caracteriza, fundamentalmente, pelo retorno do pesquisador ao campo de pesquisa para refletir junto aos participantes sobre questões das entrevistas que necessitam de complementação e aprofundamento. É o pesquisador que define os objetivos da pesquisa e escolhe os sujeitos a serem entrevistados, deixando claro os critérios da escolha.

Consoante a Leite e Colombo (2006), as primeiras entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas e, depois, transcritas. Os relatos foram organizados em categorias descritas em matrizes e foram apresentadas para que pudessem ser alteradas e/ou corrigidas, bem esclarecidas as dúvidas. Na segunda entrevista, foi apresentado aos sujeitos (individualmente), de forma dialógica e exploratória, a matriz com as alterações propostas. Novas entrevistas foram realizadas com a perspectiva de ampliar o quadro de análise. Por fim, construímos uma única matriz, com todas as análises anteriores, elaboradas conjuntamente com cada um dos sujeitos da pesquisa.

#### 4.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Com a obtenção de dados, cujo processo se deu através de entrevistas recorrentes, leituras do Projeto Político Pedagógico e Regimento escolar, as análises foram realizadas com base no procedimento dos núcleos de significação, conforme detalham Aguiar e Ozella (2013), bem como Soares (2011).

A análise dos dados, como já mencionamos, foi realizada por meio do procedimento analítico dos núcleos de significação. Esse procedimento constituiu-se como um processo dialético e, por isso, foi considerada uma atividade intelectual que não pode deixar de lado alguns princípios que ajudam a apreender a realidade como fenômeno em movimento. Assim, foi considerada a totalidade dos elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações produzidas pelos sujeitos e as contradições que engendram a relação entre as partes e o todo. Não foi desconsiderada a dinâmica das significações constituídas pelo sujeito (Aguiar e Ozella, 2006; Aguiar e Ozella, 2013; Aguiar, Soares e Machado, 2015).

Para fins de uma visualização mais didática sobre o procedimento adotado em nosso estudo, elaboramos um infográfico o qual indica as fases as fases realizadas para alcançar e discutir os núcleos de significação, os procedimentos analíticos utilizados após as entrevistas e as leituras realizadas.

Figura 1– Procedimento Metodológico



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Os procedimentos foram divididos em 3 fases complementares, sendo permitido ir e voltar diversas vezes a cada uma delas com o intuito de apreender as significações gestadas pelos sujeitos. A primeira delas foi a fase dos pré-indicadores.

Os pré-indicadores são temas que emergem da fala do sujeito, e, como tais, revelam aspectos peculiares do movimento do modo de pensar, sentir e agir desse sujeito na relação com a realidade. Trata-se, portanto, não de qualquer fala, mas de uma fala temática, uma fala carregada de significado, que é externa (comunicação) e internamente (pensamento) dirigida, e que, por isso, deve ser analisada (Soares, 2011, p. 140).

Os pré-indicadores são compreendidos não como afirmações descoladas da realidade, mas como construções sociais, isto é, falas mediadas por numerosos elementos culturais e históricos que constituem a mobilidade dos processos de significação da realidade. É importante destacar que a leitura flutuante aconteceu como parte dessa fase.

A segunda fase foi denominada Indicadores, que são constituídos da aglutinação de pré-indicadores segundo os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição.

Conforme apontam Aguiar e Ozella (2013), é na segunda fase que os núcleos de significação se tornam capazes de alcançar uma abstração que lhe permita ter uma aproximação maior dos sentidos constituídos pelos sujeitos. Assim, eles se constituíram e na junção e articulação dialética de falas que possuíam relação de complementariedade ou diferenças com a temática estudada, mas que forneceram as possibilidades de pensar o sujeito em unidade.

A terceira fase do procedimento, denominada núcleos de significação, é o momento que visa superar o discurso aparente, descolado da realidade social e histórica, que busca, por meio do “processo de articulação dialética” dos indicadores, a realidade concreta, os sentidos que, histórica e dialeticamente, articulam a fala e o pensamento do sujeito (Aguiar, Soares e Machado, 2015). Assim, ela, junta as outras fases, puderam auxiliar na finalização da pesquisa aqui apresentada.

## 5 SUJEITOS E CAMPO DE PESQUISA

Na presente seção se objetivou fazer uma caracterização do campo de pesquisa, uma escola de anos iniciais do ensino fundamental de Natal/RN. Em seguida, apresentamos os nossos sujeitos de pesquisas, as professoras, e um pouco de suas experiências/vivências no decorrer de suas trajetórias de trabalho docente.

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola, o campo de nosso estudo, oferta a primeira etapa do ensino fundamental (anos iniciais) e está localizada na capital do Estado do Rio Grande do Norte, em uma área da cidade considerada nobre, fazendo esquina com uma das principais avenidas da capital.

Por se tratar de uma instituição pública, a Escola não atende propriamente crianças do bairro, sendo uma escola que recebe crianças de bairros diversos, mais especificamente de zonas periféricas e, até mesmo, de municípios vizinhos a Natal. Trata-se de um público que se define em função das necessidades das famílias que trabalham nas adjacências do bairro, formado, principalmente, por estabelecimentos comerciais, clínicas médicas e edifícios residenciais.

Conforme o Projeto da escola e o Regimento escolar apresentados pela instituição, o seu funcionamento se deu no início de 1963, em prédio próprio, construído para essa finalidade. Ao longo da sua história, alguns serviços de manutenção foram realizados, objetivando manter o prédio em condições favoráveis ao funcionamento de suas atividades educacionais. Estruturalmente, tanto na parte física quanto na pedagógica, o prédio dispõe de acessibilidade básica proporcionada por rampas e um banheiro adaptado para o uso de pessoas com deficiência.

Em dezembro de 2014 a instituição teve suas portas fechadas, sendo esvaziado o prédio de forma inesperada, ao ter seu prédio cedido para a instalação de uma academia da Polícia Militar. Isto ocorreu com base na justificativa de que a unidade de ensino contava com um número de alunos bem abaixo da sua capacidade e com desempenho pedagógico em decréscimo, segundo as edições do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

A comunidade escolar atenta ao ocorrido, resistiu ao fechamento e se mobilizou junto aos veículos de comunicação e de vários setores da sociedade natalense. Diante das pressões dos segmentos jornalísticos, da comunidade escolar, dos professores da cidade, em 2015 foi

anunciada a reabertura da escola, que passou a funcionar no ano de 2016 com a oferta de educação em tempo integral numa jornada escolar que inicia às 7 horas e 30 minutos e segue até às 16 horas.

A partir da implementação de um projeto baseado na Escola da Ponte (Santa Rosa, 2004; 2008; 2021), iniciou-se uma diferente organização escolar. Atualmente a escola é formada por agrupamentos multisseriados nos quais, ao longo do ano letivo, as crianças podem migrar desde que avancem de acordo com o previsto. Para esta movimentação, a escola toma por referência um quadro de objetivos de aprendizagens já atualizados pela equipe docente de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em substituição às salas de aula convencionais, se tem as oficinas por áreas de conhecimento. As crianças aprendem, por exemplo, a ler, escrever, se expressar em espaços ambientados. Os cinco grupos, equivalentes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, cada um composto de 25 a 28 crianças, transitam pelas oficinas e trabalham para atingir os objetivos de aprendizagem - a materialização do currículo.

A escola vem apresentando um bom desempenho, saindo de um IDEB de 2.5 – apurado em 2013 –, para 5.6 em 2015, 5.8 em 2017 e 6.5 em 2019. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), aplicado em larga escala e com abrangência nas escolas brasileiras, tem sido a principal avaliação externa para medir o desempenho da instituição, especialmente por compor com alguns dados do Censo Escolar e gerar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Assim, é possível se analisar a série histórica a partir do ano de 2005.

Figura 2 - IDEB da escola entre os anos de 2005 e 2021

|                  | 2005  | 2007 | 2009 | 2011 | 2013 | 2015 | 2017 | 2019 | 2021 |
|------------------|-------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| <b>Observado</b> | 3.8   | 3.3  | 3.0  | 4.0  | 2.5  | 5.6  | 5.8  | 6.5  |      |
| <b>Metas</b>     | ----- | 3.9  | 4.2  | 4.6  | 4.9  | 5.2  | 5.5  | 5.7  | 6.0  |

Fonte: INEP/IDEB

Fonte: INEP/IDEB (2019)

No quadro acima verifica-se que, ao iniciar o projeto logo após ao fechamento da escola em 2014, a instituição partiu com um IDEB de 2.5, muito abaixo da meta estipulada de

4.9. As crianças realizaram a prova do SAEB do ano de 2015 e a escola atingiu 5.6, resultado que representou um salto significativo e bem acima da meta projetada. No resultado do IDEB de 2021 a escola obteve 5.9, tendo uma queda e não atingindo a meta projetada, o que já pode ser considerado como um dos efeitos da pandemia.

Nos anos de 2020 e 2021 a Escola se reinventou para atenuar os efeitos drásticos da pandemia da Covid 19, provocada pelo Novo Corona vírus, que impôs o distanciamento social e o fechamento das escolas. Mais uma vez a MD mostrou o seu compromisso com as aprendizagens das crianças e no segundo dia de escolas fechadas já trabalhava de forma remota, adotando o minimalismo tecnológico. Professores e crianças se mantiveram conectados, com encontros diários e ininterruptos, por meio de aplicativo de mensagens. (PPP, 2022, p.)

A partir do final de 2021, com o retorno das atividades letivas ao modo presencial, já se vê enormes desafios, como: alfabetizar crianças a partir dos 8/9 anos; atenuar déficit severos de aprendizagem junto àquelas que já estão concluindo os anos iniciais; e promover o acolhimento às crianças pequenas que não tiveram um acompanhamento tão sistemático durante o período online.

Do corpo docente que atuou no período da pandemia, por serem do quadro efetivo, apenas seis professores permanecem na escola exercendo a docência em sala de aula. As que não prosseguiram, tiveram suas saídas relacionadas a finalização dos contratos, mudança para gestão ou remanejamento para outra instituição de ensino. No intuito de preservar o anonimato da escola, utilizaremos o codinome de **Jardim**.

## 5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

No dia 09 de setembro de 2022, em uma jornada pedagógica, realizamos a apresentação do projeto na Escola Jardim. As professoras foram bem receptivas com o estudo e foi destacado pela equipe que nem todas poderiam participar como sujeitos do estudo, considerando que parte delas não participaram e vivenciaram as aulas durante o isolamento social. Assim, foram selecionadas três professoras que ainda atuam na instituição e que desenvolveram suas atividades profissionais de forma remota no período de enfrentamento da pandemia de Covid-19. A fim de preservar a identidade das docentes, utilizaremos nomes fictícios para as docentes, a fim de preservar a identidade delas sendo: Flor, Cacto e Sempre Viva. Tal seleção se deu pelo interesse das professoras em participar e por terem atuado nos anos de 2020 e 2021 de forma remota.

A seguir, apresentaremos os sujeitos da nossa pesquisa. Entretanto, antes disso, é importante evidenciar que os dados expostos foram obtidos por meio de entrevistas, com a finalidade de conhecer alguns aspectos peculiares da vida das docentes, o que facilitará na compreensão das significações constituídas na vivência escolar de cada uma.

### 5.3 A DOCENTE FLOR

Flor, professora da Escola Jardim, voltada mais para as oficinas de Matemática, graduada em pedagogia, atuou durante as aulas remotas antes mesmo de conhecer a estrutura física da instituição e os seus alunos e colegas de trabalho pessoalmente. A professora foi convocada no concurso para docente durante o período em que as escolas tinham paralisado os atendimentos de forma presencial.

Uma fala que chamou nossa atenção durante a entrevista foi acerca de como ela iniciou na docência, conforme podemos verificar no trecho da entrevista abaixo:

“Eu sempre fui da área comercial, e no ano de 2010 foi que eu resolvi voltar a estudar e fiz o vestibular pra pedagogia. Durante a graduação eu me identifiquei bastante. Assim, eu me descobri como professora. Então eu atuei durante a graduação no PIBID, foi aonde eu iniciei minha formação na prática como professor. PIBID que é o Programa Institucional de Bolsas de iniciação á Docência. Porque eu estudava na universidade do estado do Amazonas, na época eu morava lá” (Entrevista com Flor, 2022).

No decorrer da entrevista, identificamos que a professora passou uma parte significativa de sua vida em outro estado do Brasil. Isso é importante pelo fato da vivência que ela teve, os costumes adquiridos. Sua trajetória profissional se iniciou na área comercial que ela pudesse, posteriormente, ela iniciar uma graduação. Começando a exercer a docência na rede privada de ensino, esta é a sua primeira experiência na rede pública e já iniciada de forma remota na Escola Jardim.

### 5.4 A DOCENTE CACTO

Cacto é uma professora que atuou na Escola Jardim no período das aulas remotas, contudo, ela antes da paralisação presencial das aulas, ela já trabalhava na instituição e conhecia a escola, a sua cultura, os seus profissionais e os seus alunos. A professora é natural do Estado de São Paulo e recentemente mudou-se para o Estado do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista com a professora Cacto, percebemos seu amor pela educação. Seus olhos brilhavam ao falar de suas experiências e de como iniciou seu exercício na docência. Foi na escola em que ela estudava que passou a ser auxiliar, uma escola pertencente

a uma igreja protestante. A professora destacou que estava em sala de aula há 30 anos, e iniciou jovem na docência como auxiliar. Hoje, com seus 50 anos de idade, ao refletir sobre sua trajetória na educação afirma que “[...] na verdade eu comecei na educação muito jovem, aos 12 anos de idade, eu fui convidada por uma professora da escola que eu estudava” (Entrevista com Cacto, 2022).

## 5.5 A DOCENTE SEMPRE VIVA

Durante a entrevista com a professora Sempre Viva, uma jovem, pedagoga, esposa, mãe e que vem de uma família onde a maioria são professores, logo ela se referiu a sua escolha pela profissão.

“Eu escolhi ser professora, sou formada em pedagogia pela UFRN, tenho especialização em educação matemática pelo IFESP, Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, é... E eu sempre tive interesse em ser professora pelo exemplo da minha mãe, minha mãe é professora, eu tenho tios professores, tias. A minha família é cercada e repleta de professores, e isso sempre me encantou” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

O seu encantamento com a educação era visível aos nossos olhos. Ao longo da entrevista, a professora falou de suas dificuldades para encontrar uma instituição de ensino para trabalhar, contudo, afirmou que quando encontrou a Escola Jardim, se identificou bastante com o projeto.

## **6 AS SIGNIFICAÇÕES DA VIVÊNCIA E DA ATIVIDADE DOCENTE NA PANDEMIA DA COVID-19**

Conforme já apresentamos ao longo deste estudo, sabemos que as categorias atividade, vivência e significações serviram de embasamento em nossa pesquisa para compreender as significações constituídas nas vivências escolares por essas professoras atuantes no contexto da pandemia da Covid-19, em que os docentes desenvolveram suas atividades de forma remota. É importante ressaltar que, para alcançarmos o objetivo deste estudo, optamos por sistematizar os núcleos de significação por textos produzidos por meio das transcrições das entrevistas.

Assim, como já apontamos em seções anteriores sobre os procedimentos adotados, quando iniciamos a seleção dos pré-indicadores, realizamos a leitura flutuante. Ela foi utilizada de forma profunda em cada fala das entrevistadas, o que possibilitou a definição das questões norteadoras em consonância com os objetivos do nosso estudo. Até no momento das transcrições, fomos nos apropriando dos dados. Chegamos a levantamento total de 54 pré-indicadores relacionados ao objeto de estudo, como pode ser observado nos quadros a seguir.

Da primeira entrevista com a professora Flor, selecionamos 17 pré-indicadores:

Quadro 7 – Pré-indicadores (Entrevista com Flor, 2022)

| PRÉ-INDICADORES |   |
|-----------------|---|
| 01.             | <i>É outra experiência que eu estou tendo, ainda estou aprendendo a conviver com essa experiência, porque eu iniciei a minha atuação na rede pública com trabalho remoto, e atualmente, esse ano de 2022 eu atuei no presencial.</i>  |
| 02.             | <i>Eu gravava vídeos com as páginas, eu editava esses vídeos, e eu passava esses vídeos para os alunos em forma de como se fossem filmes com minha explicação usando minha voz e a página do livro.</i>   |
| 03.             | <i>Também via que as vezes eles não conseguiam compreender. Então eu fazia gravações de mostrar para eles, com o caderno e o lápis, como eles fariam da forma escrita expressando como registro. Também tinha uma lousa em casa que eu fazia aulas.</i>   |
| 04.             | <i>Então eu gravava aulas, me gravava dando aulas, e passava para eles também. Então era um trabalho muito difícil, e realmente assim, eu senti que a matemática é muito complicada fazer esse trabalho no remoto.</i>  |
| 05.             | <i>nós percebemos na volta para o presencial que esse aluno que acompanhou essas aulas remotas, ele tem avanços maiores do que aqueles que não acompanharam. Agora com relação a questão do professor, ele precisa ter o conhecimento tecnológico.</i>  |
| 06.             | <i>Então assim, exige mais trabalho, apesar de terem uma concepção de que professor que dá aula remota ele trabalha menos, eu acredito que ele trabalha mais. Porque ele perde mais tempo pensando nas atividades e editando vídeos, editando atividades.</i>   |
| 07.             | <i>Então assim, avaliar, eu acredito que o trabalho presencial ele é mais produtivo 'pra aprendizagem, mas o trabalho remoto ele foi importante 'pra o contexto social que a gente estava vivendo da pandemia</i>   |
| 08              | <i>eu vinha da rede privada então assim, quando iniciou a pandemia no ano de 2020, eu estava na rede privada. E a rede privada, eu tinha que criar também um mecanismo que eu pudesse dar aula. Então quando eu assumi a rede pública, esse conhecimento que eu já trazia utilizei na rede pública.</i>   |
| 09              | <i>eu acredito que os sentimentos eram assim de incerteza, de angústia de certa forma por... não saber quanto tempo levaria esse tempo de aulas remotas, ou como seria o futuro de todos nós de uma maneira geral.</i>  |
| 10              | <i>E era uma questão de angústia de certa forma porque, ao ensinar o aluno através apenas de um aparelho celular, que era esse... esse... o aparelho tecnológico que nós tínhamos para manter contato com o aluno.</i>  |
| 11              | <i>...de certa forma você não sabia, apesar das muitas estratégias utilizadas, que vou falar mais a frente, se de fato o aluno estava aprendendo, ou não.</i>   |
| 12              | <i>As aulas eram dadas todos os dias durante um período acredito de duas horas, confesso que não me recordo fielmente, mas tinha que ser reduzido o tempo. Então assim, era um horário mais reduzido pelo fato de ser de forma remota, porém havia mais trabalho no sentido de gravar vídeos, de editar, de criar essas estratégias mesmo.</i>                            |
| 13              | <i>Essas estratégias utilizadas por mim, criação de vídeos, edições, as vezes vídeos feitos na câmera mesmo do celular, outros vídeos me filmavam e editava esses vídeos pra mostrar aos alunos ou um aplicativo que escaneava o livro didático e através do escâner eu ia explicando para o aluno. Então assim, com relação a YouTube eu não cheguei a utilizar não.</i> |
| 14              | <i>...essa questão de se reinventar, de toda forma foi uma reinvenção essa criação de vídeos, de filmes porque não é algo que nós utilizamos na prática do dia a dia na forma presencial, né? Na forma presencial não é preciso esse tipo de estratégia.</i>  |
| 15              | <i>a questão escola e família, não existia essa proximidade como existe na forma presencial porque só quem tinha contato com um grupo específico com às famílias era a coordenação da escola e a gestão.</i>  |
| 16              | <i>a questão do olhar pra educação, o olhar que eu tenho hoje é que de toda forma a educação pode ser reinventada, né? Pode ser reinventada de maneira em que você chegue a qualquer lugar hoje com a tecnologia mesmo em uma situação de pandemia como foi, ou em outra situação, a tecnologia de certa forma ela ajuda, ela contribui.</i>                              |
| 17              | <i>Mas de toda forma tem que haver o empenho do professor, e o empenho também desse aluno em querer aprender. Seja de maneira presencial ou de maneira remota.</i>  |

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na entrevista realizada com a professora Sempre Viva, foi possível destacar 18 pré-indicadores:

Quadro 8 – Pré-indicadores (Entrevista com Sempre Viva, 2022)

| PRÉ-INDICADORES |   |
|-----------------|---|
| 01.             | <i>inicialmente eu me vi um pouco ansiosa 'pra começar o trabalho, e quando foi decidido mesmo que iríamos começar o trabalho remoto, eu me preparei 'pra dar o melhor.</i>   |
| 02.             | <i>Então eu abri um canal no YouTube, eu gravei vídeos ensinando a fazer jogos com música, ensinando a calcular adição, multiplicação. Justamente 'pra quando enviar para os alunos, ser uma pessoa conhecida íntima deles, e não ser apenas aquele vídeo retirado da internet, do YouTube dado aos alunos.</i>   |
| 03.             | <i>eu tive essa preocupação no começo de fazer o canal, mas infelizmente não teve tanta receptividade por partes dos alunos. Alguns por motivos né, de ter acesso a internet, os dados serem pouco 'pra abrirem os vídeos, outros por desinteresse devido a situação de ter que estudar em casa, ter que estudar a noite.</i>   |
| 04.             | <i>toda semana era um grupo diferente, e eu elaborava atividades que os alunos, ou poderiam imprimir, ou poderiam copiar no caderno e responder em casa né.</i>   |
| 05.             | <i>a gente se comunicava por mensagem de texto ou áudios, algumas vezes foi necessário fazer videochamada dependendo da criança, alguns tinham mais dificuldade, foi feito videochamada também 'pra tentar explicar 'pra criança e tirar as dúvidas que eles tinham.</i>  |
| 06.             | <i>a maioria dos alunos utilizavam o celular dos pais e os pais estavam trabalhando durante o dia. Então somente a noite que eles tinham acesso aquele celular, aquele aparelho. Então foi decidido por fazer as aulas remotas no horário da noite.</i>   |
| 07.             | <i>Mas a gente também trabalhava durante o dia, pois era encaminhado atividades de casa, e os alunos durante o dia iam me enviando atividades, fotos das atividades e a gente precisava fazer as intervenções, correções.</i>   |
| 08.             | <i>alguns alunos mesmo com muitas dificuldades, realmente avançaram com as aulas remotas, mas infelizmente não é um formato que atinge muitas crianças né, algumas crianças precisam do atendimento pessoal, algumas crianças precisam da presença do profissional, da fala, da intimidade do contato com o professor 'pra aprender né?</i>   |
| 09.             | <i>mas eu acredito que diante de toda situação que vivemos, que o mundo viveu, eu acredito que foi válido sim, pois as crianças não deixaram de ter aula nesse período.</i>   |
| 10.             | <i>...com a pandemia eu fiquei em casa sozinha com a minha filha de três anos, na época tinha três anos, então, é... o horário das aulas a noite era o horário que eu tinha da janta, dar o banho, colocar 'pra dormir. Então foi uma readaptação que eu tive que fazer na minha filha 'pra poder atingir, 'pra poder conseguir dar essa aula remota., demorou um bom tempo 'pra ela se adaptar, e durante o dia eu tinha ... é... muita dificuldade também, porque sozinha em casa né, a gente tem os afazeres com comida, com a questão da limpeza, mas eu dividia o tempo quando a minha filha dormia,</i> |
| 11.             | <i>...mas realmente já teve vezes de durante o almoço eu está explicando atividades, eu levar livro 'pra praça com a minha filha no momento 'pra ela se distrair, eu ir com livro com material, enquanto ela brincava eu tava dando aula, mandando mensagem de texto, gravando vídeos.</i>  |
| 12.             | <i>Então assim, foi uma adaptação. Sempre tentando se adaptar 'pra conseguir suprir a demanda em casa e a demanda fora.''</i>   |
| 13.             | <i>...durante a pandemia as atividades foram realizadas pelo WhatsApp, enviadas pelo WhatsApp, feitas em grupos de WhatsApp.</i>  |
| 14.             | <i>...a gente digitava as atividades no documento do Word enviava em dois formatos em 'pdf, e em Word o aluno poderia imprimir ou copiar em seu caderno, e fazer em casa. É... (pausa)... Alguns não realizaram devido à dificuldade de internet, devido à dificuldade mesmo do celular.</i>  |
| 15.             | <i>Por isso as aulas eram feitas no horário da noite. A dificuldade financeira da família foi visível.</i>  |
| 16.             | <i>o que eu pude fazer pra me reinventar foi criar o canal no YouTube, né? Eu fiz um canal no YouTube onde eu gravei alguns vídeos explicativos, alguns jogos, algumas coisas 'pra tentar exemplificar eles escutando a minha própria voz, vendo a minha imagem, alguém que já tinha um rosto conhecido, e não algo já pronto encontrado na internet.</i>   |
| 17.             | <i>Alguns viram aquilo como ponto positivo, mas devido realmente a dificuldade da internet alguns não visualizavam. Então tinham essa dificuldade mesmo com relação, mais a situação financeira, das famílias relacionado a isso.</i>   |
| 18.             | <i>Mas foi uma coisa que foi muito útil por quê ainda hoje eles comentam sobre o canal, alguns ainda se inscrevem, assistem os vídeos. Então, vejo como algo positivo, que eu realmente preciso ainda dar continuidade.</i>   |

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Por fim, com a professora Cacto, chegamos ao levantamento total de 19 pré-  
indicadores:

Quadro 9– Pré-indicadores (Entrevista com Cacto, 2022)

| PRÉ-INDICADORES |  |
|-----------------|--|
| 01.             | <i>a escola não parou nenhum dia da pandemia né, de primeiro momento a coordenação junto com o grupo de apoio pedagógico e gestão criaram o grupo de WhatsApp 'pras famílias, juntamente com as famílias 'pra que as crianças não tivessem nenhum dia sem aula, e foi justamente o que aconteceu.</i>  |
| 02.             | <i>É... Era uma coisa nova 'pra nós, 'pra todo mundo, um desafio grande de poder atender o maior número possível de crianças, de alunos, diante de tantas dificuldades que as famílias estavam enfrentando, né, por desemprego, não tinham internet, não tinham um telefone que comportasse ver vídeos. Então nós tivemos muitas dificuldades.</i>   |
| 03.             | <i>E como professora mesmo, eu digo que na pandemia eu acabei, nós, eu acredito que todos nós professores, acabamos tendo um outro tipo de olhar 'pra educação, e ao mesmo tempo que nós tivemos outro tipo de olhar, nós precisamos nos reinventar 'pra poder dar aula. E essa reinvenção ela veio de uma desconstrução de tudo que a gente já tinha vivido 'pra construir tudo novo e assim...</i>   |
| 04.             | <i>eu trabalhei muito mais na pandemia do que nesse ano mesmo, porque quando eu ia selecionar um vídeo por exemplo, 'pras crianças assistirem, eu assistia dez vídeos, oito vídeos, sete vídeos 'pra poder escolher um que ficasse de acordo com a necessidade que os alunos estavam necessitando.</i>   |
| 05.             | <i>Então a preparação 'pra aula ela se tornou com muito mais tempo, você tinha que disponibilizar muito mais de tempo, do que a própria aula em si.</i>  |
| 06.             | <i>E de fato, com o passar dos dias a gente foi percebendo que as famílias por conta de muitas dificuldades de acessar internet, as vezes a internet era só dos dados móveis, não tinha como as famílias assistirem, as crianças.</i>  |
| 07.             | <i>Então eles já queriam só que a gente desse as atividades... Qual que é as atividades? O quê que é que tem que fazer agora? Então só queriam que a criança fizesse atividade, não a preparação da aula inteira...</i>  |
| 08.             | <i>Então a gente ficava as vezes, eu, no meu caso ficava muito tempo elaborando a atividade, e quando era na hora da aula a família queria só as páginas do livro que a criança tinha que fazer, ou uma atividade que fosse no caderno o quê que era 'pra ser feito.</i>   |
| 09.             | <i>Então isso com o passar do tempo acabou meio que a gente desanimando, porque você precisava planejar aquela aula da melhor qualidade 'pra que seu aluno tivesse a melhor forma de aprendizado, porque ele não tinha outro contato com o professor, a não ser escutar o áudio que o professor mandava, e assistir os vídeos, né.</i>   |
| 10.             | <i>só que por outra contrapartida foi notório que crianças que tinham assiduidade nas aulas elas aprenderam, não como se estivesse em sala de aula, lógico que não né, que isso aí não tem nem lógica, não tem como comparar, mas muitas crianças, eu trabalhava no primeiro ano e as crianças foram alfabetizadas, elas conseguiam ler, elas conseguiam escrever frases no final do ano, mas foi com muito esforço das famílias e o interesse dos alunos.</i> |
| 11.             | <i>tanto é que quando nós retornamos o ano passado, as crianças que tiveram aula online que conseguiram assistir remotamente, elas estavam anos luz dos que não tinham tido nenhuma aula. Então a gente via assim que todo esforço por mais dificuldade que tivemos, deu resultado, porém aquelas que não tiveram oportunidade, ficaram né sem ter essa oportunidade</i>   |
| 12.             | <i>Então eu vejo que o aprendizado na pandemia ela poderia ter sido melhor, se os instrumentos que nós tivéssemos fossem outros, né. Então, um exemplo, se o governo tivesse disponibilizado tablet 'pras crianças, 'pra que ela pudesse ter acesso né. É... Quem participa do bolsa família ter internet gratuita em casa 'pra que essas crianças pudessem acessar né, ter facilidade...</i>  |
| 13.             | <i>nós tivemos alunos que a mãe não tinha internet em casa, ia na casa de uma amiga, andava não sei quantos minutos, meia hora, quarenta minutos a pé lá na casa da amiga 'pra poder pegar as coisas da internet 'pra conseguir baixar, e vinha 'pra casa 'pra criança fazer, tirava fotos e mandava, ia de novo, daí dois, três dias 'pra entregar as fotos e pegar conteúdo de novo.</i>   |
| 14.             | <i>acho que o governo de uma certa forma acabou cobrando das escolas algo que ele não deu assistência, porque se ele queria todo mundo na aula remota, ele teria que dar condições 'pra todo mundo está na aula remota, e isso ficou por conta da gente.</i>   |
| 15.             | <i>meu computador queimou eu tive que comprar um outro, o Estado não me deu outro né, porque é uma ferramenta minha, sendo que o governo deveria me dar, pagar minha internet que eu estava usando a minha internet né. Então assim, energia, que eu ficava horas no computador na hora da aula. Então, assim... Eu acho que o governo falhou nisso, de criar estratégias que de fato todas as crianças pudessem ter a chance de estudar na pandemia.</i>      |
| 16.             | <i>... no começo apenas o WhatsApp era utilizado, e vídeos né? que já tinham no YouTube, já publicados. E com o passar do tempo se percebeu a necessidade de...até mesmo... por conta de alfabetização, primeiro ano, eu e</i>   |

|     |  |
|-----|--|
|     | <i>Alexandra precisamos fazer vídeos mesmos nossos, até mesmo produzir vídeos nossos para auxiliar na alfabetização.</i>   |
| 17. | <i>...com o passar do tempo somente eu percebi que apenas os vídeos estavam ficando pouco... como recurso, repetitivos e com poucos recursos, e nós sabemos que para a aprendizagem de qualquer nível escolar tem a necessidade de ter algo diversificado para motivar, e incentivar os alunos na aprendizagem. Né? Ter o interesse de aprender. Ai a gente, acabamos descobrindo a existência de um jogo on-line, um... (pausa) não lembro o nome direito do jogo, mas depois posso procurar, nesse jogo você poderia montar qualquer disciplina em qualquer tema. Tinha vários temas, quebra-cabeça, alternativas, roletas. Enfim, tinha uma infinidade de ferramentas dentro do jogo que você montava, e era bem legal porque as crianças gostam de jogo. E eles terminavam e executavam o jogo, e tiravam 'print da atividade e eles enviavam. Então foi um recurso muito bom para aprendizagem.</i> |
| 18. | <i>Agora as atividades nos cadernos, [...] foi feito da seguinte forma... [...] vimos a necessidade de montarmos nossos próprios vídeos, inclusive, por ser primeiro ano a gente precisou ensinar as crianças a utilização dos cadernos, né? Através dos vídeos que a gente colocava assim, como eles eram pequenos, nós enviávamos as atividades de folha em um arquivo, e eles colocavam as respostas no caderno, porque como eles eram muito pequenos para ele copiarem tudo, né, demandava tempo e cansava eles, a família e mais sendo a noite, então a gente achou melhor eles responderem sem precisar copiar os enunciados, e deu certo, as atividades do caderno e do livro. Nós usávamos mais os livros do que os cadernos, mas eu gostava que duas vezes na semana era usado o caderno para eles não perderem o contato com a escrita e com seu próprio caderno.</i>                          |
| 19. | <i>Outro recurso também, Milena, que era usado bastante também era o áudio, eles mandavam as respostas por áudio, então a gente escutava às vizinhas deles, e os vídeos que eles também produziam, eles enviavam também. E, algumas vezes. É, e nós utilizamos a plataforma a plataforma 'Google Meet para fazer e realizar aulas virtuais com eles, ao vivo, vamos dizer assim, com a presença de outras pessoas. No caso, meu genro toca guitarra, então eu fiz uma festa junina com eles, ele tocando... e as crianças cantando, forró, músicas juninas, e no final do ano montamos um pequeno coralzinho para eles cantarem músicas natalinas, e também foi bem legal.</i>   |

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Após o levantamento dos pré-indicadores em relação a cada entrevista, partimos para o processo de aglutinação. Por meio dos critérios de similaridade, complementaridade e contraposição, conseguimos chegar a um total de 10 indicadores (Quadro 9). Indicadores esses que, através dos temas neles contidos, nos aproximaram das significações produzidos pelos sujeitos da pesquisa.

Quadro 10– Aglutinação dos Pré-Indicadores

| PRÉ-INDICADORES  | INDICADORES   |
|--|---|
| “É outra experiência [diferente da rede privada] que eu estou tendo, ainda estou aprendendo a conviver com essa experiência, <b>porquê eu iniciei a minha atuação na rede pública com trabalho remoto</b> , e atualmente, esse ano de 2022 eu atuei no presencial” (Entrevista com Flor, 2022)   | Atuação da professora no trabalho remoto durante a pandemia |
| “eu vinha da rede privada então assim, <b>quando iniciou a pandemia no ano de 2020, eu estava na rede privada. E a rede privada, eu tinha que criar também um mecanismo que eu pudesse dar aula</b> . Então quando eu assumi a rede pública, esse conhecimento que eu já trazia utilizei na rede pública” (Entrevista com Flor, 2022)  |   |
| “acho que <b>o governo de uma certa forma acabou cobrando das escolas algo que ele não deu assistência</b> , porque se ele queria todo mundo na aula remota, ele teria que dar condições ‘pra todo mundo está na aula remota, e isso ficou por conta da gente” (Entrevista com Cacto, 2022)  |   |
| “Meu computador queimou e eu tive que comprar um outro. O Estado não me deu outro, né? Porque é uma ferramenta minha, sendo que o governo deveria me dar, pagar minha internet, que eu estava usando. A minha internet, né? Então, assim... energia, [por]que eu ficava horas no computador na hora da aula. Então, assim... <b>Eu acho que o governo falhou nisso, de criar estratégias que, de fato, todas as crianças pudessem ter a chance de estudar na pandemia</b> ” (Entrevista com Cacto, |   |

|   |   |
|---|---|
| 2022)   |   |
| “É... Era uma coisa nova ‘pra nós, ‘pra todo mundo, um desafio grande de poder atender o maior número possível de crianças, de alunos, diante de tantas dificuldades que as famílias estavam enfrentando, né, por desemprego, não tinham internet, não tinham um telefone que comportasse ver vídeos. Então nós tivemos muitas dificuldades” (Entrevista com Cacto, 2022)   |   |
| “durante a pandemia as atividades foram realizadas pelo WhatsApp, enviadas pelo WhatsApp, feitas em grupos de WhatsApp” (Entrevista com Sempre Viva, 2022)  |   |
| inicialmente eu me vi um pouco ansiosa ‘pra começar o trabalho, e quando foi decidido mesmo que iríamos começar o trabalho remoto, eu me preparei ‘pra dar o melhor. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)   |   |
| Então isso com o passar do tempo acabou meio que a gente desanimando, porque você precisava planejar aquela aula da melhor qualidade ‘pra que seu aluno tivesse a melhor forma de aprendizado, porque ele não tinha outro contato com o professor, a não ser escutar o áudio que o professor mandava, e assistir os vídeos, né. (Entrevista com Cacto, 2022)  | Ansiedade no trabalho remoto            |
| eu acredito que os sentimentos eram assim de incerteza, de angústia de certa forma por... não saber quanto tempo levaria esse tempo de aulas remotas, ou como seria o futuro de todos nós de uma maneira geral. (Entrevista com Flor, 2022)   |   |
| É era uma questão de angústia de certa forma porque, ao ensinar o aluno através apenas de um aparelho celular, que era esse... esse... o aparelho tecnológico que nós tínhamos para manter contato com o aluno. (Entrevista com Flor, 2022)   |   |
| a gente também trabalhava durante o dia, pois era encaminhado atividades de casa, e os alunos durante o dia iam me enviando atividades, fotos das atividades e a gente precisava fazer as intervenções, correções. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)   |   |
| ...mas realmente já teve vezes de durante o almoço eu está explicando atividades, eu levar livro ‘pra praça com a minha filha no momento ‘pra ela se distrair, eu ir com livro com material, enquanto ela brincava eu tava dando aula, mandando mensagem de texto, gravando vídeos. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)  |   |
| Então a preparação ‘pra aula ela se tornou com muito mais tempo, você tinha que disponibilizar muito mais de tempo, do que a própria aula em si (Entrevista com Cacto, 2022)  |   |
| ...com a pandemia eu fiquei em casa sozinha com a minha filha de três anos, na época tinha três anos, então, é... o horário das aulas a noite era o horário que eu tinha da janta, dar o banho, colocar ‘pra dormir. Então foi uma readaptação que eu tive que fazer na minha filha ‘pra poder atingir, ‘pra poder conseguir dar essa aula remota., demorou um bom tempo ‘pra ela se adaptar, e durante o dia eu tinha ... é... muita dificuldade também, porque sozinha em casa né, a gente tem os afazeres com comida, com a questão da limpeza, mas eu dividia o tempo quando a minha filha dormia, (Entrevista com Sempre Viva, 2022) | Sobrecarga de trabalho no ensino remoto |
| eu trabalhei muito mais na pandemia do que nesse ano mesmo, porque quando eu ia selecionar um vídeo por exemplo, ‘pras crianças assistirem, eu assistia dez vídeos, oito vídeos, sete vídeos ‘pra poder escolher um que ficasse de acordo com a necessidade que os alunos estavam necessitando. (Entrevista com Cacto, 2022)  |   |
| As aulas eram dadas todos os dias durante um período acredito de duas horas, confesso que não me recordo fielmente, mas tinha que ser reduzido o tempo. Então assim, era um horário mais reduzido pelo fato de ser de forma remota, porém havia mais trabalho no sentido de gravar vídeos, de editar, de criar essas estratégias mesmo. (Entrevista com Flor, 2022)   |   |
| a escola não parou nenhum dia da pandemia né, de primeiro momento a coordenação junto com o grupo de apoio pedagógico e gestão criaram o grupo de WhatsApp ‘pras famílias, juntamente com as famílias ‘pra que as crianças não tivessem nenhum dia sem aula, e foi justamente o que   | Relação da família com a                |

|   |   |
|---|---|
| aconteceu. (Entrevista com Cacto, 2022)   | escola  |
| Então eles já queriam só que a gente desse as atividades... Qual que é as atividades? O quê que é que tem que fazer agora? <b>Então só queriam que a criança fizesse atividade, não a preparação da aula inteira...</b> (Entrevista com Cacto, 2022)  |   |
| <b>foi notório que crianças que tinham assiduidade nas aulas elas aprenderam, não como se estivesse em sala de aula, lógico que não né, que isso aí não tem nem lógica, não tem como comparar, mas muitas crianças, eu trabalhava no primeiro ano e as crianças foram alfabetizadas, elas conseguiam ler, elas conseguiam escrever frases no final do ano, mas foi com muito esforço das famílias e o interesse dos alunos.</b> (Entrevista com Cacto, 2022)  |   |
| <b>a questão escola e família, não existia essa proximidade como existe na forma presencial porque só quem tinha contato com um grupo específico com às famílias era a coordenação da escola e a gestão.</b> (Entrevista com Flor, 2022)  | Recursos criados e utilizados na tentativa de superar dificuldades de ensino e aprendizagem |
| <i>Eu gravava vídeos com as páginas, eu editava esses vídeos, e eu passava esses vídeos para os alunos em forma de como se fossem filmes com minha explicação usando minha voz e a página do livro.</i> (Entrevista com Flor, 2022)   |   |
| <i>Também via que as vezes eles não conseguiam compreender. Então eu fazia gravações de mostrar para eles, com o caderno e o lápis, como eles fariam da forma escrita expressando como registro. Também tinha uma lousa em casa que eu fazia aulas.</i> (Entrevista com Flor, 2022)   |   |
| ... no começo apenas o WhatsApp era utilizado, e vídeos né? que já tinham no YouTube, já publicados. <b>E com o passar do tempo se percebeu a necessidade de...até mesmo... por conta de alfabetização, primeiro ano, eu e Alexandra precisamos fazer vídeos mesmos nossos, até mesmo produzir vídeos nossos para auxiliar na alfabetização.</b> (Entrevista com Cacto, 2022)   |   |
| ...com o passar do tempo somente eu percebi que apenas os vídeos estavam ficando pouco... como recurso, repetitivos e com poucos recursos, e nós sabemos que para a aprendizagem de qualquer nível escolar tem a necessidade de ter algo diversificado para motivar, e incentivar os alunos na aprendizagem. Né? Ter o interesse de aprender.<br>Ai a gente, <b>acabamos descobrindo a existência de um jogo on-line</b> , um.... (pausa) não lembro o nome direito do jogo, mas depois posso procurar, <b>nesse jogo você poderia montar qualquer disciplina em qualquer tema</b> . Tinha vários temas, quebra-cabeça, alternativas, roletas. Enfim, tinha uma infinidade de ferramentas dentro do jogo que você montava, e era bem legal porque as crianças gostam de jogo. E eles terminavam e executavam o jogo, e tiravam 'print da atividade e eles enviavam. <b>Então foi um recurso muito bom para aprendizagem.</b> (Entrevista com Cacto, 2022) |   |
| <b>Outro recurso também, Milena, que era usado bastante também era o áudio, eles mandavam as respostas por áudio, então a gente escutava às vozinhas deles, e os vídeos que eles também produziam, eles enviavam também.</b> E, algumas vezes. É, e nós utilizamos a plataforma a plataforma 'Google Meet para fazer e realizar aulas virtuais com eles, ao vivo, vamos dizer assim, com a presença de outras pessoas. <b>No caso, meu genro toca guitarra, então eu fiz uma festa junina com eles, ele tocando...</b> e as crianças cantando, forró, músicas juninas, e no final do ano montamos um pequeno coralzinho para eles cantarem músicas natalinas, e também foi bem legal. (Entrevista com Cacto, 2022)  | Dificuldades vivenciadas por professores, crianças e família                                |
| ...a gente digitava as atividades no documento do Word enviava em dois formatos em pdf, e em Word o aluno poderia imprimir ou copiar em seu caderno, e fazer em casa. É... (pausa)... <b>Alguns não realizaram devido à dificuldade de internet, devido à dificuldade mesmo do celular.</b> (Entrevista com Sempre Viva, 2022)  |   |
| <i>Então eu gravava aulas, me gravava dando aulas, e passava para eles também. Então era um trabalho muito difícil, e realmente assim, eu senti que a matemática é muito complicada fazer esse trabalho no remoto.</i> (Entrevista com Flor, 2022)  |   |
| <b>a gente se comunicava por mensagem de texto ou áudios, algumas vezes foi necessário fazer videochamada dependendo da criança, alguns tinham mais dificuldade, foi feito videochamada também 'pra tentar explicar 'pra criança e tirar as dúvidas que eles tinham.</b> (Entrevista com Sempre Viva, 2022)   |   |

|  |  |
|--|--|
| <p>eu tive essa preocupação no começo de fazer o canal, mas infelizmente não teve tanta receptividade por partes dos alunos. Alguns por motivos né, de ter acesso a internet, os dados serem pouco ‘pra abrirem os vídeos, outros por desinteresse devido a situação de ter que estudar em casa, ter que estudar a noite. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   |  |
| <p>Por isso as aulas eram feitas no horário da noite. A dificuldade financeira da família foi visível. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>  |  |
| <p>Alguns viram aquilo como ponto positivo, mas devido realmente a dificuldade da internet alguns não visualizavam. Então tinham essa dificuldade mesmo com relação, mais a situação financeira, das famílias relacionado a isso. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   |  |
| <p>E de fato, com o passar dos dias a gente foi percebendo que as famílias por conta de muitas dificuldades de acessar internet, as vezes a internet era só dos dados móveis, não tinha como as famílias assistirem, as crianças. (Entrevista com Cacto, 2022)</p>   |  |
| <p>nós tivemos alunos que a mãe não tinha internet em casa, ia na casa de uma amiga, andava não sei quantos minutos, meia hora, quarenta minutos a pé lá na casa da amiga ‘pra poder pegar as coisas da internet ‘pra conseguir baixar, e vinha ‘pra casa ‘pra criança fazer, tirava fotos e mandava, ia de novo, daí dois, três dias ‘pra entregar as fotos e pegar conteúdo de novo. (Entrevista com Cacto, 2022)</p>  |  |
| <p>Então eu abri um canal no YouTube, eu gravei vídeos ensinando a fazer jogos com música, ensinando a calcular adição, multiplicação. Justamente ‘pra quando enviar para os alunos, ser uma pessoa conhecida íntima deles, e não ser apenas aquele vídeo retirado da internet, do YouTube dado aos alunos. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   | <p>“Do copiar no caderno” ao “canal no YouTube”, e vice-versa: estratégias de trabalho na pandemia</p> |
| <p>toda semana era um grupo diferente, e eu elaborava atividades que os alunos, ou poderiam imprimir, ou poderiam copiar no caderno e responder em casa né. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   |  |
| <p>a maioria dos alunos utilizavam o celular dos pais e os pais estavam trabalhando durante o dia. Então somente a noite que eles tinham acesso aquele celular, aquele aparelho. Então foi decidido por fazer as aulas remotas no horário da noite. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   |  |
| <p>Agora as atividades nos cadernos, [...] foi feito da seguinte forma... [...] vimos a necessidade de montarmos nossos próprios vídeos, inclusive, por ser primeiro ano a gente precisou ensinar as crianças a utilização dos cadernos, né? Através dos vídeos que a gente colocava assim, como eles eram pequenos, nós enviávamos as atividades de folha em um arquivo, e eles colocavam as respostas no caderno, porque como eles eram muito pequenos para ele copiarem tudo, né, demandava tempo e cansava eles, a família e mais sendo a noite, então a gente achou melhor eles responderem sem precisar copiar os enunciados, e deu certo, as atividades do caderno e do livro. Nós usávamos mais os livros do que os cadernos, mas eu gostava que duas vezes na semana era usado o caderno para eles não perderem o contato com a escrita e com seu próprio caderno. (Entrevista com Cacto, 2022)</p> |  |
| <p>Essas estratégias utilizadas por mim, criação de vídeos, edições, as vezes vídeos feitos na câmera mesmo do celular, outros vídeos me filmavam e editava esses vídeos pra mostrar aos alunos ou um aplicativo que escaneava o livro didático e através do escâner eu ia explicando para o aluno. Então assim, com relação a YouTube eu não cheguei a utilizar não. (Entrevista com Flor, 2022)</p>  |  |
| <p>quando nós retornamos o ano passado, as crianças que tiveram aula online que conseguiram assistir remotamente, elas estavam anos luz dos que não tinham tido nenhuma aula. Então a gente via assim que todo esforço por mais dificuldade que tivemos, deu resultado, porém aquelas que não tiveram oportunidade, ficaram né sem ter essa oportunidade. (Entrevista com Cacto, 2022)</p>   | <p>“Aula online” e aprendizagem no ensino remoto</p>   |
| <p>Então eu vejo que o aprendizado na pandemia ela poderia ter sido melhor, se os instrumentos que nós tivéssemos fossem outros, né. Então, um exemplo, se o governo tivesse disponibilizado tablet ‘pras crianças, ‘pra que ela pudesse ter acesso né. É... Quem participa do bolsa família ter internet gratuita em casa ‘pra que essas crianças pudessem acessar né, ter facilidade... (Entrevista com Cacto, 2022)</p>   |  |

|  |   |
|--|---|
| <p>Então assim, avaliar, eu acredito que o trabalho presencial ele é mais produtivo 'pra aprendizagem, mas o trabalho remoto ele foi importante 'pra o contexto social que a gente estava vivendo da pandemia. (Entrevista com Flor, 2022)</p>   |   |
| <p>...de certa forma você não sabia, apesar das muitas estratégias utilizadas, que vou falar mais a frente, se de fato o aluno estava aprendendo, ou não. (Entrevista com Flor, 2022)</p>  |   |
| <p>Mas de toda forma tem que haver o empenho do professor, e o empenho também desse aluno em querer aprender. Seja de maneira presencial ou de maneira remota. (Entrevista com Flor, 2022)</p>   |   |
| <p>alguns alunos mesmo com muitas dificuldades, realmente avançaram com as aulas remotas, mas infelizmente não é um formato que atinge muitas crianças né, algumas crianças precisam do atendimento pessoal, algumas crianças precisam da presença do profissional, da fala, da intimidade do contato com o professor 'pra aprender né? (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   |   |
| <p>mas eu acredito que <b>diante de toda situação que vivemos, que o mundo viveu, eu acredito que foi valido sim</b>, pois as crianças não deixaram de ter aula nesse período. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>  | <p>Justificando a necessidade do ensino remoto</p>  |
| <p>Então assim, <b>foi uma adaptação</b>. Sempre tentando se adaptar 'pra conseguir suprir a demanda em casa e a demanda fora.' (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>   |   |
| <p>Então a gente ficava as vezes, eu, no meu caso <b>ficava muito tempo elaborando a atividade, e quando era na hora da aula a família queria só as páginas do livro que a criança tinha que fazer</b>, ou uma atividade que fosse no caderno o quê que era 'pra ser feito. (Entrevista com Cacto, 2022)</p>   |   |
| <p>E como professora mesmo, eu digo que na pandemia eu acabei, nós, eu acredito que todos nós professores, <b>acabamos tendo um outro tipo de olhar 'pra educação, e ao mesmo tempo que nós tivemos outro tipo de olhar, nós precisamos nos reinventar 'pra poder dar aula</b>. E essa reinvenção ela veio de uma desconstrução de tudo que a gente já tinha vivido 'pra construir tudo novo e assim... (Entrevista com Cacto, 2022)</p> | <p>Desconstrução e reinvenção de si: "acabamos tendo um outro tipo de olhar pra educação"</p> |
| <p>...essa questão de se reinventar, de toda forma foi uma reinvenção essa criação de vídeos, de filmes porque não é algo que nós utilizamos na prática do dia a dia na forma presencial, né? Na forma presencial não é preciso esse tipo de estratégia. (Entrevista com Flor, 2022)</p>   |   |
| <p>a questão do olhar pra educação, <b>o olhar que eu tenho hoje é que de toda forma a educação pode ser reinventada, né? Pode ser reinventada de maneira em que você chegue a qualquer lugar hoje com a tecnologia mesmo em uma situação de pandemia como foi</b>, ou em outra situação, a tecnologia de certa forma ela ajuda, ela contribui. (Entrevista com Flor, 2022)</p>  |   |
| <p><b>o que eu pude fazer pra me reinventar foi criar o canal no YouTube, né?</b> Eu fiz um canal no YouTube onde eu gravei alguns vídeos explicativos, alguns jogos, algumas coisas 'pra tentar exemplificar eles escutando a minha própria voz, vendo a minha imagem, alguém que já tinha um rosto conhecido, e não algo já pronto encontrado na internet. (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>                                      |   |
| <p>Mas foi uma coisa que foi muito útil por quê <b>ainda hoje eles comentam sobre o canal, alguns ainda se inscrevem, assistem os vídeos. Então, vejo como algo positivo, que eu realmente preciso ainda dar continuidade.</b> (Entrevista com Sempre Viva, 2022)</p>  |   |

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

## 6.1 DA CONSTITUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES

Para sistematizar os núcleos de significações, aglutinamos os pré-indicadores em indicadores (Quadro 10) e utilizamos os critérios que, segundo Aguiar e Ozella (2006), consistem em similaridade, complementaridade e contraposição.

Quadro 11– Constituição dos Núcleos de Significação

| INDICADORES   | NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO   |
|---|---|
| Atuação da professora no trabalho remoto durante a pandemia                                     | <b>As condições de trabalho dos professores na pandemia e os recursos pedagógicos disponíveis</b>                                     |
| Justificando a necessidade do ensino remoto   |   |
| Recursos criados e utilizados na tentativa de superar dificuldades de ensino e aprendizagem     |   |
| Ansiedade no trabalho remoto  | <b>As situações enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho no formato remoto</b>                                |
| Sobrecarga de trabalho no ensino remoto   |   |
| “Do copiar no caderno” ao “canal no YouTube”, e vice-versa: estratégias de trabalho na pandemia |   |
| Desconstrução e reinvenção de si: “acabamos tendo um outro tipo de olhar pra educação”          |   |
| Relação da família com a escola   | <b>As metodologias de ensino desenvolvidas pelos professores no formato remoto e suas implicações para o processo de aprendizagem</b> |
| Dificuldades vivenciadas por professores, crianças e família                                    |   |
| “Aula online” e aprendizagem no ensino remoto   |   |

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

## **7 ANÁLISE DOS DADOS, INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO**

Nesta seção apresentaremos a interpretação dos significados e sentidos constituídos pelas docentes em relação as suas vivências escolares nos anos iniciais do ensino fundamental durante o enfrentamento da pandemia em uma escola pública. Dessa forma, foram construídos os seguintes núcleos de significação: 1) as condições de trabalho dos professores na pandemia e os recursos pedagógicos disponíveis; 2) as situações enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho no formato remoto; e 3) as metodologias de ensino desenvolvidas pelos professores no formato remoto e suas implicações para o processo de aprendizagem. Apesar de serem apresentados separadamente, os núcleos de significação se interligam de uma forma que revelam as apreensões do processo de constituição dos sentidos produzidos pelas docentes.

### **7.1 NÚCLEO: AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES NA PANDEMIA E OS RECURSOS PEDAGÓGICOS DISPONÍVEIS**

Dos três indicadores que fazem parte desse núcleo, iniciaremos analisando a “atuação da professora no trabalho remoto durante a pandemia”. É importante observar que, por vezes, as professoras, em suas falas, apresentaram suas experiências profissionais antes e depois da pandemia da Covid-19.

#### **7.1.2 Atuação da Professora no Trabalho Remoto durante a Pandemia**

Neste indicador as docentes relatam uma experiência vivenciada em sua vida profissional considerada importante para desenvolver suas atividades docentes, como podemos constatar na seguinte fala de Flor que, antes de atuar na rede pública, foi professora de escola particular:

“[Na rede pública] é outra experiência que eu estou tendo. Ainda estou aprendendo a conviver com essa experiência, porque eu iniciei a minha atuação na rede pública com trabalho remoto. E, atualmente, esse ano de 2022, eu atuei no presencial” (Entrevista com Flor, 2022).

Neste caso, ainda há um detalhe importante, a professora ainda não havia desenvolvido suas atividades da docência em uma rede de ensino público e, quando iniciou, foi de forma remota e com limitações materiais para a execução do trabalho.

A relação professor/aluno, em meio ao processo de ensino-aprendizagem, depende, fundamentalmente, do ambiente, da relação empática do professor com os alunos, da capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos estudantes. [...] Por mais que haja a possibilidade de interação pelos meios tecnológicos digitais, essa parece não ser satisfatória na Educação Básica, pelo fato de restringir o olhar atento do professor e limitar práticas que fortaleçam a participação e a compreensão dos sujeitos envolvidos (Cipriani, Moreira e Carius, 2021, p. 11).

No momento dessa fala, a professora, que é da rede pública, estabelece um parâmetro com a experiência anteriormente exercida na rede privada, onde as condições de materiais, de estrutura física e tecnológicas tendem a serem melhores por atenderem um público de maior renda em comparação ao da escola pública:

“eu vinha da rede privada então assim, quando iniciou a pandemia no ano de 2020, eu estava na rede privada. E a rede privada, eu tinha que criar também um mecanismo que eu pudesse dar aula. Então quando eu assumi a rede pública, esse conhecimento que eu já trazia utilizei na rede pública” (Entrevista com Flor, 2022).

A docente Flor pontua que sua vivência na rede privada se deu antes de iniciar suas atividades profissionais na rede pública. Ela revela que, ao assumir seu cargo de professora em uma escola de rede pública, não teve nenhuma formação de capacitação para iniciar o trabalho, mas já trazia estratégias que tinham sido utilizadas por ela na escola anterior.

A docente Cacto expressa as dificuldades para executar seu trabalho remoto, indicando a falta de uma estrutura minimamente adequada, por exemplo de recursos tecnológicos, plataformas e internet disponível para todos os alunos. A sua atuação no trabalho remoto se deu sem nenhuma intervenção estrutural do Estado. Podemos observar tais dificuldades apontadas através da seguinte fala: “acho que **o governo de uma certa forma acabou cobrando das escolas algo que ele não deu assistência**, porque se ele queria todo mundo na aula remota, ele teria que dar condições ‘pra todo mundo está na aula remota, e isso ficou por conta da gente” (Entrevista com Cacto, 2022).

Cabe destacar que a fala de Cacto remete a falta de condições de trabalho e de apoio por parte governamental, apontando as limitações em que se encontrava durante o período pandêmico. A professora expõe que, além de pensar em estratégias pedagógicas, ainda tinha a responsabilidade de possuir um material tecnológico que viabilizasse o seu trabalho. Essas

condições de trabalho também são retratadas em pesquisas como as de Silva *et al* (2021, p. 6118):

Longe de um cenário ideal para o desenvolvimento do ensino remoto, os(as) professores(as) enfrentam diferentes desafios. Estudo realizado entre professores(as) de escolas primárias na Indonésia, durante a pandemia, identificou quatro grupos de desafios enfrentados durante o ensino online, incluindo: os obstáculos tecnológicos – a necessidade de possuir celular ou computador com acesso à internet –, as interferências de familiares durante as aulas, a dificuldade em manter a concentração e a participação dos estudantes e, por fim, a experiência dos(as) professores(as) em relação às ferramentas tecnológicas e a capacidade de compreensão de como elas funcionam.

Diante do exposto, evidencia-se as condições, ou melhor, a falta de uma estrutura mínima para que as aulas ocorressem de forma harmoniosa. E, se a docente da escola estudada, já possuía dificuldades em ter tais recursos, com os estudantes da escola não seria diferente:

“meu computador queimou e eu tive que comprar um outro. O Estado não me deu outro, né? Porque é uma ferramenta minha, sendo que o governo deveria me dar, pagar minha internet, que eu estava usando. A minha internet, né? Então, assim... energia, [por]que eu ficava horas no computador na hora da aula. Então, assim... **Eu acho que o governo falhou nisso, de criar estratégias que, de fato, todas as crianças pudessem ter a chance de estudar na pandemia**” (Entrevista com Cacto, 2022).

Na fala da professora Cacto é possível perceber a ausência das condições e de recursos para trabalhar. Ela nos facilita visualizar um cenário em que se sentia solitária, tentando realizar um bom trabalho, mesmo com a pouca estrutura oferecida por quem deveria garantir o mínimo de condições para possibilitar o acesso e a permanência dos estudantes na escola. Há de se pontuar como a professora, por vezes, frisou que as aulas remotas em meio a uma pandemia de Covid 19 era um momento novo e, também por isso, muitas dificuldades existiram:

“É... [momento novo] **Era uma coisa nova ‘pra nós, ‘pra todo mundo, um desafio grande de poder atender o maior número possível de crianças**, de alunos, diante de tantas dificuldades que as famílias estavam enfrentando, né? [Dificuldades] por desemprego, [porque] não tinham internet, não tinham um telefone que comportasse ver vídeos. Então, nós tivemos muitas dificuldades” (Entrevista com Cacto, 2022).

As dificuldades existiram e, diante dos relatos das docentes, apreendemos as significações constituídas pelas professoras ao que vivenciaram na pandemia. Foi compreendido que, de certa forma, elas foram enfrentados e que a escola não se omitiu de sua função social. Como bem afirmou a professora Sempre Viva ao dizer “**durante a pandemia**

**as atividades foram realizadas** pelo WhatsApp, enviadas pelo WhatsApp, feitas em grupos de WhatsApp” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Na análise do indicador “Atuação da professora no trabalho remoto durante a pandemia”, podemos constatar uma parte das condições de trabalho dos professores na pandemia e os recursos pedagógicos disponíveis nas suas residências. Eles puderam ser utilizados mesmo que de forma limitada, pois o que existia disponível ao alcance dos docentes naquele momento. Há de se pontuar também a ausência de contribuição material do Estado para que as aulas fossem melhores viabilizadas.

### **7.1.3 Justificando a Necessidade do Ensino Remoto**

A questão de as escolas continuarem desenvolvendo suas atividades em meio a pandemia de Covid-19 impõe uma série de dilemas, principalmente pelo fato de que se tratou de problemas que envolviam questões de diversas ordens, como saúde pública, educação, política, sobrevivência, entre outros.

Vamos partir da fala de Sempre Viva, “Então assim, **foi uma adaptação**. Sempre tentando se adaptar ‘pra conseguir suprir a demanda em casa e a demanda fora’” (Entrevista com Sempre Viva, 2022). Observemos que, ao apontar o ensino remoto, a professora foi bem objetiva: “foi uma adaptação” revela, de certo modo, uma improvisação de um trabalho realizado “a qualquer custo” para conseguir suprir as demandas de ordem pessoal e profissional. É interessante perceber como ela reconhece que, mesmo não tendo sido ideal, ainda foi válida em suas atividades, vejamos: “mas eu acredito que diante de toda situação que vivemos, que o mundo viveu, eu acredito que foi valido sim, pois as crianças não deixaram de ter aula nesse período” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Um dos ensinamentos possíveis extraídos de algumas experiências vivenciadas pelas professoras é de que foi possível fazer alguma coisa para que as crianças continuassem tendo acesso a educação. No entanto, por mais justificativas plausíveis existam no ensino remoto, essa experiência se caracterizou como desafiadora por muitas famílias não possuírem domínio, oportunidade ou material suficiente para acompanhar uma rotina de ensino remoto.

Para melhor explicar essa difícil realidade pandêmica vivida por professores e estudantes na escola, recorremos a Gatti (2020, p. 33): “se algumas soluções foram encontradas para a manutenção do vínculo de estudantes com a instituição de ensino, seus professores e colegas, de outro lado verificaram-se dificuldades ponderáveis”. Isso posto, são diversas as dificuldades apontadas por Gatti (2020), dentre as quais se destacam aquelas relativas aos processos de aprendizagem, que ficaram sensivelmente prejudicados em

decorrência das medidas de distanciamento e isolamento social, o que resultou em baixo desempenho escolar, estresse e dificuldades de atenção.

Ao mesmo tempo, os professores também passaram por muitos desafios e sofrimentos na luta para poderem atender a demanda colocada pela realidade. Segundo Gatti (2020, p. 33), “o estresse dos professores pela exigência rápida de novas performances, de preparação de aulas virtuais demandando mudanças em perspectivas didáticas, esforço de manejo técnico de instrumentos não habituais em sua rotina de trabalho” se constituem como algumas das dificuldades vividas por professores na pandemia.

As dificuldades vividas na atividade docente não se reduzem a conjecturas e nem são apenas o retrato de uma realidade distante, pelo contrário, elas estiveram muito próximas, constituindo a nossa realidade, como podemos abstrair da fala da professora Cacto: “Então a gente ficava as vezes, eu, no meu caso ficava muito tempo elaborando a atividade, e quando era na hora da aula a família queria só as páginas do livro que a criança tinha que fazer, ou uma atividade que fosse no caderno o quê que era pra ser feito” (Entrevista com Cacto, 2022).

Assim, percebe-se que o ensino remoto foi necessário, mas o seu desenvolvimento aos longos dos dias de aulas não presenciais apresentou problemas que exigiam adaptações e flexibilidade, pois, apesar de alguns alunos participarem, tal participação tinha suas limitações.

#### **7.1.4 Recursos Criados e Utilizados na Tentativa de Superar Dificuldades de Ensino e Aprendizagem**

Várias são as estratégias utilizadas para tentar superar as dificuldades de ensino e aprendizagem e os recursos utilizados e/ou criados variam conforme as especificidades da situação. O planejamento e a preparação dos materiais para as aulas remotas exigiram um conjunto de ações para que as crianças tivessem acesso aos conteúdos das disciplinas de português, matemática, ciências, geografia e história. Flor expõe: “Eu gravava vídeos com as páginas, eu editava esses vídeos, e eu passava esses vídeos para os alunos em forma de como se fossem filmes com minha explicação usando minha voz e a página do livro” (Entrevista com Flor, 2022).

Efetivamente, de acordo com Gatti (2020), as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem existiram e se intensificaram no isolamento social. A dinâmica de estudo posta para as crianças para apreender os conteúdos sem a presença física de um docente, mesmo com todo esforço empregado por eles, não resultou na melhor formação durante o período. Foi perceptível que as crianças, por muitas vezes, não conseguiam entender uma atividade

proposta e assimilar o assunto abordado em uma aula virtual. Flor pontua: “Também via que as vezes eles não conseguiam compreender. Então eu fazia gravações de mostrar para eles, com o caderno e o lápis, como eles fariam da forma escrita expressando como registro. Também tinha uma lousa em casa que eu fazia aulas” (Entrevista com Flor, 2022).

A referida docente desenvolveu suas atividades em sua própria casa, na qual os recursos utilizados, como a câmera para realização das filmagens e a lousa, pertenciam a ela. A secretaria de educação, em momento algum, viabilizou recursos materiais para a realização das aulas não presenciais e, muito menos, que possibilitassem o acesso dessas crianças nesse novo formato de ensino. Cacto destaca seu esforço:

“... no começo apenas o Whatsapp era utilizado, e vídeos né? que já tinham no Youtube, já publicados. E com o passar do tempo se percebeu a necessidade de...até mesmo... por conta de alfabetização, primeiro ano, eu e Alexandra precisamos fazer vídeos mesmos nossos, até mesmo produzir vídeos nossos para auxiliar na alfabetização” (Entrevista com Cacto, 2022).

Apesar da magnitude do desafio em superar as dificuldades de ensino e aprendizagem, talvez nunca tenhamos chegado tão próximos das transformações inadiáveis que nos libertem definitivamente dos espectros do ensino tradicional, permitindo a construção de caminhos contemporâneos para uma nova escola. As professoras precisam ser valorizadas como instrumentos fundamentais e permanentes de uma escola, dado que constituem o instrumento mediador, pensante, reflexivo e estratégico na educação escolar.

“...com o passar do tempo somente eu percebi que apenas os vídeos estavam ficando pouco... como recurso, repetitivos e com poucos recursos, e nós sabemos que para a aprendizagem de qualquer nível escolar tem a necessidade de ter algo diversificado para motivar, e incentivar os alunos na aprendizagem. Né? Ter o interesse de aprender. Ai a gente, acabamos descobrindo a existência de um jogo on-line, um... (pausa) não lembro o nome direito do jogo, mas depois posso procurar, nesse jogo você poderia montar qualquer disciplina em qualquer tema. Tinha vários temas, quebra-cabeça, alternativas, roletas. Enfim, tinha uma infinidade de ferramentas dentro do jogo que você montava, e era bem legal porque as crianças gostam de jogo. E eles terminavam e executavam o jogo, e tiravam ‘print da atividade e eles enviavam. Então foi um recurso muito bom para aprendizagem” (Entrevista com Cacto, 2022).

Esse processo de refletir sobre a metodologia de suas atividades e reconhecer que se precisava de algo a mais para estimular a aprendizagem das crianças de uma maneira lúdica é, também, parte importante desse movimento do fazer pedagógico significativo, em que o recurso utilizado possibilitou uma maior interação e envolvimento das crianças na aula. Cacto coloca:

Outro recurso também, Milena, que era usado bastante também era o áudio, eles mandavam as respostas por áudio, então a gente escutava às vozinhas deles, e os vídeos que eles também produziam, eles enviavam também. E, algumas vezes. É, e nós utilizamos a plataforma a plataforma ‘Google Meet para fazer e realizar aulas virtuais com eles, ao vivo, vamos dizer assim, com a presença de outras pessoas. No caso, meu genro toca guitarra, então eu fiz uma festa junina com eles, ele tocando... e as crianças cantando, forró, músicas juninas, e no final do ano montamos um pequeno coralzinho para eles cantarem músicas natalinas, e também foi bem legal (Entrevista com Cacto, 2022).

Apesar do distanciamento social ocasionado, os recursos tecnológicos utilizados nas aulas remotas proporcionaram uma aproximação na qual o ouvir a voz e ver outras pessoas por uma telinha, a professora consegue dar um testemunho de uma experiência em que aspectos culturais foram proporcionados as crianças em datas pontuais, que não são ignoradas em nosso calendário anual.

Houve muitas limitações de acesso, pois, alguns alunos não possuíam internet ou tinham um uso muito limitado a dados moveis de sua operadora de telefone celular. Essas limitações são apontadas em estudos conforme Nascimento *et al.* (2020, p.9): “a cerca de 6 milhões de estudantes sem acesso domiciliar à internet em banda larga ou 3G/4G e que, por conseguinte, não teriam como atender em casa a atividades remotas de ensino-aprendizagem”. Ainda, como relata Sempre Viva:

[...] a gente digitava as atividades no documento do Word enviava em dois formatos em pdf, e em Word o aluno poderia imprimir ou copiar em seu caderno, e fazer em casa. É... (pausa)... Alguns **não realizaram devido à dificuldade de internet, devido à dificuldade mesmo do celular.** (Entrevista com Sempre Viva, 2022)

As experiências das aulas remotas vivenciadas durante a pandemia exerceram impactos sobre as dinâmicas tanto de trabalho das professoras, como na rotina das crianças e de suas famílias, o que evidenciou as limitações econômicas de todos. Isto, por sua vez, refletiu na própria participação das crianças nas aulas virtuais.

## 7.2 NÚCLEO: AS SITUAÇÕES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES NO DESENVOLVIMENTO DE SEU TRABALHO NO FORMATO REMOTO

Nesta seção apresentaremos os seguintes indicadores: 1) ansiedade no trabalho remoto; 2) sobrecarga de trabalho no ensino remoto; 3) “do copiar no caderno ao canal no YouTube”, e vice-versa: estratégias de trabalho na pandemia; e 4) desconstrução e reinvenção de si: “acabamos tendo um outro tipo de olhar pra educação”.

### 7.2.1 Ansiedade no Trabalho Remoto

Neste indicador podemos apreender as significações sobre a situação de como as docentes participantes da pesquisa se encontravam durante o período da pandemia de Covid-19. Incertezas de como esse evento iria terminar prevaleciam, pois, estávamos diante de algo novo a ser vivenciado sem previsão de término. A fala da professora Sempre Viva retrata sobre seu sentimento no início de um trabalho a ser desenvolvido: “inicialmente eu me vi um pouco ansiosa pra começar o trabalho, e quando foi decidido mesmo que iríamos começar o trabalho remoto, eu me preparei pra dar o melhor (Entrevista com Sempre Viva, 2022)”.

Ocorre que, nesse início de trabalho, vamos conhecendo os sentimentos manifestados naquele momento, como um estado de ansiedade, aflição, angústias e incertezas provocadas no contexto em que o trabalho ganhava um formato que muitas delas não tinham formação na área tecnológica e/ou em educação a distância, nem muita habilidade para executar suas atividades de docência em meio a um contexto de pandemia Estudos de Alessi *et al.* (2021, p.18) apontam as “condições de trabalho inadequadas, atendimento a questões organizativas e de orientação, adicionados ao preparo de aulas e ao ensino remoto em si, têm levado ao desgaste dos docentes, à exaustão e ao esgotamento da saúde”.

Considerando estudos como o citado acima e as falas das docentes, percebemos um quadro frágil no tocante a saúde mental das professoras. Para corroborar e em complementariedade a declaração de Sempre Viva, a docente Flor discorre sobre esses sentimentos: “Eu acredito que **os sentimentos eram assim de incerteza, de angústia de certa forma por...** Não saber quanto tempo levaria esse tempo de aulas remotas, ou como seria o futuro de todos nós de uma maneira geral” (Entrevista com Flor, 2022).

Vale observar que ao expormos esses sentimentos declarados pelas docentes, percebemos como essas emoções surgem espontaneamente em um determinado tempo, a durabilidade de algo que não se sabia até quando iria percorrer e, que ainda, nem se tinha o domínio sobre.

“Então isso com o passar do tempo acabou meio que a gente desanimando, porque você precisava planejar aquela aula da melhor qualidade ‘pra que seu aluno tivesse a melhor forma de aprendizado, porque ele não tinha outro contato com o professor, a não ser escutar o áudio que o professor mandava, e assistir os vídeos, né” (Entrevista com Cacto, 2022).

Nesse decorrer da atividade docente, o sentimento declarado pelas professoras vai se complementando, iniciando com uma ansiedade e que, com o passar do tempo no desenvolvimento do trabalho remoto, surge também enquanto desânimo. A angústia também

aparece no processo de seus trabalhos docentes. Flor relata que **“era uma questão de angústia de certa forma** porque, ao ensinar o aluno através apenas de um aparelho celular, que era esse... esse... o aparelho tecnológico que nós tínhamos para manter contato com o aluno” (Entrevista com Flor, 2022).

No indicador “Ansiedade no trabalho remoto”, o estado emocional vivenciado pelas docentes evidencia o tempo e o sentimento por elas sentido. Durante este período elas não deixaram de ser humanas e também se afetaram com tudo que estava acontecendo em seu contexto próprio e mundial, como as mudanças em seu ambiente de trabalho e em uma nova forma de pensar a educação escolar.

### 7. 2.2 Sobrecarga de Trabalho no Ensino Remoto

O novo formato de ensino converge com o excesso de atribuições na vida dessas professoras. Antes da pandemia de Covid-19 suas atividades profissionais eram bem delimitadas, com horário de deslocamento de suas residências até a instituição de ensino, horário de entrada e saída da escola, horários de suas aulas e planejamentos. Sempre Viva relata a transformação:

“[...]com a pandemia eu fiquei em casa sozinha com a minha filha de três anos, na época tinha três anos, então, é... o horário das aulas a noite era o horário que eu tinha da janta, dar o banho, colocar ‘pra dormir. Então foi uma readaptação que eu tive que fazer na minha filha ‘pra poder atingir, ‘pra poder conseguir dar essa aula remota., demorou um bom tempo ‘pra ela se adaptar, e durante o dia eu tinha ... é... **muita dificuldade também, porque sozinha em casa né, a gente tem os afazeres com comida, com a questão da limpeza, mas eu dividia o tempo quando a minha filha dormia**” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

É preciso observar a fala dessa professora em que, por estar em casa, as suas muitas tarefas e atribuições como professora, mãe e doméstica terminaram gerando uma sobrecarga de trabalho pelos acontecimentos simultâneos. Sempre Viva complementa: “a gente também trabalhava durante o dia, pois era encaminhado atividades de casa, e os alunos durante o dia iam me enviando atividades, fotos das atividades e a gente precisava fazer as intervenções, correções” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Sempre Viva apresenta sua árdua jornada de trabalho em que os alunos, mesmo depois das aulas remotas realizadas durante a noite, continuavam com uma interação de devolutivas das atividades orientadas para fazer no dia seguinte. Assim, podemos constatar que a organização do tempo para sua atividade docente era dispendiosa pelo fato de muitos alunos não terem como participar de forma simultânea. Para que a participação fosse, de certa forma,

garantida, havia uma flexibilidade para a realização das atividades pelas crianças. No entanto, essa flexibilidade de retorno de atividades fazia com que a docente se sobrecarregasse.

Conforme os estudos de Silva *et al.* (2021, p. 6118) “a responsabilização dos(as) professores(as) durante a pandemia associada à ausência de capacitações podem contribuir para a sobrecarga de trabalho, aumentando a exaustão, o que pode influenciar a satisfação com o trabalho que eles(as) desempenham”. Essa sobrecarga de trabalho pode ser conferida, por exemplo, na seguinte fala da professora:

“[...]mas realmente já teve vezes de durante o almoço eu está explicando atividades, eu levar livro ‘pra praça com a minha filha no momento ‘pra ela se distrair, eu ir com livro com material, enquanto ela brincava eu tava dando aula, mandando mensagem de texto, gravando vídeos” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Nessa direção, os sentidos produzidos por Sempre Viva em relação ao seu trabalho remoto na pandemia estão ancorados ao tempo e a preocupação com a necessidade de atender as demandas de sua vida pessoal, familiar e profissional. Conforme (Gomes, Penna e Arroio, 2020, p. 4) “todas essas alterações no trabalho são situações estressoras que ocasionam uma sobrecarga física e mental, proporcionando um sofrimento prolongado, sobretudo quando acrescido das tarefas domésticas”. É também nessa perspectiva que a docente Cacto trata sobre o tempo disponibilizado para suas atividades enquanto docente: “Então a preparação pra aula ela se tornou com muito mais tempo, você tinha que disponibilizar muito mais de tempo, do que a própria aula em si” (Entrevista com Cacto, 2022).

A visão que Cacto traz do ensino remoto é bastante coerente com a narrativa de Sempre Viva, em que o foco está muito mais na disponibilidade de tempo para atender seus alunos e nas diversas condições de realizar as atividades escolares fora da sala de aula convencional. Isso fica claro quando, em alguns momentos ao longo das entrevistas – incluindo o excerto acima –, a docente enfatiza a preparação das aulas e a exigência de um tempo maior para planejar mais do que a hora das próprias aulas em si. Abaixo destacamos um trecho em que a docente exemplifica este fato:

**“eu trabalhei muito mais na pandemia do que nesse ano mesmo**, porque quando eu ia selecionar um vídeo por exemplo, ‘pras crianças assistirem, eu assistia dez vídeos, oito vídeos, sete vídeos ‘pra poder escolher um que ficasse de acordo com a necessidade que os alunos estavam necessitando” (Entrevista com Cacto, 2022).

O fragmento acima revela duas vivências: a primeira é que Cacto faz um comparativo da carga de trabalho realizado de forma remota com a presencial, o que se deu no ano seguinte; e a outra relacionada ao tempo de duração atribuído ao planejamento durante a

pandemia de Covid-19. Entretanto, a professora Flor, de forma coerente com as narrativas das duas docentes, relata sobre o tempo e a sua carga de trabalho que:

**“As aulas eram dadas todos os dias** durante um período acredito de duas horas, confesso que não me recordo fielmente, mas tinha que ser reduzido o tempo. Então assim, **era um horário mais reduzido pelo fato de ser de forma remota, porém havia mais trabalho no sentido de gravar vídeos, de editar, de criar essas estratégias mesmo**” (Entrevista com Flor, 2022).

Logo, os relatos produzidos pelas docentes permitem observar que a significação relacionada a carga de trabalho no ensino remoto está fortemente condicionada ao tempo disponibilizado para as aulas. Ademais, foram muitas as demandas sociais e econômicas surgidas ao longo desse período e que impactavam de forma direta na participação das crianças nas aulas.

### **7.2.3 “Do Copiar no Caderno ao Canal no YouTube”, e Vice-versa: Estratégias de Trabalho na Pandemia**

Ao longo das entrevistas realizadas, a impressão obtida foi a produção de um grande esforço para otimizar o tempo das aulas remotas através de estratégias que prendessem a atenção das crianças e possibilitassem a elas uma aprendizagem significativa. Sempre Viva indica uma de suas estratégias:

“Então eu abri um canal no YouTube, eu gravei vídeos ensinando a fazer jogos com música, ensinando a calcular adição, multiplicação. Justamente ‘pra quando enviar para os alunos, ser uma pessoa conhecida íntima deles, e não ser apenas aquele vídeo retirado da internet, do YouTube dado aos alunos” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Sempre Viva acredita na importância da professora ser uma pessoa conhecida pelas crianças, que os conteúdos encaminhados para elas fossem produzidos pela docente, discordando com a utilização de uma aula já pronta retirada da internet. A professora, tendo esse pensamento, logo criou um canal no YouTube, onde publicou suas próprias aulas para atender a todos os grupos/turmas em que ela lecionava: “toda semana era um grupo diferente, e eu elaborava atividades que os alunos, ou poderiam imprimir, ou poderiam copiar no caderno e responder em casa né (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Constatamos que as docentes criavam materiais didáticos para o desenvolvimento de suas aulas, nos remetendo ao que colocam Filatro e Cairo (2015, p. 109) ao afirmarem que “por vezes, esses materiais são preparados por iniciativa individual de professores ou especialistas, que buscam enriquecer suas aulas teóricas e práticas”. Ações como essas, de criar materiais, demonstram o compromisso dos professores em suas atividades profissionais.

Ainda podemos observar que, além dos vídeos criados na internet pela professora, outros foram utilizados outros recursos como atividades a serem impressas ou copiadas pelos alunos em seus cadernos. Sempre Viva coloca que “a maioria dos alunos **utilizavam o celular dos pais e os pais estavam trabalhando durante o dia**. Então somente a noite que eles tinham acesso aquele celular, aquele aparelho. Então foi decidido por fazer as aulas remotas no horário da noite” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Em relação as estratégias utilizadas para que as crianças participassem das aulas remotas, o aparelho celular aparece enquanto o mais comum. Mas, infelizmente, nem todos possuíam tal ferramenta, que, na pandemia, se configurou como um importante material didático. Para aqueles que tinha acesso ao dispositivo móvel, a situação se complicava quando um mesmo aparelho era utilizado por várias crianças do mesmo arranjo familiar. Dessa forma, o horário decidido para realizar as aulas foi estratégico, pois, se pensou na possibilidade de os pais e seus dispositivos celulares estarem em casa.

**“Agora as atividades nos cadernos, [...] foi feito da seguinte forma... [...] Vimos a necessidade de montarmos nossos próprios vídeos, inclusive, por ser primeiro ano a gente precisou ensinar as crianças a utilização dos cadernos, né? Através dos vídeos que a gente colocava assim, como eles eram pequenos, nós enviávamos as atividades de folha em um arquivo, e eles colocavam as respostas no caderno, porque como eles eram muito pequenos para eles copiarem tudo, né, demandava tempo e cansava eles, a família e mais sendo a noite, então a gente achou melhor eles responderem sem precisar copiar os enunciados, e deu certo, as atividades do caderno e do livro. Nós usávamos mais os livros do que os cadernos, mas eu gostava que duas vezes na semana era usado o caderno para eles não perderem o contato com a escrita e com seu próprio caderno”.** (Entrevista com Cacto, 2022)

O discurso de Cacto traz um contexto bem específico e desafiador: a realização de uma simples atividade de copiar no caderno. Apesar de parecer simples, quando se trata de crianças que se encontram em processo de alfabetização, essa tarefa não é tão fácil. Contudo, mesmo com as limitações, a utilização do caderno e de livros foram realizados.

A professora Flor revela que não utilizou o YouTube, mas que fez uso de vídeos criados por ela e de outros aplicativos que serviram como meio de explicação de conteúdos para as crianças. Nas palavras de Flor:

“Essas estratégias utilizadas por mim, criação de vídeos, edições, as vezes vídeos feitos na câmera mesmo do celular, outros vídeos me filmavam e editava esses vídeos pra mostrar aos alunos ou um aplicativo que escaneava o livro didático e através do escâner eu ia explicando para o aluno. Então assim, com relação a YouTube eu não cheguei a utilizar não” (Entrevista com Flor, 2022).

Diante dos relatos das docentes, evidencia-se a significação atribuída por elas em relação as estratégias e recursos utilizados como mecanismo facilitador nesse processo de ensino e aprendizagem. Elas utilizaram de estratégias mistas, tanto tecnológicas, como tradicionais – copiar em um caderno -, como ações educativas para alcançar objetivos específicos em cada disciplina.

#### **7.2.4 Desconstrução e Reinvenção de Si: “acabamos tendo um outro tipo de olhar para educação”**

Ao longo do período em que as aulas remotas foram realizadas, uma nova maneira de ensinar e olhar a educação foi sendo apreendida e constituída pelas docentes:

“E como professora mesmo, eu digo que na pandemia eu acabei, nós, eu acredito que todos nós professores, acabamos tendo um outro tipo de olhar ‘pra educação, e ao mesmo tempo que nós tivemos outro tipo de olhar, nós precisamos se reinventar ‘pra poder dar aula. E essa reinvenção ela veio de uma desconstrução de tudo que a gente já tinha vivido ‘pra construir tudo novo e assim...” (Entrevista com Cacto, 2022)

A fala da professora Cacto nos leva a pensar em uma quebra de paradigmas que cominou no surgimento de uma nova visão e ação. Esse processo de significação atenta para a atribuição do valor dado ao que se tinha antes e o que não se tem mais. Com os prédios escolares fechados, as casas das professoras foram expostas através das chamadas de vídeos realizados com as crianças. Assim, o que era um espaço privado passou a ser um espaço de trabalho público.

Flor coloca que “[...]essa questão de se reinventar, de toda forma foi uma reinvenção essa criação de vídeos, de filmes porque não é algo que nós utilizamos na prática do dia a dia na forma presencial, né? Na forma presencial não é preciso esse tipo de estratégia [...]” (Entrevista com Flor, 2022). A forma de ensinar, planejar e da utilização de alguns recursos, como o audiovisual, era totalmente novo, não somente para as docentes, mas para toda a comunidade escolar. Assumir essa nova rota foi como criar, em cima de algo já existente, com detalhes que nunca foram utilizados antes.

“[...] a questão do olhar pra educação, o olhar que eu tenho hoje é que de toda forma a educação pode ser reinventada, né? Pode ser reinventada de maneira em que você chegue a qualquer lugar hoje com a tecnologia mesmo em uma situação de pandemia como foi, ou em outra situação, a tecnologia de certa forma ela ajuda, ela contribui” (Entrevista com Flor, 2022).

É interessante notar que mesmo as professoras sendo ligadas ao mesmo currículo escolar e pertencerem a mesma instituição de ensino, trazem significações divergentes em

relação a reinventar a educação. Ou seja, ela pode ser vista e trabalhada de formas diferentes, em que os esforços para mudanças partam pelo interesse do professor em querer realizar um novo fazer pedagógico.

Nesse aspecto, contudo, o quadro é bem desfavorável. Se se reinventar em meio a uma pandemia de Covid 19, onde as ações educativas levaram a utilização predominante de recursos tecnológicos, tornou-se muito complicado pelo fato de os profissionais não possuírem o devido domínio sobre eles. Sempre Viva destaca:

“[...] o que eu pude fazer pra me reinventar foi criar o canal no YouTube, né? Eu fiz um canal no YouTube onde eu gravei alguns vídeos explicativos, alguns jogos, algumas coisas ‘pra tentar exemplificar eles escutando a minha própria voz, vendo a minha imagem, alguém que já tinha um rosto conhecido, e não algo já pronto encontrado na internet” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

A professora Sempre Viva, por vezes, expõe a importância do professor ser alguém conhecido, em que a criança se sinta familiar. Para ela, criar esse laço distante fisicamente, foi uma forma de se reinventar enquanto professora, passando a fazer algo que antes não fazia, isto é, a utilização da plataforma do YouTube para interagir com seus alunos. A existência de um recurso aparentemente tão simples, mas que exige compromisso, e objetivos bem definidos para alcançar uma aprendizagem e interação mínima, auxiliou na relação com as crianças.

Conforme a própria professora Sempre Viva, o canal no YouTube criado por ela para atender a demanda das aulas remotas, ainda repercute de forma positiva. O espaço ainda recebe comentários sobre os conteúdos lá postados, o que ela reconhece como algo que deve continuar mesmo com a retomada das aulas para o modo presencial. Ela complementa: “Mas foi uma coisa que foi muito útil porque ainda hoje eles comentam sobre o canal, alguns ainda se inscrevem, assistem os vídeos. Então, vejo como algo positivo, que eu realmente preciso ainda dar continuidade” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Assim, a significação relacionada a esse modo de reinventar uma prática pedagógica no contexto da pandemia pode ser entendida enquanto uma necessidade da continuidade de refletir sobre nossas práticas educativas, possibilitando que elas possam ser constantemente revisitadas para melhor atender as novas exigências de uma política educacional eficiente e estratégica. Aqui, citamos Morin (2007, p. 43):

Eu posso pegar algumas lágrimas e fazer uma análise química. Mas a análise química das lágrimas não vai dar o resultado do que significam as lágrimas. Precisa-se mobilizar a compreensão. Se me recordo de quando estou sofrendo.

Se tenho esse fenômeno de simpatia para entender esse sofrimento, isso gera a compreensão.

### 7.3 NÚCLEO: AS METODOLOGIAS DE ENSINO DESENVOLVIDAS PELOS PROFESSORES NO FORMATO REMOTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

No intuito de continuarmos apreendendo sobre as significações constituídas acerca das metodologias de ensino utilizadas pelos professores no formato remoto e, também, sobre suas implicações para o processo de aprendizagem, o terceiro e último núcleo é constituído a partir da articulação de três indicadores: 1) relação da família com a escola; 2) dificuldades vivenciadas por professores, crianças e família; e 3) aula online e aprendizagem no ensino remoto.

#### 7.3.1 Relação da Família com a Escola

A necessidade do distanciamento social e a implementação do ensino remoto tornou imprescindível, ainda que sem conhecimento ou familiaridade suficientes, o uso de ferramentas digitais de informação e comunicação. A adoção dessa modalidade de ensino exigiu dos(as) professores(as) a adequação do ambiente domiciliar e a reestruturação dos planejamentos de ensino em um contexto de “disponibilidade irrestrita” de tempo para responder às demandas de estudantes e familiares. (Silva *et al.*, 2021, p. 6118)

Neste primeiro indicador, a professora Cacto expressa a sua apreensão acerca da garantia da educação escolar e da mobilização para as aulas acontecerem, ela diz: “a escola não parou nenhum dia da pandemia né, de primeiro momento a coordenação junto com o grupo de apoio pedagógico e gestão criaram o grupo de WhatsApp ‘pras famílias, juntamente com as famílias ‘pra que as crianças não tivessem nenhum dia sem aula, e foi justamente o que aconteceu” (Entrevista com Cacto, 2022).

Podemos inferir, mediante a fala de Cacto que, ao direcionar sobre a paralização das aulas presenciais, a escola foi bastante ágil junto a família e rapidamente se uniram para criar grupos no aplicativo de WhatsApp, buscando ações que contemplassem a continuidade das atividades escolares, mesmo que em outro formato.

Por outro lado, um aspecto relevante na fala da professora Flor é a sua reflexão acerca da atuação da família no decorrer do ensino remoto: “**a questão escola e família, não existia essa proximidade como existe na forma presencial** porque só quem tinha contato com um grupo específico com às famílias era a coordenação da escola e a gestão” (Entrevista com Flor, 2022). A fala destaca uma falta de interação maior entre as docentes e a família das

crianças por elas atendidas, o que acabou gerando uma certa centralização de contato por parte da coordenação e gestão da escola.

Ao continuar sua fala acerca das aulas no formato remoto, Cactos, ressalta: “Então eles já queriam só que a gente desse as atividades... Qual que é as atividades? O quê que é que tem que fazer agora? **Então só queriam que a criança fizesse atividade, não a preparação da aula inteira [...]**” (Entrevista com Cacto, 2022). Fica evidente que, apesar de todo esforço em preparar uma aula, a família que acompanhava a criança no momento da aula remota desejava algo objetivo, em que a criança logo realizasse as atividades sem uma explicação e uma rotina mínima proposta pela instituição de ensino.

Ainda de acordo com Cacto, mesmo sob as circunstâncias em que estavam, as crianças aprenderam bastante nesse período, ao afirmar que,

**foi notório que crianças que tinham assiduidade nas aulas elas aprenderam, não como se estivesse em sala de aula**, lógico que não né, que isso aí não tem nem lógica, não tem como comparar, mas muitas crianças, eu trabalhava no primeiro ano e **as crianças foram alfabetizadas**, elas conseguiam ler, elas conseguiam escrever frases no final do ano, mas foi com muito esforço das famílias e o interesse dos alunos (Entrevista com Cacto, 2022).

Assim, podemos perceber que a assiduidade nas aulas remotas e a presença familiar nesse momento fez uma diferença significativa no processo de alfabetização desses alunos, de modo que a professora reconhece que as crianças teriam provavelmente avançado ainda mais caso as aulas tivessem acontecido em uma sala de aula de modo presencial.

### 7.3.2 Dificuldades Vivenciadas por Professores, Crianças e Família

No segundo indicador, a professora Sempre Viva relata sobre sua preocupação e percepção relacionada as dificuldades em produzir suas aulas remotas:

“eu **tive essa preocupação no começo de fazer o canal**, mas infelizmente não teve tanta receptividade por partes dos alunos. Alguns por motivos né, de ter acesso a internet, os dados serem pouco ‘pra abrirem os vídeos, outros por desinteresse devido a situação de ter que estudar em casa, ter que estudar a noite” (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Ao se revelar preocupada com o novo desafio de lecionar de forma remota e buscando estratégias como a criação do seu próprio canal na plataforma do YouTube, Sempre Viva demonstra sua afetação pelo fato das crianças e das famílias não terem sido tão receptivos acerca de sua estratégia. Ainda que fosse uma ferramenta de aproximação e que facilitaria no

processo de ensino e aprendizagem, havia dificuldades de acesso a internet pelos alunos, o que dificultava a visualização das crianças aos conteúdos postados.

A professora demonstra que as configurações constituídas até aquele momento do ensino remoto possibilitaram uma significação acerca de sua atividade. Sempre Viva explicita: **“a gente se comunicava por mensagem de texto ou áudios, algumas vezes foi necessário fazer videochamada dependendo da criança, alguns tinham mais dificuldade, foi feito videochamada também ‘pra tentar explicar ‘pra criança e tirar as dúvidas que eles tinham”** (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Ao mesmo tempo, em que havia a dificuldade em acessar o YouTube, por exemplo, a professora Sempre Viva buscava interagir e esclarecer as dúvidas dos alunos de outras formas. Um aspecto importante que se evidencia na fala de Sempre Viva é a sua compreensão no que concerne ao reconhecimento das particularidades encontradas em cada contexto das crianças atendidas pela escola. Fica evidente que a professora é atravessada por vivências contrárias ao que se esperava, ou seja, contextos educacionais distintos que possibilitariam a realização de um modo de ensinar em uma turma complexa. Até o horário da realização das aulas foi escolhido para driblar uma das dificuldades apontadas: **“Por isso as aulas eram feitas no horário da noite. A dificuldade financeira da família foi visível”** (Entrevista com Sempre Viva, 2022).

Contudo, a professora Flor revela uma outra dificuldade: **“Então eu gravava aulas, me gravava dando aulas, e passava para eles também.** Então era um trabalho muito difícil, e realmente assim, eu senti que a matemática é muito complicada fazer esse **trabalho no remoto**” (Entrevista com Flor, 2022). Destacamos o esforço do professor em se dedicar desde a preparação das aulas ao desenvolvimento delas forma remota, assim enfatizamos que “[...] o professor também aprende a ensinar mediante um processo de interação no contexto em que atua” (Pacheco e Flores, 2000, p. 49).

Compreendemos que Flor sentiu dificuldade desde a preparação dos materiais a serem encaminhados para as crianças, considerando o grau de dificuldade na disciplina de matemática. Isto significou, para ela, o trabalho remoto como bem desafiador, pois a professora reconhece as especificidades das áreas de conhecimentos que foram trabalhadas nesse formato.

Ainda, partir da fala da professora Cacto, fica evidente que uma grande dificuldade foi a falta de acesso a internet. Assim, entendemos que Cacto apreende a atividade de ensinar de forma remota a partir do mundo em que as condições materiais existentes são difíceis para efetivá-la. A professora coloca:

nós tivemos alunos que **a mãe não tinha internet em casa, ia na casa de uma amiga, andava não sei quantos minutos**, meia hora, quarenta minutos a pé lá na casa da amiga ‘pra poder pegar as coisas da internet ‘pra conseguir baixar, e vinha ‘pra casa ‘pra criança fazer, **tirava fotos e mandava, ia de novo, daí dois, três dias ‘pra entregar as fotos e pegar conteúdo de novo.** (Entrevista com Cacto, 2022)

Tudo isso, somado ao volume de atividades, conforme apontado por Costa(2021, p. 116): “Nesse período, os professores têm assumido muitas frentes de trabalho e a todo o momento chegam novas exigências, como preparar aulas, materiais para ser impressos, assistir *lives* e mais *lives* de formação, fazer atividades em plataformas moodle, entre outras”. Isto posto, a autora prossegue com um indicador muito válido: “O que defendemos é a utilização desses recursos como forma de contribuir com o trabalho docente, permitindo que os professores se tornem atores do seu trabalho, e não o contrário, sendo ameaçados e escravizados por eles [...]” (Costa, 2021, p. 117).

Por fim, a professora Cacto destaca: “E de fato, com o passar dos dias a gente foi percebendo que as famílias por conta de **muitas dificuldades de acessar internet, as vezes a internet era só dos dados móveis**, não tinha como as famílias assistirem, as crianças.” (Entrevista com Cacto, 2022). Assim entendemos que Cacto, Sempre Viva e Flor não pararam suas atividades docentes, mesmo em meio de tantos desafios; e as famílias, em meio a tantas dificuldades, tiveram suas vivências, pois foram afetados de alguma forma.

### 7.3.3 Aula Online e Aprendizagem no Ensino Remoto

Neste último indicador destacamos como as docentes avaliam a aprendizagem no formato de aula remoto. Nessa perspectiva, a professora Flor nos fez considerações: “Então assim, avaliar, eu acredito que o trabalho presencial ele é mais produtivo “pra aprendizagem, mas o trabalho remoto ele foi importante pra o contexto social que a gente estava vivendo da pandemia” (Entrevista com Flor, 2022).

Assim, entendemos que Flor expõe a significação construída por ela sobre o trabalho presencial e remoto, valorando o presencial enquanto o que possibilita uma aprendizagem mais exitosa e significativa. Para ela, o ensino da criança acontece de forma mais eficaz, o que ela chama de produtivo, por ter mais possibilidade de intervenções pedagógicas que favorecem na escolarização da criança. Porém, ainda assim, a professora reconhece que para o contexto vivenciado na pandemia de Covid-19, o ensino remoto foi um trabalho importante e necessário na vida educacional dos alunos. Saviani (2020, p. 5-6) corrobora com esta discussão ao colocar que:

o "ensino remoto" é posto como um substituto do ensino presencial excepcionalmente nesse período da pandemia em que a educação presencial se encontra interdita. Como se vê, por definição, o ensino remoto não pode se equivaler ao ensino presencial, sendo admitido apenas como exceção; e se diferencia da Educação a Distância porque também não preenche os requisitos definidos para essa modalidade. No entanto, mesmo para funcionar como substituto do ensino presencial certas condições precisam ser preenchidas.

É, ainda, importante mencionar a fala da Professora Cacto que evidencia sua percepção relacionada a aprendizagem:

**“Então eu vejo que o aprendizado na pandemia ela poderia ter sido melhor, se os instrumentos que nós tivéssemos fossem outros, né. Então, um exemplo, se o governo tivesse disponibilizado tablet ‘pras crianças, ‘pra que ela pudesse ter acesso né. É... Quem participa do bolsa família ter internet gratuita em casa ‘pra que essas crianças pudessem acessar né, ter facilidade...”** (Entrevista com Cacto, 2022).

Além disso, é necessário enfatizar que Cacto tem consciência dos motivos que impossibilitaram um ensino remoto de qualidade e que favorecesse ao desenvolvimento da criança. Isto é perceptível quando revela que o aprendizado na pandemia poderia ter sido melhor e acrescenta algumas medidas que poderiam ter sido tomadas e não negligenciadas. Cacto significa a aprendizagem como uma atividade que precisa das ferramentas necessárias para poder ser atingida.

“quando nós retornamos o ano passado, as crianças que tiveram aula online que conseguiram assistir remotamente, elas estavam anos luz dos que não tinham tido nenhuma aula. Então a gente via assim que todo esforço por mais dificuldade que tivemos, deu resultado, porém aquelas que não tiveram oportunidade, ficaram né sem ter essa oportunidade” (Entrevista com Cacto, 2022)

De acordo com Cacto há diferenças entre as crianças que tiveram acesso as aulas online para aquelas que não conseguiram, por várias questões, participarem. A significação produzida na relação da aprendizagem das crianças é que as que participaram das aulas não presenciais durante a pandemia de Covid-19 tiveram avanços significativos, diferentemente daquelas crianças que não participaram. Morin (2020, p. 30) complementa:

O isolamento social serviu de lente de aumento para as desigualdades sociais: a pandemia acentuou drasticamente as desigualdades socioespaciais. Nem todo mundo tem residência extra para fugir da cidade. Algumas condições exíguas de moradias para famílias com filhos tornam o isolamento inviável, sem falar dos sem teto, dos refugiados chamados de migrantes ou imigrantes, para quem esse isolamento foi um sofrimento duplo.

O processo de ensino e aprendizagem, mediado pela internet e pelo acesso as tecnologias potencializa um obstáculo que já vinha sendo enfrentado: a desigualdade. Nas palavras de Sempre Viva:

alguns alunos mesmo com muitas dificuldades, realmente avançaram com as aulas remotas, mas infelizmente não é um formato que atinge muitas crianças né, algumas crianças precisam do atendimento pessoal, algumas crianças precisam da presença do profissional, da fala, da intimidade do contato com o professor ‘pra aprender né? (Entrevista com Sempre Viva, 2022)

Vinculando as informações expressas nas falas das professoras e enfatizada por Sempre Viva, compreende-se que elas reconhecem as dificuldades enfrentadas na aprendizagem durante as aulas remotas. Mas percebem que existem avanços por parte dos alunos que tiveram a oportunidade de se fazerem presentes nas aulas. Explicita que a presença do professor é essencial no processo educacional em que o ensino remoto não substitui o ensino presencial.

A professora Flor fala das incertezas de não saber, ao certo, se a criança conseguiu compreender e apreender sobre o que estava sendo ensinado de forma remoto, vejamos: “[...] de certa forma você não sabia, apesar das muitas estratégias utilizadas, que vou falar mais a frente, se de fato o aluno estava aprendendo, ou não” (Entrevista com Flor, 2022). Movida por esse sentimento de incerteza, a professora acredita que foi realizado as estratégias que se tinham acesso naquele momento.

Flor também expressa sobre o empenho do professor nesse período ao colocar que “Mas de toda forma tem que haver o empenho do professor, e o empenho também desse aluno em querer aprender. Seja de maneira presencial ou de maneira remota” (Entrevista com Flor, 2022). A partir da fala da professora podemos inferir que as práticas escolares vivenciadas na pandemia foram constituídas tanto por empenho das docentes, quanto das crianças, o que nos remete a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (Vigotski, 1991).

Temos, então, a ideia de que a aprendizagem escolar se constitui de maneira mais eficaz quando se trata de um processo colaborativo, em que se pode contar com a colaboração de sujeitos mais experientes na realização de atividades. Isto se faz importante, principalmente, quando pensamos nos alunos que ainda não conseguiram realizar suas atividades de forma autossuficiente ou com alto nível de dificuldade. Assim sendo, a noção de zona de desenvolvimento proximal ajuda a compreender que as práticas pedagógicas escolares devem ser organizadas de colaborativo, sendo capazes de contribuir com o processo de desenvolvimento do aluno. Por isso, ao falarmos de zona de desenvolvimento proximal na

educação, estamos tratando da relação entre o real e o potencial do desenvolvimento. Em outras palavras:

É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotski, 1991, p. 112).

Entendemos que no processo de ensino e aprendizagem, para que aconteça o desenvolvimento satisfatoriamente, é fundamental ter o empenho tanto do docente quanto da criança. O professor deve ser alguém com mais conhecimentos e com entendimento acerca do nível da criança para que se possa desenvolver as Zonas de Desenvolvimento Proximal. É preciso se dedicar para que a autonomia seja um nível de desenvolvimento real, sendo a intenção o que contribuiu para que ela aconteça.

A aprendizagem não é em si mesma, desenvolvimento, mais uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se em aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (Vygotsky, 2008, p.115).

Dessa forma, com base nesse estudo, podemos afirmar que a aula online e a aprendizagem no ensino remoto é possível, no entanto, com a colaboração de alguém para auxiliar as crianças nas realizações das atividades propostas, até que ela possa realizá-las sozinha.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciamos essa dissertação objetivando compreender as significações constituídas nas vivências escolares de professores dos anos iniciais, durante o enfrentamento da pandemia de Covid-19, em uma escola pública localizada no Estado do Rio Grande do Norte. Para isso, buscamos conhecer as condições de trabalho dos professores na pandemia, considerando os recursos pedagógicos disponíveis, as orientações e as formações realizadas por eles com vistas ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, no decorrer do nosso estudo, fundamentado nos pressupostos teóricos e metodológicos da psicologia sócio-histórica e no procedimento analítico dos núcleos de significação, foi possível constatar que o trabalho docente sofreu um impacto significativo na pandemia de Covid-19. Através das entrevistas recorrentes realizadas com as docentes participantes da pesquisa, chegamos a 54 pré-indicadores, que, aglutinados, resultaram em 10 indicadores. A articulação destes, por sua vez, nos levaram a constituição de três núcleos de significações, sendo: 1) as condições de trabalho dos professores na pandemia e os recursos pedagógicos disponíveis; 2) as situações enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho no formato remoto; e 3) as metodologias de ensino pelos professores no formato remoto e suas implicações para o processo de aprendizagem.

Há de se pontuar que um dos nossos objetivos foi mapear e compreender as situações enfrentadas pelos professores no desenvolvimento de seu trabalho no formato remoto e, com esses núcleos analisados, aferimos que os professores tiveram que desenvolver novas habilidades tecnológicas, bem como encontrar formas de manter os alunos participando das aulas remotas. Ainda conseguimos identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos professores no formato remoto e suas implicações para o processo de aprendizagem. Uma das questões que se mostraram mais complexas foram as desigualdades no acesso a educação, com as crianças enfrentando dificuldades de conectividade e recursos tecnológicos.

Podemos perceber, através das falas das docentes, que a vivência foi desafiadora e reforçou a importância da resiliência e da adaptação em sua atuação na docência. Através das análises por meio dos núcleos de significação, conseguimos compreender essas situações: participação das crianças marcada/condicionada por dificuldade de acesso à internet ou equipamento eletrônico (celular) para que as crianças acessassem as aulas remotas e nelas pudessem interagir em um ambiente virtual.

As professoras, em seus discursos, expõem a significação construída por elas sobre o trabalho presencial e remoto, enaltecendo o formato presencial de maneira em que o desenvolvimento para uma aprendizagem é mais eficaz. Destacam a maior possibilidade de monitorar o bem-estar das crianças e suas necessidades de apoio, favorecendo assim no desenvolvimento a escolarização da criança.

Mesmo as docentes tendo a perspicácia de pontuar os pontos relevantes do ensino remoto, elas reconhecem que, apesar das fragilidades desse ensino no período, ele faz a diferença na educação e na vida das crianças, famílias e dos próprios professores. Possibilitou vivências que afetaram tanto positivamente, como negativamente na vida de cada um, considerando a historicidade e singularidade de cada indivíduo conforme a Psicologia Sócio-histórica vem abordando em seus estudos. Aqui, em nossa dissertação, os conceitos dessas categorias em que baseiam e dão toda a sustentação teórica ao nosso trabalho puderam possibilitar uma melhor compreensão do estudo, não com um intuito de esgotar o assunto, mas de possibilitar um meio de se pensar sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicol. cienc. prof.** vol.26, n.2, pp.222-245, 2006.

AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00056.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; ARANHA, Elvira Maria Godinho; SOARES, Júlio Ribeiro. Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. **Teorias, Métodos, pesquisa Educacional cad. de pesquisa**, São Paulo, vol.51, 2021.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; MACHADO, Virginia. A pesquisa sobre atividade docente: contribuições teóricas- metodológicas da psicologia sócio-histórica. In: LIBERALI, Fernanda Coelho; MATEUS, Elaine; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Orgs.). **A teoria da Atividade sócio-histórico-cultural e a escola: criando realidades sociais**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. Brasília: 2013, v. 94, p. 299-322.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2017.

ALESSI, Sandra Mara et al. A crise sanitária aliada às consequências da pandemia pela Covid-19 no contexto da crise do capital. **Universidade e Sociedade**, v. 67, p. 8-21, 2021.

ALESSI, Sandra Mara; SOARES, Maria Suely; PEREIRA, Celeste; MARTINEZ, Milena Maria Costa; MARCH, Claudia. A crise sanitária aliada às consequências da pandemia pela Covid-19 no contexto da crise do capital. Covid-19: trabalho e saúde docente. ANDES-SN: Sindicato Nacional dos docentes das Instituições de Ensino Superior. Universidade e Sociedade, nº67, 2021.

[https://www.andes.org.br/img/midias/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d\\_1611672555.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d_1611672555.pdf)

ALMEIDA, Luana Costa; DALBEN, Adilson. (RE) organizar o trabalho pedagógico em tempos de COVID-19: no limiar do (im) possível. **Educação & Sociedade**, Campinas: v. 41, 2020.

ARAUJO, Francisco Antônio Machado. Considerações sobre o conceito de trabalho e a natureza do trabalho docente à luz do materialismo histórico-dialético. In: ARAUJO, Francisco Antônio Machado; ALBUQUERQUE, Maria Ozita de Araújo; CARVALHO, Maria Vilani Cosme. (Orgs.). **Formação e trabalho docente: educação básica e superior em questão**. Teresina: EDUFPI: 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2017.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CIPRIANI, Flávia Marcele; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CARIUS, Ana Carolina. Atuação docente na educação básica em tempo de pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, 2021.

COSTA, Míriam. Os conflitos vivenciados em torno do trabalho docente na perspectiva de professoras da educação básica em contexto de pandemia. 2021. 326 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2021.

FILATRO, Andrea; CAIRO, Sabrina. **Produção de Conteúdos Educacionais**. São Paulo: Saraiva, 2015.

FURTADO, Odair; BOCK, Ana Mercês Bahia; ROSA, Elisa Zaneratto; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina Gonçalves; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de *et al.* A psicologia sócio-histórica e os fenômenos estruturantes na sociedade capitalista neoliberal. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; ROSA, Elisa Zaneratto; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina Gonçalves; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de *et al.* (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: contribuições à leitura de questões sociais**. São Paulo: EDUC:PIPEq, 2022.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29–41, set. 2020.

GOMES, Romeu. Análise e Interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DELANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOMES, Sheila Freitas; PENNA, Juliana Coelho Braga de Oliveira; ARROIO, Agnaldo. Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e20018, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2023.

GONZÁLEZ-REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 24, p. 155-179, jan.-jun. 2007.

JOHN, D. **Reinventar a vida**: Narrativa e ressignificação na análise. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, Eliana Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme. Prática Educativa, vivência e afetos na constituição de alunos com histórias de sucesso na escola. **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia: 2018, v. 32, p. 765-792.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 3. ed. Porto Alegre: Sulina: EDIPUCRS, 2007.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2020.

NASCIMENTO, Paulo A. Meyer M.; RAMOS, Daniela Lima; MELO, Adriana Almeida Sales de; CASTIONI, Remi. (2020). Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia. **Diretoria de Estudos e Políticas Sociais**, nº 88. ,2020. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>.

OLIVEIRA, Betty Antunes. Fundamentos Filosóficos marxistas da obra Vigotskiana: a questão da categoria de atividade e algumas implicações para o trabalho Educativo. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela (Orgs.). **Vigotski e a escola atual**: Fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara-SP: Junqueira & Marin, 2014.

PACHECO, José Augusto; FLORES, Maria Assunção. **Formação e avaliação de professores**. Portugal: Porto Editora, 2000.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Pais e Educadores**: quem tem tempo de educar? Porto Alegre: 2007

SAVIANI, Dermeval. **CRISE ESTRUTURAL, CONJUNTURA NACIONAL, CORONAVIRUS E EDUCAÇÃO – O DESMONTE DA EDUCAÇÃO NACIONAL.**

**Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-25, 2020.

SILVA, Rosângela Ramos Veloso et al. Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores (as) do estado de Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 6117-6128, 2021.

SOARES, Júlio Ribeiro; ARAÚJO, Dalcimeire Soares de; PINTO, Rafaela Dalila da Costa. Aprendizagem escolar: Desafios do Professor na Atividade Docente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados PUC-SP**. Psicologia da Educação. Ed. 51, 2020.

SOARES, Júlio Ribeiro; BARBOSA, Sílvia Maria Costa; ALFREDO, Raquel Antonio. A atividade pedagógica vivida na escola: significações produzidas em iniciação à docência. In: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 43-60.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Atividade docente e subjetividade: sentidos e significados** constituídos pelo professor acerca dos alunos em atividades de sala de aula. 2011. 328 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

TROITINHO, Maria C. R. *et al.* Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da COVID-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021, e00331162. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00331.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação Social da Mente**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Quarta aula: a questão do meio na Pedologia**. São Paulo: Psicologia USP, 2010.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luis Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008..

## APENDICE -A

**PESQUISADORA:** Hoje, dia 16/12/2022, estamos com a professora Flor da Escola Jardim. – Flor gostaria que você falasse quem é você.

**PROFESSORA FLOR:** *“Quem sou eu!? Eu sou uma pessoa extremamente perfeccionista (risos)... é... gosto muito de estudar também, estudo por prazer. Gosto de me divertir, sou uma pessoa extrovertida, e é isso.”*

**PESQUISADORA:** Me fale um pouco da sua formação.

**PROFESSORA FLOR:** *“Então, é...eu sempre trabalhei na área comercial. Eu sempre fui da área comercial, e no ano de 2010 foi que eu resolvi voltar a estudar e fiz o vestibular pra pedagogia. Durante a graduação eu me identifiquei bastante. Assim, eu me descobri como professora. Então eu atuei durante a graduação no PIBID, foi aonde eu iniciei minha formação na prática como professor. PIBID que é o Programa Institucional de Bolsas de iniciação á Docência. Porque eu estudava na universidade do estado do Amazonas, na época eu morava lá. Então a partir dessa prática, e também do curso, eu vi que realmente era algo que eu me descobri a partir dessas experiências. Depois eu retornei pra Natal, aqui em Natal eu fiz uma pós-graduação no curso de psicopedagogia institucional, e educação infantil em anos iniciais. Terminei o cursinho em 2015, fiquei atuando na rede privada, sempre atuando no ensino fundamental um. No ano de 2017 eu prestei o Enem, entrei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no curso de letras, espanhol. Então essa é minha história na educação. Sempre na rede privada.*

*No ano de 2020 eu fui convocada para um concurso do Estado pra rede pública, e hoje eu sinto que existe uma disparidade muito grande, uma diferença muito grande. É outra experiência que eu estou tendo, ainda estou aprendendo a conviver com essa experiência, porque eu iniciei a minha atuação na rede pública com trabalho remoto, e atualmente, esse ano de 2022 eu atuei no presencial. Então ainda estou começando a sentir essas diferenças.”*

**PESQUISADORA:** – Você poderia falar da sua atuação na época da pandemia? Você entrou na escola já estava no remoto? Você não teve nenhuma atuação no presencial?

**PROFESSORA FLOR:** *“Bom, quando eu assumi o cargo, o cargo público, que eu tomei posse já estava no remoto. E então eu fui, como a escola trabalha projeto, eu fui designada pra atuar de forma remota nas disciplinas de matemática e artes. Então atuei no mês de fevereiro até o mês de outubro, e partir de outubro houve um decreto onde nós retomamos o presencial de outubro até dezembro, mas durante o ano letivo, a experiência ela foi remota. Atuar de forma remota, principalmente na disciplina de matemática, exige do professor muita criatividade, eu diria isso. Porque você sente que os alunos não compreendem. Nessa fase que eles estão, até o quinto ano, era turma do quinto ano que eu ensinava aliás, eles precisam ainda*

*muito do concreto. De perceber objeto, por exemplo se é um objeto de medida, deles verem de fato o que o professor pode trazer na sala de aula. Isso no remoto nós não temos. Então, assim era um trabalho difícil. Eu gravava vídeos com as páginas, eu editava esses vídeos, e eu passava esses vídeos para os alunos em forma de como se fossem filmes com minha explicação usando minha voz e a página do livro. Também via que as vezes eles não conseguiam compreender. Então eu fazia gravações de mostrar para eles, com o caderno e o lápis, como eles fariam da forma escrita expressando como registro. Também tinha uma lousa em casa que eu fazia aulas. Então eu gravava aulas, me gravava dando aulas, e passava para eles também. Então era um trabalho muito difícil, e realmente assim, eu senti que a matemática é muito complicada fazer esse trabalho no remoto. Já artes era uma coisa mais lúdica, mais dinâmica. Tinha uma maior flexibilidade, eu passava atividades que eles poderiam imprimir ou não. Ou eles poderiam criar. Então era algo mais livre, eles também tinham o livro e tinham algumas atividades do livro, mas eles conseguiam realizar com mais autonomia. A disciplina de artes fica as questões até hoje. Será que eles fizeram? Será que eram os responsáveis? Será que eles estavam ali usando a calculadora? Será que eles me entenderam? Assim de fato, você não tem muito como avaliar o aluno, e o aprendizado do aluno. É algo bem superficial'.*

**PESQUISADORA:** – Flor, se você fosse fazer uma avaliação do ensino remoto no período do seu trabalho. Como você avaliaria?

**PROFESSORA FLOR:** *“Eu acredito assim, avaliando para o aluno, embora tenham as dificuldades, de certa forma esse trabalho é produtivo porque ele ‘tá mantendo o vínculo com a escola. Então, o fato do aluno está mantendo um vínculo, e nós percebemos na volta para o presencial que esse aluno que acompanhou essas aulas remotas, ele tem avanços maiores do que aqueles que não acompanharam. Agora com relação a questão do professor, ele precisa ter o conhecimento tecnológico. Que no meu caso era importante porque eu tinha esse conhecimento, mas eu tenho dependente alguns professores que não tinham essa habilidade. Por exemplo, com informática, com habilidades de fazer gravações, que eu baixei aplicativo ‘pra gravações, ‘pra editar vídeos. Então assim, exige mais trabalho, apesar de terem uma concepção de que professor que dá aula remota ele trabalha menos, eu acredito que ele trabalha mais. Porque ele perde mais tempo pensando nas atividades e editando vídeos, editando atividades. Então assim, avaliar, eu acredito que o trabalho presencial ele é mais produtivo ‘pra aprendizagem, mas o trabalho remoto ele foi importante ‘pra o contexto social que a gente estava vivendo da pandemia. Mas assim, não é algo que eu creio que seja, vamos dizer que substitua o ensino presencial, é algo emergencial”*

**PESQUISADORA:** – A professora Flor se sentiu impactada de alguma forma com essa experiência?

**PROFESSORA FLOR:** *“Bom, como eu falei anteriormente, eu vinha da rede privada então assim, quando iniciou a pandemia no ano de 2020, eu estava na rede privada. E a rede privada, eu tinha que criar também um mecanismo que eu pudesse dar aula. Então quando eu assumi a rede pública, esse conhecimento que eu já trazia utilizei na rede pública. Então, por isso ‘pra mim não foi como um teto público, porque eu já vinha de uma experiência, já tinha os caminhos, eu já tinha orientação dos caminhos.”*

**PESQUISADORA:** – Eu agradeço a sua disponibilidade, e obrigada pelas respostas na entrevista.

## APENDICE -B

**PESQUISADORA:** Hoje dia 16 de novembro de 2022, 12 horas e 29 minutos, estamos com a professora Sempre Viva, que é professora aqui da Escola Jardim – Sempre Viva quem é você?

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Meu nome é Sempre Viva, eu sou Sempre Viva, tenho 32, vou fazer 32 anos agora no final do mês, eu sou mãe, sou filha, sou mulher, professora e é isso, acho que é isso. Sou tudo isso, e reconheço essas funções, essas habilidades e sou muito feliz por eu ser quem eu sou.”

**PESQUISADORA:** – SEMPRE VIVA fale um pouco da sua formação. Sobre encontro com a educação.

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Então, é... Eu escolhi ser professora, sou formada em pedagogia pela UFRN, tenho especialização em educação matemática pelo IFESP, Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, é... E eu sempre tive interesse em ser professora pelo exemplo da minha mãe, minha mãe é professora, eu tenho tios professores, tias. A minha família é cercada e repleta de professores, e isso sempre me encantou. E eu também fui professora na igreja, e sempre me vi nessa função, exercendo também essa profissão. Enfrentei alguns obstáculos, na família meu pai não queria que eu fosse professora devido à baixa remuneração e o pouco reconhecimento da sociedade em alguns lugares, mas era o que eu queria e eu fiz vestibular na época, passei e eu sou muito realizada, muito satisfeita por ser professora. Não me vejo em outra profissão, não me vejo fazendo outra coisa. Eu faço com muito amor, eu faço com muita dedicação, porquê eu realmente gosto e escolhi isso ‘pra minha vida”.

**PESQUISADORA:** – SEMPRE VIVA, como foi a sua chegada, a sua iniciação aqui na Escola Estadual Doutor Manoel Dantas?

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Então, eu precisava e trabalhava em outra escola, e eu precisava de uma escola mais próximo do trabalho da minha mãe, ou trabalho do meu pai ‘pra facilitar na época o transporte devido a algumas situações pessoais na época. Então, a escola estava fechada por um período, minha mãe passou aqui na frente e viu que estava a placa de reabertura, estavam aceitando alunos, professores. E aí eu vim um dia aqui, e perguntei se estavam precisando de professores e eles disseram que sim, então ‘dali já veio a minha transferência. E assim eu fui a primeira professora a chegar antes mesmo de começarem as aulas, eu fui a primeira a chegar, arrumei as salas, limpei junto com o pessoal do ASG, toda estrutura da escola no começo da reabertura”.

**PESQUISADORA:** - SEMPRE VIVA me fale um pouquinho da sua experiência na época da pandemia.

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Então, na época da pandemia, é... foi uma surpresa ‘pra todos nós acredito, devido a mudança brusca da realidade né, da situação do país, das pessoas. E inicialmente eu me vi um pouco ansiosa ‘pra começar o trabalho, e quando foi decidido mesmo que iríamos começar o trabalho remoto, eu me preparei ‘pra dar o melhor. Então eu abri um canal no YouTube, eu gravei vídeos ensinando a fazer jogos com música, ensinando a calcular adição, multiplicação. Justamente ‘pra quando enviar para os alunos, ser uma pessoa conhecida íntima deles, e não ser apenas aquele vídeo retirado da internet, do YouTube dado aos alunos. Então eu tive essa preocupação no começo de fazer o canal, mas infelizmente não teve tanta receptividade por partes dos alunos. Alguns por motivos né, de ter acesso a internet, os dados serem pouco ‘pra abrirem os vídeos, outros por desinteresse devido a situação de ter que estudar em casa, ter que estudar a noite. E então eu fui buscando outros métodos, comecei com os vídeos e fui buscando outras situações. Então eu utilizava jogos, é produções de jogos, produções de outros tipos de materiais ‘pra tentar chamar atenção e cativar os alunos, prender os alunos nas aulas remotas, porque com o tempo vai se cansando, vai se tornando um pouco repetitivo devido ao mesmo formato né, se encontrar, e não ter muitas possibilidades de explicar, e demonstrar o conteúdo ‘pros alunos.”

**PESQUISADORA:** – Como eram realizadas essas aulas?

“Então, foi feita pelo WhatsApp, foi feito um grupo de WhatsApp. Inicialmente, se eu não me engano, a gente tinha toda semana, cada professora pegava um grupo, que aqui na escola a gente trabalha com grupos de aprendizagem. Então cada semana a gente trabalhava com um grupo, e eu ficava somente com a oficina de matemática, que é minha oficina aqui na escola. Então toda semana era um grupo diferente, e eu elaborava atividades que os alunos, ou poderiam imprimir, ou poderiam copiar no caderno e responder em casa né. Então as vezes eu enviava realmente vídeos, alguns feitos por mim, outros retirados da internet e eles viam a explicação, e a gente se comunicava por mensagem de texto ou áudios, algumas vezes foi necessário fazer videochamada dependendo da criança, alguns tinham mais dificuldade, foi feito videochamada também ‘pra tentar explicar ‘pra criança e tirar as dúvidas que eles tinham.”

**PESQUISADORA:** - As aulas ocorriam no horário pela manhã? À tarde? Como era?

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Não, devido a coordenação junto com a gestão na época, achou melhor fazer no turno da noite, pois a maioria dos alunos utilizavam o celular dos pais e os pais estavam trabalhando durante o dia. Então somente a noite que eles tinham acesso aquele celular, aquele aparelho. Então foi decidido por fazer as aulas remotas no horário da noite. Que aconteciam das 19:00 horas e iam até as 21:00 horas. Mas a gente também trabalhava durante o dia, pois era encaminhado atividades de casa, e os alunos durante o dia iam me enviando atividades, fotos das atividades e a gente precisava fazer as intervenções, correções. Então, o horário de aula era propriamente no horário da noite, mas durante o dia a gente trabalhava em alguns outros horários também devido essas intervenções que eram necessárias serem feitas”

**PESQUISADORA:** – Sâmela, qual foi a sua avaliação? A sua experiência? Como é que você poderia avaliar durante esse período?

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Eu acho que ‘pra o momento foi válido né, não pensando na realidade da nossa escola, na realidade dos nossos alunos. Acredito

que não teria muito que ser feito, não poderia ser feito mais. Foi tentando ver a questão de atividades em folhas, impressas. Mas sempre a gente esbarrou em outras dificuldades, e a melhor opção foi realmente da forma que foi feita, mas eu avalio positivo né, pois alguns alunos mesmo com muitas dificuldades, realmente avançaram com as aulas remotas, mas infelizmente não é um formato que atinge muitas crianças né, algumas crianças precisam do atendimento pessoal, algumas crianças precisam da presença do profissional, da fala, da intimidade do contato com o professor 'pra aprender né?, demonstração, diferentes tipos de demonstração, porque na sala a gente utiliza um jogo, utiliza um desenho, a gente utiliza diversas estratégias 'pra chegar no mesmo objetivo. E graças a Deus tem crianças que conseguiram atingir os objetivos de forma remota, mas outras não conseguiram né? mas eu acredito que diante de toda situação que vivemos, que o mundo viveu, eu acredito que foi valido sim, pois as crianças não deixaram de ter aula nesse período.”

**PESQUISADORA:** – Sempre Viva, na sua fala, você falou com relação ao horário, que as aulas eram a noite, e durante o dia eles ficavam encaminhando os trabalhos. Eu fiquei curiosa 'pra saber como é que você dividia esse tempo. Porque eu acho que você faz as coisas em casa também, como outros afazeres. Como foi?

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** “Então, eu tive muita dificuldade nos dois horários né, porque com a pandemia eu fiquei em casa sozinha com a minha filha de três anos, na época tinha três anos, então, é... o horário das aulas a noite era o horário que eu tinha da janta, dar o banho, colocar 'pra dormir. Então foi uma readaptação que eu tive que fazer na minha filha 'pra poder atingir, 'pra poder conseguir dar essa aula remota., demorou um bom tempo 'pra ela se adaptar, e durante o dia eu tinha ... é... muita dificuldade também, porquê sozinha em casa né, a gente tem os afazeres com comida, com a questão da limpeza, mas eu dividia o tempo quando a minha filha dormia, ou tinha algum outro espaço dentro da minha rotina que eu conseguia olhar, mas realmente já teve vezes de durante o almoço eu está explicando atividades, eu levar livro 'pra praça com a minha filha no momento 'pra ela se distrair, eu ir com livro com material, enquanto ela brincava eu 'tava dando aula, mandando mensagem de texto, gravando vídeos. Então assim, foi uma adaptação.

Sempre tentando se adaptar 'pra conseguir suprir a demanda em casa e a demanda fora.'"

**PESQUISADORA:** Professora Sempre Viva eu agradeço a sua disponibilidade e sua colaboração com a nossa pesquisa.

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** de nada!

## APENDICE – C

**PESQUISADORA:** Bom-dia, hoje são 16/12/2022, 12 horas e 40 minutos, estamos na Escola Jardim com a professora que vai falar quem é ela – Quem é você?

**PROFESSORA CACTOS:** “Bom-dia, ou boa tarde né? A todos, meu nome é Clarisse, eu tenho 50 anos, sou professora há 30 anos, atualmente sou professora na Escola Jardim. Sou mãe, esposa, ‘vó, e (PAUSA, PENSATIVA)\*... é isso!...”

**PESQUISADORA:** - Professora **CACTOS**, você poderia falar um pouco como foi seu encontro com a educação? Como você se tornou professora?

**PROFESSORA CACTOS:** “Certo, na verdade eu comecei na educação muito jovem, aos 12 anos de idade eu fui convidada por uma professora da escola que eu estudava, eu estudava no Colégio Adventista do Sétimo Dia, e uma professora do período da tarde de educação infantil perguntou, é... se eu não queria ajudá-la no período da tarde, que eu estudava pela manhã, se eu não queria ajudá-la a tarde com as crianças. E aí minha mãe permitiu que eu fosse. E aí eu comecei na educação com 12 anos sendo auxiliar de classe. E a escola né, vendo meu desempenho, é... aos 14 anos eu fui convidada ‘pra fazer parte da equipe da escola. Eu fui contratada, meu primeiro emprego de carteira assinada aos 14 anos de idade, e aí eu fiquei nessa escola sendo auxiliar até, é... meus 19 anos. E aos 19 anos quando eu terminei o antigo ensino fundamental, que é o primeiro grau, eu já fui fazer o magistério. E aí eu comecei o magistério com 14 anos e terminei com 19 anos, foi quando eu assumi a minha primeira turma, minha mesmo, minha sala de aula! Aos 19 anos de idade... E passei por escolas privadas, escolas pequenas, escolas de bairro, e trabalhei também em grandes colégios. É... O último colégio que eu trabalhei lá em São Paulo era colégio católico, uma escola católica onde nós tínhamos praticamente cinco mil alunos, uma escola bem grande que atendia desde a educação infantil até o ensino médio. E quando eu me mudei aqui ‘pra Natal, eu prestei o concurso, e a primeira experiência com escola pública foi aqui em Natal,

que fazem três anos e pouco que eu estou na... na... rede pública. Então a minha vida inteira né, 27 anos de escola foram dentro da escola privada. Então dentro da escola privada eu passei por várias metodologias né, várias teorias. Desde a escola bem tradicional... bem tradicional, daquela conteudista, até sociointeracionista que foi a última escola que eu trabalhei antes de assumir no Estado sociointeracionista. E é isso, a minha experiência pela escola é de uma vida inteira (risos).”

**PESQUISADORA:** – Como foi, professora Cactos que você começou a trabalhar na Escola JARDIM? Como foi esse encontro?

**PROFESSORA CACTOS:** “Pra mim foi muito desafiador, porque é... como eu já disse, eu vim de escolas privadas e eu nunca tinha tido experiência na escola pública e ‘pra mim foi um desafio muito grande, é primeiro choque de realidades que nós temos quando chega em uma escola pública, é... a clientela né, é uma clientela totalmente diferente, necessitada né, escola que precisava passar por muitos ajustes em termos físicos né, a escola física tinha muitos problemas, e... o choque que você tem de realidades, mas não, porquê você não queira estar naquele lugar por conta de ser escola pública, mas de você perceber o quanto que a educação pública precisa de profissionais qualificados, de pessoas comprometidas. É ... uma outra visão né, e assim, quando eu cheguei na escola pública, quando eu cheguei aqui no Manoel Dantas a minha vontade era sair daqui no terceiro dia (RISOS). Assim, não pelas crianças, não por ser escola pública, mas por todo um histórico que a escola tinha de forma de gestão né. Então assim, nem na escola privada que tinha dono, a realidade da escola aqui era uma escola que alguns se achavam os donos da escola, só que aqui é um espaço público, a escola é de todos né, meu maior desafio essa aceitação, foi tentar entender como é que um espaço público poderia ser de uma certa forma dominado por pessoas que tem o mesmo cargo que eu, funcionário público, servidores né. Então ‘pra mim minha maior dificuldade foi essa. E choque mesmo porque você vê que a escola precisava de limpeza, precisava de é... coisas básicas, ar-condicionado né, porquê aqui é muito quente e a gente vê essas necessidades todas e a escola pública a gente pode fazer, mas é tudo muito lento. Tanto é que agora que as coisas ‘tão engrenando né, está melhorando, a escola passou por parte de uma reforma né, a parte administrativa também de gestão é outra, é uma outra visão, um outro olhar né, e que tem melhorado. Assim, hoje aqui

na Manoel Dantas a gente trabalha com mais tranquilidade, com mais leveza né. Coisas que anos atrás, quando eu entrei não era, eu tive uma outra realidade.”

**PESQUISADORA:** – Professora, você poderia falar sobre a sua experiência no período da pandemia do seu trabalho nessa época?

**PROFESSORA CACTOS:** “Sim...Sim, aqui na escola não parou nenhum dia da pandemia né, de primeiro momento a coordenação junto com o grupo de apoio pedagógico e gestão criaram o grupo de WhatsApp ‘pras famílias, juntamente com as famílias ‘pra que as crianças não tivessem nenhum dia sem aula, e foi justamente o que aconteceu. Nós começamos, é... professores, nós começamos em maio, foi um mês, praticamente quase dois meses depois que a escola foi fechada que as professoras pegaram e começaram as aulas remotas né. É... Era uma coisa nova ‘pra nós, ‘pra todo mundo, um desafio grande de poder atender o maior número possível de crianças, de alunos, diante de tantas dificuldades que as famílias estavam enfrentando, né, por desemprego, não tinham internet, não tinham um telefone que comportasse ver vídeos. Então nós tivemos muitas dificuldades. E como professora mesmo, eu digo que na pandemia eu acabei, nós, eu acredito que todos nós professores, acabamos tendo um outro tipo de olhar ‘pra educação, e ao mesmo tempo que nós tivemos outro tipo de olhar, nós precisamos se reinventar ‘pra poder dar aula. E essa reinvenção ela veio de uma desconstrução de tudo que a gente já tinha vivido ‘pra construir tudo novo e assim... ‘pra mim, (Risos) eu trabalhei muito mais na pandemia do que nesse ano mesmo, porque quando eu ia selecionar um vídeo por exemplo, ‘pras crianças assistirem, eu assistia dez vídeos, oito vídeos, sete vídeos ‘pra poder escolher um que ficasse de acordo com a necessidade que os alunos estavam necessitando. Então a preparação ‘pra aula ela se tornou com muito mais tempo, você tinha que disponibilizar muito mais de tempo, do que a própria aula em si. E de fato, com o passar dos dias a gente foi percebendo que as famílias por conta de muitas dificuldades de acessar internet, as vezes a internet era só dos dados móveis, não tinha como as famílias assistirem, as crianças. Então eles já queriam só que a gente desse as atividades... Qual que é as atividades? O quê que é que tem que fazer agora? Então só queriam que a criança fizesse atividade, não a preparação da aula inteira, desde o momento literário que nós temos aqui todos os dias, inclusive nas aulas online nós tivemos na pandemia, até o

encerramento que era as crianças concluírem as atividades e registrarem a, em fotos, 'pra enviarem 'pra nós o registro da atividade pronta 'pra gente poder fazer a correção e devolução 'pra família, 'pra o aluno e tudo mais. Então a gente ficava as vezes, eu, no meu caso ficava muito tempo elaborando a atividade, e quando era na hora da aula a família queria só as páginas do livro que a criança tinha que fazer, ou uma atividade que fosse no caderno o quê que era 'pra ser feito. Então isso com o passar do tempo acabou meio que a gente desanimando, porque você precisava planejar aquela aula da melhor qualidade 'pra que seu aluno tivesse a melhor forma de aprendizado, porque ele não tinha outro contato com o professor, a não ser escutar o áudio que o professor mandava, e assistir os vídeos, né. Então, só que por outra contrapartida foi notório que crianças que tinham assiduidade nas aulas elas aprenderam, não como se estivesse em sala de aula, lógico que não né, que isso aí não tem nem lógica, não tem como comparar, mas muitas crianças, eu trabalhava no primeiro ano e as crianças foram alfabetizadas, elas conseguiam ler, elas conseguiam escrever frases no final do ano, mas foi com muito esforço das famílias e o interesse dos alunos. Então, tanto é que quando nós retornamos o ano passado, as crianças que tiveram aula online que conseguiram assistir remotamente, elas estavam anos luz dos que não tinham tido nenhuma aula. Então a gente via assim que todo esforço por mais dificuldade que tivemos, deu resultado, porém aquelas que não tiveram oportunidade, ficaram né sem ter essa oportunidade, e aí quando nós retornamos elas tiveram muitas dificuldades, como tem muitos até hoje né, ainda não se recuperaram das perdas que tiveram dos anos da pandemia.”

**PESQUISADORA:** - Professora **CACTOS**, como você avalia no geral? Suas atividades, seu planejamento... Como é que você avalia no geral?

**PROFESSORA CACTOS:** “Olha, eu faço avaliação que 'pra mim foi tudo muito novo, eu tive um aprendizado muito grande né, como eu disse, tive que se reinventar né, e a pandemia ela também de uma certa forma nos trouxe algo que chacoalhou a educação, não só as outras áreas né de trabalho, mas a educação, a educação precisou de um “chacoalhão” 'pra poder atender essas crianças né. Então eu vejo que o aprendizado na pandemia ela poderia ter sido melhor, se os instrumentos que nós tivéssemos fossem outros, né. Então, um exemplo, se o governo tivesse disponibilizado tablet 'pras crianças, 'pra que ela pudesse ter acesso né. É...Quem

participa do bolsa família ter internet gratuita em casa 'pra que essas crianças pudessem acessar né, ter facilidade, porque, nós tivemos alunos que a mãe não tinha internet em casa, ia na casa de uma amiga, andava não sei quantos minutos, meia hora, quarenta minutos a pé lá na casa da amiga 'pra poder pegar as coisas da internet 'pra conseguir baixar, e vinha 'pra casa 'pra criança fazer, tirava fotos e mandava, ia de novo, daí dois, três dias 'pra entregar as fotos e pegar conteúdo de novo. Então assim, 'pra essas crianças foi muito trabalhoso 'pra essas famílias. Então a avaliação que eu vejo assim, acho que o governo de uma certa forma acabou cobrando das escolas algo que ele não deu assistência, porque se ele queria todo mundo na aula remota, ele teria que dar condições 'pra todo mundo está na aula remota, e isso ficou por conta da gente. Eu mesmo, meu computador queimou eu tive que comprar um outro, o Estado não me deu outro né, porque é uma ferramenta minha, sendo que o governo deveria me dar, pagar minha internet que eu estava usando a minha internet né. Então assim, energia, que eu ficava horas no computador na hora da aula. Então, assim... Eu acho que o governo falhou nisso, de criar estratégias que de fato todas as crianças pudessem ter a chance de estudar na pandemia. A minha avaliação é aquele que se dedicou, que pôde, que teve oportunidade, se dedicou, teve avanço. Aquele que não teve condições, infelizmente teve perdas. E o poder público não fez nada.”

**PESQUISADORA:** - Professora **CACTOS** gostaria de agradecer a sua disponibilidade e teremos outras oportunidades de dialogar mais sobre a educação.

**PROFESSORA CACTOS:** Eu que agradeço.

## APENDICE – D

**PESQUISADORA:** Boa tarde, hoje primeiro de junho de 2023, gostaria de agradecer inicialmente pela sua contribuição disponibilidade Professora Flor a em participar de nossa pesquisa, gostaria que você falasse sobre seus sentimentos na época do trabalho remoto, se algo lhe afetou de alguma forma no seu ânimo? Comente sobre a carga horária de trabalho e a relação da família com a escola, e quais estratégias você usou, atividade. E se em algum momento você sentiu a necessidade de se reinventar? De ter outro olhar para a educação?

**PROFESSORA FLOR:** Boa tarde professora Milena, tentar responder esses questionamentos com relação aos sentimentos da época da pandemia, eu acredito que os sentimentos eram assim de incerteza, de angústia de certa forma por... não saber quanto tempo levaria esse tempo de aulas remotas, ou como seria o futuro de todos nós de uma maneira geral.

E era uma questão de angústia de certa forma porque, ao ensinar o aluno através apenas de um aparelho celular, que era esse... esse... o aparelho tecnológico que nós tínhamos para manter contato com o aluno. Então, de certa forma você não sabia, apesar das muitas estratégias utilizadas, que vou falar mais a frente, se de fato o aluno estava aprendendo, ou não.

Com relação a carga horária de trabalho, é... As aulas eram dadas todos os dias durante um período acredito de duas horas, confesso que não me recordo fielmente, mas tinha que ser reduzido o tempo. Então assim, era um horário mais reduzido pelo fato de ser de forma remota, porém havia mais trabalho no sentido de gravar vídeos, de editar, de criar essas estratégias mesmo.

Essas estratégias utilizadas por mim, criação de vídeos, edições, as vezes vídeos feitos na câmera mesmo do celular, outros vídeos me filmavam e editava esses vídeos pra mostrar aos alunos ou um aplicativo que escaneava o livro didático e através do escâner eu ia explicando para o aluno. Então assim, com relação a YouTube eu não cheguei a utilizar não.

Bom essa questão de se reinventar, de toda forma foi uma reinvenção essa criação de vídeos, de filmes porquê não é algo que nós utilizamos na prática do dia a dia na forma presencial, né? Na forma presencial não é preciso esse tipo de estratégia.

Com relação a questão escola e família, não existia essa proximidade como existe na forma presencial porque só quem tinha contato com um grupo específico com às famílias era a coordenação da escola e a gestão. Nós professoras não mantínhamos contato com às famílias de forma tão intensa, principalmente com os alunos que nós dávamos aula. Um outro ponto é a questão do olhar 'pra educação, o olhar que eu tenho hoje é que de toda forma a educação pode ser reinventada, né? Pode ser reinventada de maneira em que você chegue a qualquer lugar hoje com a tecnologia mesmo em uma situação de pandemia como foi, ou em outra situação, a tecnologia de certa forma ela ajuda, ela contribui.

Mas de toda forma tem que haver o empenho do professor, e o empenho também desse aluno em querer aprender. Seja de maneira presencial ou de maneira remota.

Espero que tenha contemplado aos questionamentos, e estou à disposição.

## APENDICE – E

**PESQUISADORA:** Hoje são 06 de junho de 2023, bom dia Professora SEMPRE VIVA, inicialmente gostaria de agradecer pela sua disponibilidade novamente para a realização dessa entrevista, se possível fosse gostaria que você falasse um pouco mais sobre a sua atuação no trabalho remoto na pandemia, mas focando bem a questão da relação da família com a escola, os recursos criados e utilizados nessa tentativa de superar as dificuldades do ensino, e se algum momento você teve a necessidade de se reinventar?

**PROFESSORA SEMPRE VIVA:** Certo, Milena, posso falar sobre essas questões. Minha querida, durante a pandemia as atividades foram realizadas pelo WhatsApp, enviadas pelo WhatsApp, feitas em grupos de WhatsApp. Então, a gente digitava as atividades no documento do Word enviava em dois formatos em pdf, e em Word o aluno poderia imprimir ou copiar em seu caderno, e fazer em casa. É... (pausa)... Alguns não realizaram devido à dificuldade de internet, devido à dificuldade mesmo do celular. Por isso as aulas eram feitas no horário da noite. A dificuldade financeira da família foi visível.

Em relação a inovação, o que eu pude fazer pra me reinventar foi criar o canal no YouTube, né? Eu fiz um canal no YouTube onde eu gravei alguns vídeos explicativos, alguns jogos, algumas coisas pra tentar exemplificar eles escutando a minha própria voz, vendo a minha imagem, alguém que já tinha um rosto conhecido, e não algo já pronto encontrado na internet. Alguns viram aquilo como ponto positivo, mas devido realmente a dificuldade da internet alguns não visualizavam. Então tinham essa dificuldade mesmo com relação, mais a situação financeira, das famílias relacionado a isso.

Mas foi uma coisa que foi muito útil por quê ainda hoje eles comentam sobre o canal, alguns ainda se inscrevem, assistem os vídeos. Então, vejo como algo positivo, que eu realmente preciso ainda dar continuidade.

## APENDICE – F

**PESQUISADORA:** Hoje 10 de junho de 2023, primeiramente professora, gostaria de agradecer pela sua disponibilidade e contribuições para nossa pesquisa que está sendo de grande valia, e se possível falar um pouquinho ainda, dos recursos que foram utilizados por você na época da pandemia para superar as dificuldades nesse período, professora CACTOS?

**PROFESSORA CACTOS:** Estou a disposição... Milena, no começo apenas o WhatsApp era utilizado, e vídeos né? que já tinham no YouTube, já publicados.

E com o passar do tempo se percebeu a necessidade de...até mesmo... por conta de alfabetização, primeiro ano, eu e Alexandra precisamos fazer vídeos mesmos nossos, até mesmo produzir vídeos nossos para auxiliar na alfabetização juntamente com a professora Alexandra. E criar um vínculo, o mais importante que nós percebemos era que se eles nos vissem através desses vídeos, esse vínculo afetivo ficaria mais forte. E conseqüentemente.... É... Melhoraria o ensino e aprendizagem, e o desenvolvimento delas... foi exatamente isso que aconteceu. E com o passar do tempo somente eu percebi que apenas os vídeos estavam ficando pouco... como recurso, repetitivos e com poucos recursos, e nós sabemos que para a aprendizagem de qualquer nível escolar tem a necessidade de ter algo diversificado para motivar, e incentivar os alunos na aprendizagem. Né? Ter o interesse de aprender.

Ai a gente, acabamos descobrindo a existência de um jogo on-line, um.... (pausa) não lembro o nome direito do jogo, mas depois posso procurar, nesse jogo você poderia montar qualquer disciplina em qualquer tema. Tinha vários temas, quebra-cabeça, alternativas, roletas. Enfim, tinha uma infinidade de ferramentas dentro do jogo que você montava, e era bem legal porque as crianças gostam de jogo. E eles terminavam e executavam o jogo, e tiravam 'print da atividade e eles enviavam. Então foi um recurso muito bom para aprendizagem.

E também fora esse jogo, na verdade era umas quatro plataformas que eram destinadas a atividades lúdicas para as crianças, uma melhor, outra com menos

recursos, mas dava para usar todas. E todos os dias tinha uma atividade de jogo, ajudou bastante e eles ficavam ansiosos esperando para fazer a atividade do jogo, algo lúdico.

Agora as atividades nos cadernos, é Milena, foi feito da seguinte forma, como precisou... Vimos a necessidade de montarmos nossos próprios vídeos, inclusive, por ser primeiro ano a gente precisou ensinar as crianças a utilização dos cadernos, né? Através dos vídeos que a gente colocava assim, como eles eram pequenos, nós enviávamos as atividades de folha em um arquivo, e eles colocavam as respostas no caderno, porque como eles eram muito pequenos para ele copiarem tudo, né, demandava tempo e cansava eles, a família e mais sendo a noite, então a gente achou melhor eles responderem sem precisar copiar os enunciados, e deu certo, as atividades do caderno e do livro. Nós usávamos mais os livros do que os cadernos, mas eu gostava que duas vezes na semana era usado o caderno para eles não perderem o contato com a escrita e com seu próprio caderno.

Outro recurso também, Milena, que era usado bastante também era o áudio, eles mandavam as respostas por áudio, então a gente escutava às vozinhas deles, e os vídeos que eles também produziam, eles enviavam também. E, algumas vezes. É, e nós utilizamos a plataforma a plataforma 'Google Meet para fazer e realizar aulas virtuais com eles, ao vivo, vamos dizer assim, com a presença de outras pessoas. No caso, meu genro toca guitarra, então eu fiz uma festa junina com eles, ele tocando... e as crianças cantando, forró, músicas juninas, e no final do ano montamos um pequeno coralzinho para eles cantarem músicas natalinas, e também foi bem legal.

Então assim, utilizamos vários recursos, né? Para ser possível atender melhor nossas crianças, mas nada substitui a aula presencial, Milena, nada substitui.

Qualquer coisa estou a disposição para mais esclarecimentos.